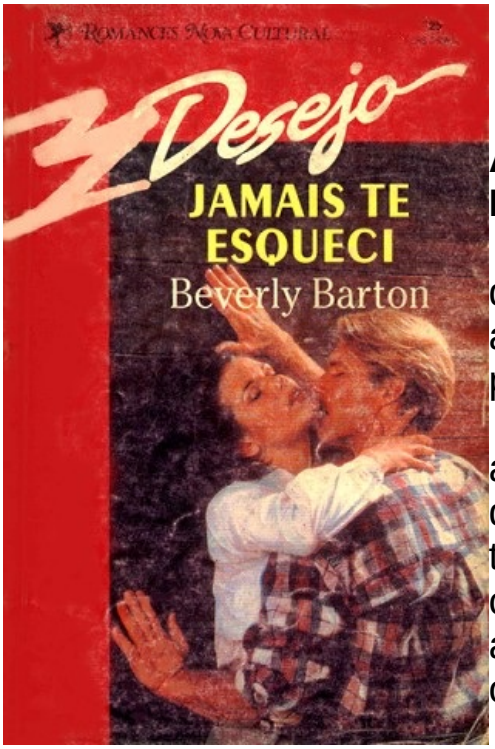




JAMAIS TE ESQUECI

Título original: THE MOTHER OF MY CHILD

Beverly Barton



Série: The Mother of my child

O TEMPO NÃO CONSEGUIU APAGAR A MARCA DE UMA LOUCA PAIXÃO.

Membro de uma das mais ricas famílias do Tennessee, Spencer Rand foi um adolescente rebelde. Para desespero dos pais, apaixonou-se pela filha da empregada.

Mesmo amando perdidamente a linda e atrevida Pattie Cornell, Spencer foi embora da cidade e jamais olhou para trás. Até que, treze anos depois, a revelação de um chocante segredo sobre sua família e sobre a mulher que ele não foi capaz de esquecer obriga-o a voltar à cidade natal!

Doação: Mana

Digitalização: Alê M.
Revisão: Ana Ribeiro



Este livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos, de fãs para fãs.
Sua distribuição é livre e sua comercialização estritamente proibida.
Cultura: um bem universal.

Querida leitora

Sem dúvida alguma, a manifestação mais revolucionária do espírito humano é o amor. No sentido de que ele não respeita convenções sociais, diferenças de idade, de cultura, de nacionalidade, de religião etc.

Tanto quanto eu, você sabe que não adianta ninguém proibir ou impor nada a dois corações apaixonados, certo? Enfim, o amor é feito água morro abaixo: não há o que o segure...

E exatamente o que acontece neste empolgante romance de Beverly Barton. O rico Spencer e a pobre Pattie se apaixonam, e aí começam os problemas! E também a linda história de amor que você vai ter o privilégio de ler.

Roberto Pellegrino Editor

Copyright © 1994 by Beverly Beaver Originalmente publicado em 1994 pela Silhouette Books Divisão da Harlequin Enterprises Limited.
Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.
Esta edição é publicada através de contrato com a Harlequin Enterprises Limited, Toronto, Canadá.
Silhouette, Silhouette Desire e o colofão são marcas registradas da Harlequin Enterprises B.V.
Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: THE MOTHER OF MY CHILD
Tradução: Cristina Sangiuliano

Copyright para a lingua portuguesa: 1994 CIRCULO DO LIVRO LTD A.

EDITORA NOVA CULTURAL uma divisão do Círculo do Livro Ltda.
Alameda Ministro Rocha Azevedo, 346 - 9^{9} ANDAR CEP 01410-901 -

São Paulo - Brasil
Fotocomposição: Círculo do Livro Impressão e acabamento: Gráfica Círculo.

PRÓLOGO

— Allison é minha filha! A carta escorregou dos dedos de Spencer Rand, caindo no tapete oriental a seus pés.

Aproximou-se da janela e observou a garota. Com olhar intenso e fascinado, Spencer estudou a menina que acreditara ser filha de sua irmã. Allison estava sentada em uma grande espreguiçadeira, parecendo ainda mais delicada do que realmente era. Usando os óculos de aro metálico, concentrava-se na leitura de um romance.

— Sua e de Pattie Cornell.

Peyton Rand observava o irmão, do outro lado do escritório, com olhar firme.

Spence deu-se conta de que não prestara muita atenção à sobrinha, nas poucas vezes em que a vira, ao longo dos últimos treze anos. Se houvesse agido de maneira diferente, teria percebido o que via agora?

As formas pequenas e compactas de Allison guardavam a promessa de um corpo exuberante, embora cuidadosamente escondidas sob o vestido largo. Certamente, teria as curvas arredondadas da mãe. O rosto, porém, era idêntico ao do pai. Desde os olhos azul-esverdeados, até a boca bem desenhada, de lábios carnudos, e os cabelos castanhos e longos. A única diferença entre os dois era o toque rústico dos traços do pai, atenuados pela feminilidade da filha..

— Há quanto tempo você sabe? — Spence perguntou. — A família toda sabia? Você... Valerie... o velho?

Como podia ter sido tão cego? Como podia ter olhado para Allison, sem ter visto o reflexo do próprio rosto a fitá-lo?

— Juro que não sabia — Peyton respondeu. — Não até Valerie e Edward pedirem-me para preparar seu novo testamento. Quando nomearam você como guardião de Allison, fiquei surpreso.

— Quando foi isso? Há quanto tempo você sabe?

— Três anos.

Uma torrente de emoções bombardeou Spence: raiva, dor, medo e choque, combinados às lembranças já quase esquecidas de seu primeiro amor. Sua mente mergulhou em imagens da paixão desenfreada que partilhara com uma garota, que não via há catorze anos.

Recordando cada palavra contida na carta da irmã, Spence virou-se

para o irmão, desejando respostas para as perguntas que se formavam em sua mente. Queria que Peyton negasse as declarações de Valerie. Não queria ser pai. Não podia assumir as responsabilidades da paternidade. Seu estilo de vida não oferecia espaço para uma criança. Era um solitário, um boêmio, um homem que amava viver de aventuras.

— O que devo fazer com ela, Peyt? Sou o último homem na face da terra, que qualquer pessoa, especialmente uma garotinha delicada com Allison, iria querer como pai.

— Está dizendo que não a quer?

A culpa provocou um aperto no peito de Spence. Se não queria sua própria filha, que tipo de homem era, então? Um homem consciente de que a filha viveria muito melhor sem ele, disse a si mesmo. Sempre fora um fracasso em seus relacionamentos. Por mais que desejasse ser diferente, acabava estragando tudo e causando muita dor às pessoas de quem gostava. Afinal, a própria mãe morrera ao dá-lo à luz. E, desde então, ele se tornara a ovelha negra da família.

— Não faço a menor idéia de como educar uma adolescente. Allison tem treze anos... vai completar catorze dentro de alguns meses. Uma menina nessa idade precisa de uma mulher em sua vida. Uma mãe!

— Concordo — disse Peyton. — Mas a mãe natural de Allison pensa que seu bebê morreu há mais de treze anos. Pattie Cornell não sabe que tem uma filha.

— Sim. graças ao velho. Ele foi mesmo um grande sujeito, não? Mesmo que me odiasse por eu o ter decepcionado em tudo, não tinha o direito de fazer uma barbaridade dessas com Pattie. Aquela garota nunca fez mal a ninguém!

— O senador sempre acreditou que sabia o que era melhor para todos, especialmente para os membros de sua família. Não estava preocupado com Pattie Cornell, mas sim, com a neta.

— Posso imaginar a linha doentia de seu raciocínio. Tinha uma filha, cujo bebe acabara de nascer morto. O filho desajustado desaparecera da cidade, deixando grávida a filha da empregada. Encontrou a solução perfeita: subornar ou coagir o médico, bem como toda a equipe do hospital, a trocar as crianças. Diriam a Pattie que seu bebê nascera morto e entregaria sua filha saudável a Valerie.

A raiva cresceu no peito de Spence, fazendo com que cada músculo em seu corpo se tornasse tenso. Ele jamais se dera bem com o pai dominador, sempre detestara seu autoritarismo. Mas, agora, ele o odiava. E tal sentimento provocou-lhe a sede de vingança. Cerrando os

punhos, deu um passo na direção do irmão. Peyton não se moveu. Spence precisava desabafar em alguém. Seu pai! Infelizmente, Marshall Rand morrera oito anos antes, o que transformava Peyton na única pessoa que poderia ser esmurrada.

— Se isso o fará sentir-se melhor, vá em frente — Peyton declarou. — Pode me bater. Mas, saiba que vou revidar.

Spence respirou fundo e levou as mãos ao rosto. Não conseguia compreender como aquilo tudo fora acontecer.

— Quando planeja contar a Pattie?

— Não planejo coisa alguma. — Peyton foi até o bar do falecido cunhado e abriu uma garrafa de uísque. — Quer um drinque?

Spence sacudiu a cabeça em negativa.

— Não planeja contar a Pattie?

— Não. Creio que não cabe a mim contar a Pattie Cornell que a criança que ela pensa ter enterrado há treze anos encontra-se viva e perfeitamente saudável.

— Ela precisa saber, Peyt.

— Então, conte a ela.

— Eu?

— Claro! Afinal, foi você quem a engravidou e a abandonou, Peyton serviu-se de uma dose generosa de uísque.

— Eu não fazia a menor idéia de que ela estivesse grávida

— Spence defendeu-se, passando a mão pelos cabelos que chegavam aos ombros. — Além disso, pedi a Pattie que fosse embora comigo, mas ela não quis deixar a família. Fiquei furioso quando ela preferiu a mãe e a irmã a mim. Levei anos para compreender sua atitude.

— Pattie ainda vive em Marshallton — Peyton informou-o.

— Por que não vai até lá, reabre a velha mansão e leva Allison com você?

— Se Pattie ainda possui o mesmo coração de quando era menina, tenho certeza de que vai querer criar Allison.

As engrenagens giravam com rapidez na mente de Spence. Não estava preparado para educar uma filha adolescente, especialmente uma coisinha tímida, bem educada e delicada, como Allison Wilson. Ora, como podia uma criatura tão comportada, sensível e retraída, ser filha dele e de Pattie Cornell? Os dois haviam sido terríveis, quando jovens. Certamente, a influência de Valerie era a resposta. A irmã mais velha dos Rand sempre fora uma esnobe de nariz empinado!

— Allison passou por momentos terríveis nas últimas semanas, desde a morte de Valerie e Edward — Peyton lembrou-o.

— Não vai ser fácil desfazer esta confusão — Spence murmurou, voltando a observar a filha pela janela. Vendo-a tão quieta, perguntou-se se a menina se divertira de verdade alguma vez na vida. — Nunca vi uma garota tão tímida. O que Valerie fez com ela? Nunca tive um pingo de timidez e Pattie, menos ainda.

— Valerie educou Allison nos mesmos moldes em que foi educada por vovó Rand: para ser uma dama.

— Pobre criança!

Spence foi invadido por uma simpatia imediata pela garota que, até aquele dia, nem sabia ser sua filha. Jamais haveria permitido que Allison fosse submetida à educação fria e preconceituosa que ele, Valerie e Peyton haviam enfrentado. Nas mãos de sua avó, Caldonia Marshall Rand, e de seu pai, os três haviam crescido para assumir seu lugar na sociedade, bem como as responsabilidades inerentes a dar continuidade à linhagem da ilustre família Rand. Spence, porém, havia se rebelado, partindo o coração da avó e incorrendo na ira do poderoso pai.

— Não o invejo, irmãozinho — Peyton confessou, bebendo um longo gole de uísque. — Para um homem que fugiu da responsabilidade por toda uma vida, você agora pode dizer que tem as mãos cheias.

— Allison deve ficar com Pattie, não comigo.

Fosse como fosse, Spence teria de encontrar um meio de compensar, tanto Allison, quanto Pattie, pela barbaridade que seu pai fizera. Não queria ver a vida de sua filha arruinada e era exatamente o que aconteceria, se tentasse ser um pai para ela. Não, ela não precisava de um irresponsável como ele. Precisava de ar fresco, de um raio de sol em sua vida. Precisava de Pattie Cornell.

— Acha mesmo que ela deve ficar com Pattie?

— Tenho de agir com cautela. Allison e Pattie precisam se conhecer primeiro, antes que eu lhes conte a verdade.

— Boa idéia.

— Acho que pode dar certo. Pattie vai querer ficar com Allison. E será uma boa mãe. Que adolescente resistiria a um cometa com Pattie? E posso visitar Allison de vez em quando, mandar-lhe presentes e coisas assim. E, quando ela for mais velha, poderá me visitar. Vou mostrar-lhe o mundo... quando ela tiver uns vinte anos.

— Parece que já planejou tudo direitinho, irmãozinho.

— Ainda não, mas estou me esforçando.

Spence sentiu uma onda de alívio e chegou a sorrir. Talvez, ser pai não fosse tão difícil, afinal. Principalmente, se fosse um pai distante. Que mal poderia causar à filha, se vivesse a quase dois mil quilômetros de distância?

Pattie Cornell era a solução para o seu problema.

Pattie. Ele jamais a esquecera. Embora houvesse tido outras mulheres — não muitas — ao longo dos anos. Pattie fora seu primeiro amor. Na verdade, o único. Ele a conhecera virgem, cheia de vida e paixão. Nenhuma mulher desde então o amara como ela.

Spence enterrara as lembranças de Pattie num recanto seguro em seu coração, acreditando que jamais voltaria a vê-la. Mas o destino lhe pregara uma peça, apresentando uma prova viva de que haviam sido amantes um dia. Spence sabia que não tinha alternativa. Teria de levar Allison de volta para casa, em Marshallton, Tennessee... de volta para sua mãe.

CAPÍTULO I

—Já sabe que Spencer Rand voltou? — Sherry Daily perguntou. O coração de Pattie Cornell disparou. Gostaria que a simples menção do nome de Spence não produzisse um efeito tão arrasador. Porém, não havia como impedir a própria reação. Ele fora seu primeiro amante e... mais, muito mais.

— Ei, garota, está sonhando? — Sherry chamou a atenção da patroa e amiga, estralando os dedos diante de seus olhos. — Ouviu o que eu disse? Spencer Rand está abrindo a mansão Clairmont. Ele e a sobrinha pretendem viver aqui.

— A sobrinha? — Pattie inquiriu surpresa, fingindo ocupar-se com o arquivo, a fim de esconder as emoções.

— Lembra-se de Valerie Rand, irmã mais velha de Peyton e Spencer? Ela se casou com um médico e mudou-se para Conrinth. Os dois morreram num acidente de avião, há um mês.

— Quem lhe disse que Spencer Rand vai morar em Marshallton?

Spence partira há catorze anos e, até onde Pattie sabia, jamais olhara para irás. Ela não sabia por que ele não escrevera ou telefonara. Demorara um longo tempo para admitir que ele não voltaria para buscá-la e que era óbvio que não se arrependera por ter partido. Mesmo agora, a idéia de que significara pouco na vida dele a magoava.

— Myrtle Mae me contou, mas a cidade inteira não fala de outra coisa. Clairmont ficou fechada desde a morte do senador Rand e a notícia de que a família decidiu reabri-la gerou certo alvoroço. — Sherry

apanhou uma xícara sobre a mesa e encheu-a de café. — Importa-se se eu almoçar agora? O movimento está fraco, hoje. Não fizemos uma venda sequer.

— Tem certeza de que Myrt disse Spencer Rand?

— Claro que tenho. Myrtle Mae contou que a menina vai começar na escola no mês que vem e que o tio ficará com ela, pois foi designado seu guardião.

— Nesse caso, estou certa de que estão falando de Peyton Rand. Nenhum juiz em sã consciência daria a guarda de uma criança a um homem como Spence Rand.

Embora não visse, nem tivesse notícias de Spence, há catorze anos, Pattie sabia mais sobre ele do que desejaria. Nascido em Marshallton, o rebelde Rand adquirira fama ao se tomar um escritor de aventuras bem sucedido.

— Não é Peyton — Sherry insistiu. — Myrtle Mae falou em Spencer. E ela deve saber, pois é parente distante dos Rand.

— Sim, a irmã de Myrt casou-se com um Marshall e os Rand e os Marshall são primos distantes.

Catorze anos antes, Leah Marshall, irmã de Myrt, fora a única pessoa na cidade disposta a dar um emprego a uma adolescente grávida, solteira e de pouca instrução.

Pattie não gostava de pensar em coisas desagradáveis, especialmente, coisas do passado. Não havia nada que alguém pudesse fazer para mudar o que havia sido dito ou feito. E ela aprendera da pior maneira a viver o presente, esquecer o passado e não se preocupar com o futuro.

— Todos sabem que Peyton Rand não deixaria a cidade de Jackson. Possui um grande escritório de advocacia lá e, segundo me contaram, está prestes a ficar noivo.

O som de passos apressados indicou-lhes que alguém entrara na loja. As duas viraram-se para a porta que separava o escritório do showroom Fumiture Mart e viram J.J. Cárter correndo por entre os móveis em exposição, com uma bola de futebol americano debaixo do braço.

— Esse garoto tem a energia de meia dúzia de adolescentes — Sherry comentou. — Aposto que come o que você puser na sua frente. Parece maior a cada dia.

Pattie sorriu, observando o enteado aproximar-se. Sherry tinha razão. Aos dezesseis anos, J.J. era um jogador de futebol de um metro e

oitenta de altura, com energia suficiente para destruir um quarteirão inteiro, ou levar seu time, os Raiders, às finais do campeonato.

— Onde está o nosso almoço? — Pattie perguntou-lhe. — Já passa das duas e estou morrendo de fome.

J.J. depositou um saco de papel sobre a mesa de Pattie.

— Desculpe se demorei. Leigh está trabalhando hoje e fiquei conversando com ela.

— Aposto que estava paquerando a menina — Sherry provocou-o, abrindo o pacote e retirando dois sanduíches de carne. Depois de dar um deles a Pattie, acrescentou: — J.J., você é definitivamente uma ameaça ao sexo feminino, especialmente, abaixo dos vinte anos.

— O que posso fazer, se sou irresistível? — J.J. sorriu o seu sorriso inclinado, que fazia Pattie lembrar-se tanto de Fred.

— Ele não tem como esconder seu charme — Pattie falou com um sorriso, admirando o corpo forte de J.J., tão parecido com o do pai, o homem que ela amara e perdera há pouco mais de um ano.

J.J. afundou-se em uma cadeira de couro e apoiou os pés na mesa.

— Enquanto esperava pelos sanduíches, na Barbecued Pig, encontrei um cara que estava perguntando sobre você. — Com um sorriso malicioso, J.J. acrescentou: — Parecia muito interessado.

O coração de Pattie acelerou e ela sentiu o rubor aquecer-lhe as faces.

— Quem... quem estava perguntando por mim?

— Um cara chamado Spencer Rand. Perguntou a Leigh até que horas a loja fica aberta, há quanto tempo você é a dona da Fumiture Mart, coisas desse tipo.

— Você falou com ele? — Pattie perguntou.

— Claro. Eu lhe disse que sou seu filho. Bem, quase seu filho. Então, ele contou que vocês são velhos amigos e que gostaria de vê-la de novo.

— Eu falei! — Sherry comentou.

— E o que você disse a ele, J.J.?

— Disse que podia passar por aqui, que ficamos abertos até seis horas, aos sábados — J.J. respondeu em tom casual.

— E ele... ele vem?

Pattie desembrulhou seu sanduíche e descobriu que perdera o apetite.

— Vem. Pediu para avisá-la que passará por aqui mais tarde, assim que ele e a sobrinha terminem o almoço. — J.J. abriu a pequena

geladeira no canto do escritório, apanhou uma coca-cola, ofereceu a Pattie e, então, apanhou outra para si. — A sobrinha dele é muito estranha. Não disse uma palavra enquanto eu e o tio dela conversávamos. Ficou o tempo todo olhando para mim, através daqueles óculos horrorosos.

— Quantos anos ela tem? — Sherry perguntou. — Se não me engano, a menina nasceu na mesma época... — interrompeu a frase, lançando um olhar para Pattie, que lhe fez um sinal para que ficasse calada.

— Ah, não sei dizer. Doze, talvez. Mas pode ser mais nova ou mais velha. — J.J. parecia intrigado. — Estava usando um vestido. Podem acreditar? Numa tarde de sábado, em agosto, a menina se veste como se fosse à igreja!

— Bem ao modo dos Rand! — Sherry riu e sacudiu a cabeça.

— Se havia alguém obcecada por etiqueta social, esse alguém era Valerie. A maior esnobe da cidade. Sempre se achou melhor que todo mundo.

— Não me lembro deles — disse J.J. — Ouvi falar do senador Rand e todos conhecem Peyton Rand. Papai sempre dizia que o velho Peyt ainda seria governador do Tennessee, um dia.

— Pattie e Spencer Rand foram namorados, quando jovens — Sherry falou. — Muita gente chegou a pensar que os dois acabariam se casando.

— Verdade, Pattie? — J.J. mostrou-se interessado. — O que aconteceu?

— Não aconteceu nada. Spence simplesmente foi embora da cidade — Pattie respondeu depressa.

Ela mal podia acreditar: Spence de volta depois de tantos anos! Por que razão ele teria voltado a Marshallton?

— Você quase casou com ele? — J.J. insistiu em sua inocência infantil, sem imaginar a dor que a pergunta causaria.

Sem perceber o que fazia, Pattie levou a mão ao peito, por cima da blusa vermelha. Seus dedos pousaram sobre os dois anéis pendentes da corrente que usava no pescoço, sempre escondida entre seus seios. Tratava-se do anel de noivado que Spence lhe dera e de um outro, minúsculo, que sua filhinha jamais chegara a usar. Pattie nunca fora capaz de separar-se daqueles anéis, assim como não conseguira afastar da memória as lembranças de seu bebê e do pai da criança. A alegria e a dor viveriam juntas e para sempre em seu coração.

— Éramos muito jovens, J.J. Não vejo Spence há catorze anos.

— Bem, é interessante saber que minha madrasta já namorou, Spencer Rand. Leigh me contou que ele escreve aqueles livros de aventura, que é dele que todo mundo na cidade tem falado nos últimos dois anos. — Virando-se para a porta, mudou de assunto: — Parece que o velho Pritchett está de novo interessado naquela espreguiçadeira.

— E melhor que eu vá até lá e tente convencê-lo a comprá-la — Sherry falou, levantando-se.

— Fique e termine o seu almoço — Pattie sugeriu. — Não estou com muita fome e posso cuidar desse freguês.

Pattie sentiu-se grata pela presença de Corbin Pritchett e a oportunidade de escapar às perguntas de J.J., bem como à memória acurada de Sherry. Nem se importou com o fato de ser aquele o tipo de freguês que gostava de olhar todos os objetos expostos, sem nunca levar nada.

Quando aproximou-se do sr. Pritchett, ele sorriu.

— Não preciso de ajuda, Pattie. Hoje, estou só dando uma olhada.

— Fique à vontade, Corbin. Se precisar de qualquer coisa, é só chamar.

Pattie foi até a porta dupla de vidro, que dava para a rua Vine. A lanchonete Barbecued Pig ficava a um quarteirão da loja. Pressionando o nariz contra a vitrina, ela espiou a rua, perguntando-se se Spence Rand pretendia mesmo visitá-la.

Com dedos trêmulos, retirou a corrente para fora da blusa. Segurou os dois anéis na palma da mão, enquanto lembranças distantes invadiam-lhe a mente e turvavam-lhe os sentidos pela mágoa do passado. Por que guardara os anéis? Por que não se livrara deles anos antes? Jamais os mostrara a ninguém, exceto Fred. Ele fora a única pessoa a quem ela havia explicado as razões pelas quais mantinha as duas jóias junto de seu coração. E ele a compreendera. Ah, como sentia falta de Fred! Se, ao menos, ele estivesse ali, ela não teria tanto medo de reencontrar Spence depois de tantos anos. Mas perdera Fred, assim como perdera todas as pessoas que amara.

Fred não poderia protegê-la, agora. Ninguém poderia protegê-la de Spencer Rand, senão ela mesma.

Spence observava Allison comer. A menina sentava-se numa postura rígida, a mão esquerda pousada na coxa. Cada movimento era estudado e controlado. Ele se lembrou de Valerie, quando ela treinava para ser a dama que a avó desejava.

Durante aquela semana, desde que descobrira que Allison era sua filha, Spence fizera um exame de consciência. O que teria feito, catorze anos antes, se soubesse que Pattie esperava um filho? Na ocasião, estava determinado a sair de Marshallton e fugir do domínio do pai. Já não suportava ter a vida orientada segundo os desejos de sua família.

Pedira a Pattie que fugisse com ele e sabia que era o que ela mais queria. Porém, o momento não poderia ser mais errado. Spence não podia ficar. Pattie não podia abandonar a mãe e a irmã mais nova.

Perguntou-se se ela sabia que estava grávida e não quisera lhe contar. Não podia imaginá-la guardando um segredo como aquele. Ah, se ele houvesse sabido... Teria encontrado um meio de enfrentar o pai, casar-se com Pattie e dar seu nome ao filho que ela teria.

Tentou parar de olhar fixamente para Allison. Vinha fazendo isso com freqüência na última semana. Sentia-se fascinado por saber que aquela criatura doce e delicada era sua filha, sangue de seu sangue, carne de sua carne.

Nunca planejara ter filhos. Não voltara a pensar no assunto, desde que o discutira com Pattie na juventude. Passara todos aqueles anos ocupado demais com suas viagens, sua sede de conhecer pessoas e lugares. Acreditara que sua vida estava completa. Gostava de viver sozinho, procurando companhia somente quando assim desejava, e sempre dentro de seus termos. Ganhava um bom dinheiro, escrevendo livros sobre os homens que conhecera pelo mundo, com quem fizera amizades passageiras.

Agora, gostando da idéia ou não, tinha de aceitar o fato de que era pai. E não conseguia afastar a noção de que sua filha precisava dele.

— A comida estava ótima, tio Spence — Allison comentou com um sorriso tímido.

Spence sentiu um forte aperto no peito. Olhou para Allison, dando-se conta de que seus movimentos, o modo como inclinava a cabeça para o lado, como sorria, até mesmo o timbre de sua voz, o faziam lembrar de Pattie. Catorze anos haviam se passado e ele não esquecera como Pattie se movia, falava e sorria. E, também, lembrava-se com nitidez da sensação de tê-la nos braços.

— Há algo errado, tio Spence?

— Como? Não... não, querida. Estava apenas pensando.

— No quê?

— Sobre uma garota que conheço. Vai gostar dela. Spence não sabia se estaria fazendo a coisa certa ao levar Allison para conhecer

Pattie em seu local de trabalho. Mas não era mesmo paciente e nunca compreendera a vantagem da espera. Quanto antes Pattie e Allison se conhecessem, melhor, pois ele logo poderia contar a verdade a Pattie. E, assim que ela soubesse que seu bebê estava vivo, assumiria seu papel de mãe.

— Ela vive aqui, em Marshallton?

— Sim. Você me ouviu perguntar sobre ela à garçonete e ao garoto que disse ser seu enteado.

— J.J. Cárter — Allison falou e corou.

— Ele mesmo — Spence confirmou com um sorriso. Sua filha muito tímida gostara de J.J., o que era um bom sinal. Sem dúvida, ela não passava de uma adolescente normal, que só precisava de uma mãe como Pattie para ensiná-la a ser mulher. — A madrasta dele é uma velha amiga minha. Seu nome é Pattie Cornell. Pensei em passar na loja dela quando sairmos daqui.

— E uma loja de móveis, não é? — Allison parecia avaliar a informação. — Deve ser uma pessoa interessante de se conhecer, já que possui seu próprio negócio. E, se é sua amiga, tenho certeza de que vem de boa família. Mamãe era muito cuidadosa com essas coisas. Vivia me dizendo que eu não podia me relacionar com qualquer tipo de pessoa.

Spence sentiu a culpa corroê-lo por dentro. Odiou a irmã por haver tentado transformar Allison numa réplica de si mesma. E odiou ainda mais a si mesmo, por haver gerado uma filha que nem sabia existir. Devia muito a ela. Devia-lhe uma vida de alegria e prazer.

— Escute, querida, sua na... Valerie tinha uma porção de idéias antiquadas que... bem, com as quais não concordo. — Como ele poderia transmitir seus padrões a Allison, sem criticar Valerie? — Não acredito que as pessoas devam ser julgadas por quem foram seus pais ou pelas condições de seu nascimento.

— Verdade? — Allison arregalou os olhos.

— Verdade. — Spence fez um sinal a Leigh, a adolescente bonita que trabalhava como garçonete. — Quer sobremesa? A torta de chocolate parece ótima.

— Acho que não devo. Doces só devem ser comidos em ocasiões especiais.

Spence teve de conter um gemido de impaciência. Não seria nada fácil reeducar a filha. Por baixo daquela aparência impecável, tinha de haver alguma das características dele e de Pattie, sua paixão pela vida,

pelo prazer.

— Acontece que esta é uma ocasião especial — ele disse. — Você e eu estamos começando uma vida inteiramente nova e acho que merecemos uma boa sobremesa. — Sorriu para a garçonete e pediu: — Duas tortas de chocolate.

Assim que a garçonete se afastou. Allison inclinou-se sobre a mesa e sussurrou:

— Gosto muito de chocolate, mas... já que estamos comemorando, eu poderia comer uma tontinha de morangos? Adoro morangos.

Lembranças repentinas e indesejadas invadiram a mente de Spence. Lembranças de uma boca vermelha e sensual se abrindo, os dentes brancos mordendo o morango maduro. Pattie adorava morangos. Ele se lembrou de uma noite de primavera, em que haviam feito um piquenique à margem do rio e se amado à luz do luar. E comido morangos, da maneira mais provocante.

— Algo errado, tio Spence? Foi falta de educação de minha parte ter pedido outra sobremesa? Se foi, peço desculpas. Não queria...

— Não é nada disso, Allison. — Chamando a garçonete, Spence mudou o pedido. Então, estendeu os braços sobre a mesa e tomou as mãos de Allison nas suas. :— Você não fez nada de errado, querida. Sou seu tio Spence, não Edward ou Valerie. Não precisa ter medo de fazer ou falar o que não deve quando estiver comigo. Quero que aprenda a pensar e agir por si mesma. Compreende o que estou dizendo?

A menina fitou-o com ar confuso, os olhos cheios de lágrimas.

— Você é tão diferente de mamãe e papai. Por que acha que o escolheram para ser meu guardião, em vez do tio Peyton?

Boa pergunta! Spence imaginou que muita gente estivesse pensando o mesmo. Se sua irmã não houvesse tido um momento de consciência, três anos antes, não teria alterado o testamento, ou escrito a carta. E ele jamais saberia que tinha uma filha.

— Preferiria viver com Peyton?

— Não, de jeito nenhum! Acontece que conheço tio Peyton melhor do que conheço você. E só isso. Mas eu gosto muito de você. Tem sido muito amável comigo, desde que chegou em Corinth, na semana passada. E... Bem, muita coisa mudou na minha vida. Primeiro, perdi mamãe e papai, depois tive de me mudar de casa, de escola, para longe de meus amigos, para vir com você para cá.

Spence apertou-lhe a mão com força, tentando transmitir todo o seu amor naquele simples toque.

— Vai levar algum tempo, querida, mas prometo que terá uma vida inteiramente nova. Vou cuidar de você e garantir que nada nem ninguém a magoe.

Embora tentasse, Allison não conseguiu impedir que as lágrimas rolassem por suas faces.

— Você é um homem muito bom, tio Spence.

Um nó se formou na garganta de Spence. Jamais alguém se referira a ele como sendo um homem bom. Ao longo dos anos. as pessoas haviam utilizado vários adjetivos para descrevê-lo. Bom nunca fora um deles. Mas a sua filhinha achava que era um homem bom. Como poderia impedir-se de decepcioná-la?

Quando terminaram a sobremesa, Allison sorria. Spence a distraíra com histórias sobre sua infância, as poucas lembranças alegres que pôde reunir, em meio a tantas lembranças infelizes. Contou-lhe de quando ficara furioso com Valerie e entrara no quarto dela, sem ser visto, e cortara as mangas dos vestidos de todas as suas bonecas. A avó ficara horrorizada, mas o pai considerara a atitude como mera brincadeira de criança.

— Podemos ir? — Spence perguntou e levantou-se, retirando a carteira do bolso.

Allison bebeu o resto de seu refrigerante, produzindo um ruído alto ao sugar o ar pelo canudo. Ergueu os olhos arregalados para o tio, com aquele ar de "desculpe, não a tive a intenção...". Spence sorriu e, então, caiu na gargalhada. Ela também sorriu, evidentemente aliviada pela reação dele.

Spence entregou o dinheiro à funcionária do caixa e, enquanto esperava pelo troco, examinou a foto antiga e um tanto apagada, que carregava escondida atrás de seus cartões de crédito. Por que jamais a jogara fora? Não saberia dizer por que mantivera a recordação junto de si durante todo aquele tempo. Virou-se para Allison e deparou com seu olhar cheio de confiança.

Voltou a guardar a foto, recebeu o troco e guardou a carteira no bolso. Então, passou um braço em tomo dos ombros da filha.

— Venha, Allie. Vamos visitar minha velha amiga.

Pattie tentou calcular os lucros da semana, mas seus dedos continuavam a apertar as teclas erradas. Não conseguia concentrar-se na tarefa. Durante a última hora, só pensara em Spencer. Perguntou-se se ele pretendia mesmo visitá-la. E se fosse, por que o faria? Embora não houvessem se separado como inimigos, haviam se despedido como

amantes magoados. Todas as lembranças que guardava dele eram, ao mesmo tempo, alegres e tristes. Sempre que pensava nos momentos felizes do seu primeiro amor, lembrava-se da dor de enfrentar sozinha a gravidez e a agonia de perder seu bebê, sem poder contar com o apoio do pai da criança.

— Acabei de animar a vitrina, como você pediu — J.J. anunciou da porta do escritório.

— Obrigada. Talvez a nova cama atraia a atenção de alguém. Só Deus sabe o quanto estamos precisando incrementar as vendas.

Pattie largou o lápis sobre a mesa e reclinou-se na cadeira.

— Acho que Sherry vai fazer um venda. Está atendendo um casal muito interessado na cama de água. Venha ver como ficou a vitrina.

— Está bem. Não estou conseguindo me concentrar nas contas.

Pattie seguiu J.J. até a vitrina. Uma lufada de vento atravessou a loja no momento em que a porta se abriu. Ela se virou e fitou o homem e a menina que acabavam de entrar na Fumiture Mart.

Sentiu o coração disparar e umedeceu os lábios. Não estava preparada... jamais estaria, para rever Spence Rand.

— Oi. cara! Entre — J.J. cumprimentou-o.

Respirando fundo e rezando para que as emoções que sentia não estivessem evidentes em seu semblante, Pattie aproximou-se e fitou os olhos azul-esverdeados de seu primeiro amor. O garoto que conhecera tomara-se um homem bonito, atraente, irresistível.

— Olá, Pattie — ele a cumprimentou com olhar intenso.

— Olá, Spence.

Pattie surpreendeu-se ao ouvir a própria voz soar tão calma.

— Já faz muito tempo.

Spence amaldiçoou-se pelo comentário idiota, mas não sabia exatamente o que dizer a ela.

— Mais de catorze anos.

Ela poderia ter dito catorze anos, quatro meses e doze dias. Por mais que tentasse esquecer, seu coração jamais lhe permitiria tal conforto. Até o fim de sua vida, Pattie se lembraria com clareza da última vez em que vira Spence. Uma semana mais tarde, descobrira estar grávida.

— Ficou em Marshallton todos esses anos? Ah, mas ela estava ainda mais bonita do que ele recordava!

A maturidade lhe caía bem. A promessa da juventude fora cumprida. Pattie Cornell era tão sexy e provocante, quanto fora aos dezoito anos.

Talvez mais.

— Sim, sempre morei aqui. — Sim, por dois ou três anos, ela permanecera em Marshallton, esperando que Spence voltasse para buscá-la. O que jamais acontecera. — Soube que você viajou pelo mundo todo. Imagino que tenha a vida que sempre quis.

J.J. limpou a garganta e dirigiu-se a Allison:

— Quer um refrigerante?

— Não, obrigada — ela respondeu de cabeça baixa, fitando-o por baixo dos cílios espessos.

Só então. Spence lembrou-se do motivo pelo qual fora visita Pattie, o motivo por que voltara a Marshallton e à mansão que tanto odiava. Puxou Allison pela mão.

— Pattie, quero apresentar-lhe Allison Wilson.

Não se sentiu capaz de dizer "minha sobrinha" ou "a filha de Valerie". Por outro lado, também não poderia simplesmente dizer "sua filha, a garotinha que você pensa ter morrido, o bebê que meu pai roubou de você e entregou à minha irmã".

Com um sorriso, Pattie estendeu a mão à garota.

— E um prazer conhecê-la, Allison. Lembro-me bem de sua mãe. Ela era... uma boa mulher.

— Muito prazer. — Allison inclinou a cabeça e observou Pattie, com olhar fascinado. — Você é muito bonita — declarou e, corando, levou as mãos ao rosto.

— Obrigada pelo elogio.

Pattie estudou a garota que parecia profundamente embaraçada, por haver feito um comentário espontâneo. J.J. tinha razão. As roupas de Allison não eram as mais adequadas a um sábado quente de agosto. Além disso, ela parecia muito tímida e retraída. E os óculos horrorosos escondiam seus belos olhos, tão parecidos com os de Spence. Pattie foi invadida por uma sensação estranha. A sobrinha de Spence parecia-se muito com ele. A filha de Valerie não deixava dúvidas quanto a ser uma Rand.

— Falei sem pensar — Allison desculpou-se. — Mamãe jamais aprovaria meu comportamento.

— Estamos tentando estabelecer novos padrões e regras —: Spence explicou, olhando de uma para outra. — Minhas idéias nem sempre coincidiram com as de Valerie e Allie ainda não sabe ao certo o que espero dela.

— Compreendo.

Pattie foi tomada de uma simpatia imediata pela menina. Afinal, devia estar vivendo num estado de total confusão. Era evidente que Valerie dera continuidade à tradição dos Rand no que dizia respeito ao modo de educar os filhos. A mesma tradição que levara Spence a se rebelar aos vinte anos e fugir de sua família.

— Acho que vocês dois gostariam de relembrar os velhos tempos — J.J. interferiu. — Venha Allie. Vou lhe mostrar a loja. Talvez, encontre algo que deseje comprar.

Allison olhou para o tio, esperando por sua aprovação. Ele assentiu.

— Vá com ele, querida. Tente encontrar uma boa televisão para nós. A única disponível naquele mausoléu é um aparelho preto e branco, instalado no quarto da empregada.

— Está bem — Allison concordou e pôs-se a seguir J.J. Então, parou abruptamente e virou-se. — Que tal uma bem grande, com video-cassete acoplado? Minha amiga Katy tem uma. É maravilhosa!

— Se é o que quer, então será o que compraremos — Spence respondeu, concluindo que estava agindo da maneira correta.

Allison já começava a se descontrair. Dentro de umas poucas semanas, seria uma criatura diferente. Juntos, ele e Pattie ajudariam sua filha a se tornar uma adolescente normal.

— Ela me parece uma garota muito meiga — Pattie comentou.

— Valerie quase a estragou. Você nem imagina o quanto me enfurece pensar no quanto esta menina foi infeliz até hoje!

Pattie reconheceu a sinceridade nas palavras de Spence, em sua expressão, no tom de sua voz. Ele realmente gostava e se preocupava com a sobrinha.

— Você é mesmo o guardião dela?

— Sou. Parece loucura, não é?

Spence fitou os olhos castanho-escuros de Pattie. Durante os últimos catorze anos, sonhara várias vezes com aqueles olhos. Pattie jamais fora capaz de esconder os sentimentos. E ele poderia afirmar que sua presença na loja a perturbava.

— Por que a trouxe para Marshallton, se nunca gostou daqui?

Como um homem podia ser tão atraente? Spence possuía ombros largos, cintura e quadris estreitos, pernas longas e musculosas. Seu corpo inteiro sugeria uma virilidade despretensiosa. E ele não fazia o menor esforço para isso. Era assim, simplesmente.

Spence notou que os cabelos loiros de Pattie apresentavam-se um pouco mais claros do que ela costumava usar, mas ainda eram longos.

Mechas encaracoladas haviam escapado do rabo de cavalo, preso no topo da cabeça, e enfeitavam seu rosto. Ele quase pôde sentir-lhes a maciez ao deslizarem por seu peito. Pattie sempre gostara de beijar-lhe o peito.

— Foi Peyton quem me deu a idéia de reabrir Clairmont.

— E você, finalmente, concordou com alguém da família? Pattie ardia de desejo de tocar os cabelos castanhos e longos de Spence, de sentir se ainda eram macios e espessos como no passado. Quando ele partira de Marshallton, usava os cabelos curtos, num estilo bastante conservador. Agora, eles caíam sobre seus ombros, proclamando a quem interessasse, que Spencer Rand era um rebelde inconformista.

— Vou precisar de ajuda para lidar com Allie. Não faço idéia do que seja ser pai. — Spence estudou Pattie, tentando avaliar sua disposição, imaginando qual seria sua reação se ele lhe pedisse ajuda. — Achei que alguns amigos poderiam me auxiliar... dar-me alguns conselhos.

— Está se referindo a mim?

— Bem, você é uma velha amiga e... e está educando um adolescente. Assim...

A risada de Pattie ecoou pela loja. Parecia-lhe absurda a idéia de que Spence acreditava ser ela a melhor pessoa para lhe ensinar a agir como pai.

— Estou educando JJ. há pouco tempo. O pai dele e eu estávamos noivos e teríamos nos casado há um ano, mas Fred teve um enfarte fulminante.

— Sinto muito, Pattie. Mas, pelo jeito de J J., você vem fazendo um bom trabalho com ele. — Ela não podia recusar-lhe ajuda. Afinal, Allison era filha dela, também! — Além do mais, você sempre teve os instintos maternais aflorados. Lembro-me de que sempre falava sobre quando tivéssemos nossos filhos...

No momento em que notou a mudança na expressão de Pattie, Spence parou de falar. Teria ferido aquela mulher tanto assim, ao deixá-la? Quando amadureceu o bastante para compreender por que ela não concordara em fugir com ele, concluíra que era tarde demais para voltar e tentar corrigir seus erros. Odiou-se por haver se referido ao passado tão cedo. Afinal, sabia que as lembranças que Pattie guardava não eram as melhores.

— Allie e eu vamos morar aqui, ao menos por algum tempo. Gostaria de retomar nossa amizade, gostaria que você conhecesse melhor nossa... minha... Allison. Ter você como amiga seria maravilhoso

para ela. Allie precisa de um modelo feminino positivo, uma mulher de verdade, que possa ensiná-la a aproveitar a vida.

— Acha que sou um modelo feminino positivo?

— Pattie, jamais conheci outra mulher tão cheia de amor e prazer de viver. Quando entra em qualquer lugar, seu sorriso ilumina o ambiente. Tendo passado poucos minutos com você, hoje, posso afirmar que isso não mudou.

Como podia ter se esquecido que mulher especial era Pattie? Olhando para ela, agora, sentiu como se os catorze anos de separação houvessem se apagado, deixando-os jovens e apaixonados novamente. Os velhos sentimentos despertaram.

— Não sou mais a garota que era quando você partiu, assim como você não é o mesmo homem. Muitas coisas aconteceram em nossas vidas.

Carreguei sua filha em meu ventre por nove meses e você nunca soube. Nossa filhinha morreu e o médico nem sequer me permitiu segurá-la nos braços e você nunca soube. Enterrei aquele caixãozinho minúsculo ao lado da sepultura de minha mãe, e você nunca soube.

— Pattie, escute. Não sou tolo a ponto de achar que posso voltar a fazer parte da sua vida, como se nada houvesse acontecido.

— Então, diga-me o que esperava, Spence. — Fitando-o com olhar firme, ela lutou contra o aperto dolorido em seu peito. — Eu... eu esperei por você durante muito tempo. Mas, um dia, desisti de esperar e levei minha vida adiante. Não passei esse tempo todo chorando por você. Tive dúzias de homens em minha vida. Dúzias.

Dúzias! A provocação atingiu Spence como um golpe físico. Que diferença fazia quantos homens ela tivera? Por que ele deveria importar-se? Afinal, estivera muito longe do celibato ao longo dos anos. Ora, perdera a conta de quantas mulheres levara para a cama!

— Sei que não podemos retomar o passado, mas acredito que possamos começar de novo, diferente. Vamos nos reaproximar. Não vou lhe pedir nada além de amizade. Preciso de você, Pattie. Assim como Allie.

Pattie perguntou-se se seria capaz de arriscar-se a permitir que Spencer Rand voltasse a fazer parte de sua vida. Tinha problemas demais, sem precisar de novas complicações. A Fumiture Mait estava à beira da falência. J.J., com seus dezesseis anos, era uma overdose ambulante de hormônios masculinos. E a prima de Fred, Joan Stephenson, estava ameaçando entrar com uma ação pela custódia de

J.J., alegando que Pattie não estava capacitada para ser mãe do garoto.

— Pattie?

Spence segurou-lhe o queixo, forçando-a a fitá-lo. A pele clara parecia veludo sob seus dedos. Precisou de todo o autocontrole para não deslizar a mão pelo pescoço longo e delicado.

A respiração de Pattie acelerou. Não podia suportar que ele a tocasse. Seus carinhos traziam muitas lembranças. Afastou-se depressa.

— Não sei se é boa idéia tentarmos ser amigos. Na verdade, somos dois estranhos. Conhecemos as pessoas que fomos um dia, não quem somos hoje.

— Se não quer fazê-lo por mim, então faça por Allie.

Por que ela estava tornando as coisas tão difíceis? Spence não estava pedindo qualquer compromisso, nem fazendo qualquer exigência. Tudo o que precisava era que ela fosse uma mãe para sua filha.

— Por que eu deveria fazer qualquer coisa por sua sobrinha, Spence? Nunca via a garota em minha vida e, além disso, ela é filha de Valerie. Sua irmã e eu nunca nos suportamos.

Spence segurou Pattie pelos ombros com força.

— Por Deus, Pattie! Será que me odeia tanto, a ponto de desforrar numa criança inocente?

— Não odeio você. Só não compreendo por que, entre todas as mulheres do mundo, você decidiu me escolher para ajudá-lo a educar a filha de sua irmã.

Spence soltou o aperto em seus ombros, então deslizou as mãos por seus braços.

— Porque você é a única mulher que eu sempre quis que fosse a mãe de meus filhos.

Aquelas eram as palavras mais sinceras que ele jamais pronunciara em sua vida.

— Oh, Spence — Pattie murmurou, inclinando-se para ele.

Ele a amparou e colou a testa à dela. Spencer Rand continuava a ser o mesmo boa lábia de sempre. E Pattie continuava tão suscetível às suas palavras açucaradas, quanto fora no passado. Quinze anos antes, ele a persuadira a entregar-lhe sua virgindade. E, apesar de todo o sofrimento que enfrentara, ela jamais se arrependera por ter sido ele o primeiro.

— Encontrei a televisão perfeita para nós! — Allison gritou, enquanto subia a escada do subsolo, onde a Fumiture Mart exibia aparelhos

elétricos e eletrônicos.

Pattie e Spence afastaram-se de um pulo, como dois adolescentes flagrados namorando num beco escuro.

— Podemos entregar na segunda-feira — J.J. explicou. — Tiny e eu levaremos a televisão até Clairmont, antes do treino de futebol.

— Ótimo — Spence falou, lançando um olhar para Pattie, que estudava a sorridente Allison com atenção. — Você e J.J. têm planos para o jantar, esta noite?

Pattie sentiu-se tentada a dizer que não. Seu lado sentimental queria a chance de passar mais tempo ao lado de Spence. de reacender a velha chama. Porém, seu lado racional advertiu-a contra abrir-se para mais sofrimento e dor, quando já enfrentara o bastante por uma vida inteira.

— Tenho um encontro esta noite — foi J.J. quem respondeu.— E acho que Pattie também tem compromissos.

— E verdade. Já tenho um compromisso.

Ela não estava mentindo. Tinha o compromisso de ir para casa e alimentar sua cocker spaniel, Ebony. Então, depois de se aconchegar no sofá, leria um bom livro, em companhia de uma grande tigela de morangos e uma garrafa de vinho branco gelado. Desde a morte de Fred, Pattie não tivera disposição para a vida social.

— Nesse caso, telefonarei no início da semana. Assim, poderemos planejar algo, antes que você assuma novos compromissos.

— Com um sorriso, Spence segurou o braço de Allie. — Foi muito bom ver você de novo, Pattie. Estou ansioso para voltar a ser seu amigo.

Antes que Pattie pudesse pensar numa resposta, Spence e a sobrinha deixaram a loja.

— Aquele cara ainda baba por você — disse J.J.

— Que coisa feia de se dizer. J.J.! — Pattie passou um braço em torno dos ombros de J.J. e beijou-o no rosto. — Está preocupado comigo?

— E, acho que sim.

— Agradeço, mas sou uma mulher adulta e sei cuidar de mim. Quase falou que era tarde demais para qualquer um preocupar-se por ela e Spence. Ele a magoara tanto quanto poderia.

Spence Rand continuava charmoso e seria muito fácil ceder a ele num momento em que se via sozinha e vulnerável, com mil problemas a enfrentar. Seria bom poder apoiar-se nele. Porém, ela não era a mesma garota ingênua do passado, que dera seu coração e seu corpo a um

jovem imaturo, que não estava pronto para assumir um compromisso de verdade. Não, Pattie Cornell queria mais da vida, algo muito além de um caso passageiro. Queria amor e promessas, uma aliança de casamento e um companheiro constante. Não precisava de um homem. Superara seus problemas sozinha a vida toda e poderia continuar assim.

Spence podia pensar que bastaria pedir e ela estaria disposta a fazer qualquer coisa por ele. Pois estava enganado. Por mais maravilhoso que ele pudesse parecer, independente do fato dele ser capaz de deixá-la tonta de desejo, e do quanto precisasse de ajuda para cuidar da sobrinha, Pattie não permitiria que ele a usasse. Não era tola o bastante para se queimar no mesmo fogo duas vezes. Ou era?

CAPÍTULO II

Peyton Rand tirou uma baforada de seu charuto Havana, então soltou a fumaça em anéis. Sentado confortavelmente na velha cadeira de couro da biblioteca, sua semelhança com o pai perturbava Spence. O irmão mais velho era tudo o que Marshall Rand desejara num filho, enquanto ele fora uma total decepção ao querido papai.

— Como pode fumar essa coisa? — Spence tossiu com ar dramático, para enfatizar o desagrado. — Ainda vai morrer por isso.

— Já tentei parar, mas não consigo — Peyton explicou, batendo a cinza na antiga escarradeira de latão, ao lado da cadeira. — Foi um dos maus hábitos que herdei do senador.

— Não o incomoda o fato de ser tão parecido com ele? Peyton fitou o irmão, com um brilho de divertimento nos olhos azuis escuros.

— Somos o que somos, irmãozinho. E não sou idêntico a papai. Se, um dia, eu tiver filhos, não vou bancar Deus e comandar suas vidas.

— Espero que não. — Spence deu um murro na mesa. — O velho está morto há oito anos e tenho a sensação de que voltou da sepultura, só para provar que continua dominando minha vida.

— As coisas não estão saindo exatamente conforme planejou, com relação a Pattie Cornell, não é mesmo? — Peyton sorriu.

— Não me olhe desse jeito. Afinal de contas, sendo meu irmão, não devia atirar o fracasso na minha cara.

— Desculpe. Acontece que sei que você não está acostumado a levar a pior com as mulheres.

— Pattie não está sendo razoável. Telefonei todos os dias, mandei flores, fiz uma dúzia de convites ao longo das últimas duas semanas e tratei de encontrá-la "por acaso" em todos os cantos da cidade.

— E ela está pondo você na geladeira!

— E sempre muito educada e até amigável, mas faz questão de me manter a distância, erguendo barreiras que me impedem qualquer aproximação.

— Acha que pode culpá-la? Imagino que Pattie nunca vai se recuperar por completo do sofrimento que enfrentou por ser uma adolescente grávida e solteira, e por ter perdido o bebê logo que nasceu. Suas lembranças do relacionamento com você não podem ser tão maravilhosas.

— Mas a filha dela está viva! — Spence pôs-se a andar de um lado para outro. — Minha filha precisa de Pattie. A menina está confusa de dar dó e eu tenho medo de estar fazendo tudo errado. Já disse que não faço idéia do que é ser pai.

— Os instintos de Pattie não reagiram a Allison?

— Não. Pode acreditar? Até você pensou que haveria algum tipo de ligação entre elas, não foi?

— Espere um pouco! Achou que Pattie reconheceria Allison como sendo a filha que ela pensa ter morrido há treze anos?

— Sim, acho que sim. Estupidez de minha parte, não?

— Eu diria que foi otimismo demais. — Peyton atirou o charuto na escarradeira. — Como vão as coisas entre você e Allison?

Spence passou as mãos pelo rosto, num gesto aflito.

— Detesto vê-la tão infeliz. Allie tem chorado muito e parece que não está se adaptando à nova escola.

— Allie? — Peyton repetiu, explodindo numa gargalhada.

— O que é tão engraçado?

O mais velho endireitou o corpo e, ainda sorrindo, respondeu:

— Valerie deve estar se revirando na tumba por você ter dado um apelido a Allison.

— Bem, esta é uma das coisas erradas em minha filha. Aquela sua irmã tentou fazer uma lavagem cerebral na menina. Allie está sempre com medo de dizer ou fazer algo errado. Que vida é essa para uma garota de treze anos?

—Trate de ajudá-la a mudar, a descobrir uma vida nova e melhor. Não espere que Pattie faça milagres.

— Não sei como fazer isso sozinho. — Spence afundou-se na poltrona diante da escrivaninha. — Se há alguma esperança para Allie, Pattie e eu teremos de unir nossos esforços para ajudá-la. A pobrezinha não sabe se vestir, ou conversar, ou agir, de maneira a ser aceita pelos colegas.

— Já pensou em procurar Pattie e, simplesmente, contar-lhe a verdade? Sem jogos ou adiamentos.

— Não posso fazer isso. Não faço idéia de qual seria a reação de Pattie. Ela poderia contar a Allie e minha filha não está preparada para a verdade. Meu Deus, Peyt, ela é tão frágil... tão indefesa... tão vulnerável.

— Parece que está começando a gostar um bocado da sua filha.

— Sim, bem... é impossível não gostar de uma criatura tão meiga.

Spence detestava admitir, mesmo para o irmão, que Allie se insinuara em seu coração, que sua tentativa de não apegar-se a ela fora em vão. Já amava a filha profundamente e, mais que qualquer coisa, queria fazer o melhor por ela. E seus instintos lhe diziam que o melhor seria Pattie Cornell.

— Não devia permitir que Allison... Allie... se apegue demais a você, se pretende atirá-la nas mãos de Pattie e partir — Peyton advertiu-o, levantando-se e vestindo o paletó.

— Não pretendo atirá-la nas mãos de Pattie! Só quero providenciar uma vida estável para Allie. Se Pattie me desse uma chance...

— Espera que Pattie dê uma chance a você?

— Sim. Não. Droga! Você me confunde com esse discurso de advogado!

— Fiz uma pergunta simples. Quer que Pattie lhe dê uma segunda chance?

— Quero a chance de me aproximar dela de novo, o bastante para que Allie e eu possamos fazer parte de sua vida. Sendo os pais de Allie, teremos de resolver uma porção de coisas juntos.

— Está dizendo que não sobrou nada dos sentimentos que existiam entre vocês dois? Que é capaz de estar perto de Pattie e não pensar em tudo o que aconteceu? — Peyton apanhou a maleta de cima da mesa. — Tenho de estar no tribunal dentro de meia hora. Preciso ir.

Spence impediu-o de sair, segurando-o pelo braço.

— Tentei tudo o que podia, exceto raptar Pattie. Nada funcionou. Ela parece determinada a ficar longe de mim.

— Não acredito que vá desistir. Nunca vi uma mulher capaz de resistir ao seu charme. Talvez não tenha tentado a abordagem correta. Pelo que sei da vida de Pattie Cornell, ela é uma mulher firme e independente, habituada a cuidar de si mesma. E possível que romantismo e cavalheirismo não sejam os meios corretos de conquistá-la.

— O que está sugerindo?

— Se nada mais funcionou, talvez esteja na hora de raptá-la.

— Está louco?

— Tão louco quanto uma raposa, irmãozinho. Pense nisso e verá que tenho razão.

— Pensei que eu era o único rebelde desta família.

— Pode ter se enganado. — Peyton deu-lhe um tapinha nas costas. — Passarei por aqui, antes de voltar para Jackson.

— Sim, sim, venha.

Depois que Peyton saiu, Spence refletiu sobre a sugestão maluca do irmão, sacudindo a cabeça diante do absurdo da idéia. Como poderia raptar Pattie? O que deveria fazer? Simplesmente entrar na Furniture Mart, atirá-la sobre os ombros e sair?

Era uma idéia maluca. Algo que ele deveria ter feito aos vinte anos. Se tentasse uma idiotice como aquela, a cidade inteira comentaria o fato durante meses. Ele pouco se importava e duvidava que Pattie se importaria. Mas, daria certo? Raptar Pattie o ajudaria a atingir seus objetivos?

Ora, valia a pena tentar.

— Quem era ao telefone? — Pattie perguntou e fechou a porta atrás de si, ao entrar no escritório.

— Era para mim — Sherry respondeu, ajeitando os cabelos grisalhos.

Pattie deixou-se cair em sua cadeira e apoiou os pés na mesa.

— Que dia horrível! Estou exausta, de tanto discutir com Joan.

— Suponho que a reunião com ela e o advogado foi inútil.

— Nem tanto. — Pattie girou a perna e gemeu ao constatar que desfiara a meia. — Serviu para me mostrar que preciso contratar um advogado. Aquela mulher é maluca! Mesmo sabendo que, aos dezesseis anos, J.J. tem o direito de escolher o próprio guardião, continua ameaçando me levar aos tribunais e provar que não estou capacitada a ser uma boa mãe para o filho de Fred.

— Ela não tem meios de provar coisa alguma. — Sherry sentou-se na beirada da mesa. — Está furiosa porque Fred deixou a casa e a loja para você e J.J., em vez de deixar para ela.

— Joan pode trazer meu passado à tona. Todos na cidade sabem que dei à luz uma criança ilegítima, há quase catorze anos.

— E ninguém jamais se importou com isso. — Sherry inclinou-se sobre a mesa e baixou o tom de voz. — Mesmo você se recusando a dizer o nome do pai da criança, sabemos que se trata de Spencer Rand.

Joan também sabe. E sempre teve uma queda por ele.

— Sherry, não quero falar sobre...

— Devia contar a Spencer sobre o bebê. Ele não entende por que você continua a evitá-lo. Acho que tem o direito de saber.

Pattie pousou os pés no chão e afastou a cadeira.

— Spence não tem direito a coisa alguma.

— Pattie Cornell, ele não sabia que você estava grávida, quando partiu.

— Um novo envolvimento com Spence não mudaria a situação de ninguém. Muito menos, resolveria meu problema com Joan. Não há como mudar o passado. Se minha filha estivesse viva, Spence teria o direito de saber. Mas, contar-lhe sobre uma criança que não existe não vai ajudar em nada.

— Vocês ainda guardam os sentimentos que tinham um pelo outro. Basta olhar para os dois.

— Não, nós...

— Não tente negar. Conheço você há muito tempo e sei que não esqueceu Spencer. Está apavorada, Pattie. Tem medo de sofrer de novo.

— Não acha que tenho o direito de me defender? Perdi todas as pessoas que significavam algo para mim. Primeiro, Spence me abandonou. Então, mamãe morreu e... depois, minha filhinha.

— A dor quase sufocou Pattie, embora ela não derramasse uma lágrima. Não voltara a chorar, desde o dia da morte da filha. Nem mesmo quando perdera Fred. — E, ainda, tive de enfrentar o verdadeiro inferno do que aconteceu a Trisha.

— Fez o que pôde por sua irmã. Não foi culpa sua o fato dela ter se viciado em cocaína.

— Se, ao menos, eu tivesse encontrado um meio de ajudá-la, antes que o vício a matasse. Foi duro perdê-la, há seis anos... e Fred, no ano passado.

Sherry escorregou da mesa e pôs-se de pé.

— Sim, garota, sei que teve uma vida dura até agora. Mas esse é mais um motivo para acreditar que sua sorte pode mudar e que tem o direito de ser feliz.

— Acha que Spence Rand pode me oferecer felicidade?

— Só vai saber se lhe der uma chance.

— Ainda não percebeu o que ele quer? Spence não sabe o que fazer com a filha de Valerie e acha que posso ajudá-lo.

— E por que não? Você está se saindo muito bem com J.J.— Sherry

sorriu, deu de ombros e abriu a porta do escritório.— Poderia se tomar um excelente modelo feminino para Allie. E Spence, um modelo masculino para J.J. Acho que estariam se ajudando mutuamente.

— Passei duas semanas evitando Spence porque sei que, se me envolver com ele de novo, vou acabar sofrendo mais uma vez. Não vou deixar que seu charme, beleza e boa conversa me enganem. Não preciso dele. E não o quero!

O sorriso de Sherry tomou-se mais largo.

— Ora, Pattie, ainda não nasceu a mulher capaz de não querer Spencer Rand.

Antes que Pattie pudesse responder, Sherry deixou o escritório apressada. Talvez a funcionária e amiga estivesse certa. Talvez Pattie ainda quisesse Spence... e, quem sabe, ele também a quisesse. Mas ela não se arriscaria a enfrentar todo o sofrimento que conseguira superar a duras penas. Perdera coisas demais na vida, para jogar com a sorte, ao lado de um homem que provara amar sua liberdade, muito mais do que a mulher com quem pretendia se casar.

Spence estacionou seu Porsche bem em frente à Fumiture Mart. Depois de inspecionar o almoço que providenciara para o piquenique, colocou a cesta no assoalho do carro. Então, inclinou-se e conferiu a aparência no espelho retrovisor, abriu a porta e saiu para a calçada. Diabos, não se sentia tão nervoso, desde o seu primeiro encontro com uma garota, aos dezesseis anos! Por outro lado, jamais raptara uma mulher e não sabia bem como agir. Teria de deixar o instinto guiá-lo.

Planejara tudo com cuidado. Desde levantar a capota do carro conversível, até escolher um lugar romântico para o piquenique, Spence arquitetara a sedução de Pattie com a mesma concentração que utilizava para a criação de seus romances. Mas havia muito mais em jogo, além de seu orgulho de macho, desta vez. O futuro de sua filha dependia do seu poder de persuasão. Teria de agir com cautela. A última coisa que desejava era magoar Pattie mais uma vez. Seria honesto com ela, contando-lhe que não procurava por compromissos permanentes. Ao menos, não para si mesmo.

Entrou na loja assobiando, com ar confiante. Assim que avistou Sherry Daily, sua cúmplice, lançou-lhe um olhar interrogativo. Ela se aproximou com um sorriso.

— Pattie está no escritório — informou-o. — Fiz tudo para que ela não saísse antes de você chegar.

Spence abraçou a senhora de meia idade, que já era avó, e deu-lhe

um beijo no rosto.

— Sherry, você é um anjo. Obrigado pela ajuda.

— Trate-a com carinho, Spencer. A melhor maneira de me agradecer, é trazer o brilho de volta aos olhos daquela menina.

— Farei o possível.

Spence afastou-se na direção do escritório de Pattie. Como a porta se encontrasse entreaberta, espiou-a e viu-a debruçada sobre o teclado do computador.

A blusa cor de creme aderia aos seios fartos. Pattie estava sentada numa posição pouco feminina, as pernas abertas, uma de cada lado da cadeira. A saia verde deslizara para cima, revelando boa parte das coxas bem torneadas.

Spence sentiu o corpo reagir de imediato às lembranças do corpo nu de Pattie sob o seu, da pele macia, coberta de suor...

Amaldiçoou a falta de autocontrole e, respirando fundo, entrou no escritório.

Ela ergueu a cabeça, os lábios começando a curvarem-se num sorriso. Quando viu quem era, o sorriso se desfez no mesmo instante.

— O que está fazendo aqui, Spence?

— Vim te ver.

— Lamento, mas estou muito ocupada para receber visitas. Tenho muito trabalho a fazer.

Apanhou um lápis e pôs-se a brincar com ele, a fim de esconder a leve tremedeira em suas mãos.

— Muito trabalho e pouco prazer, fazem de Pattie... — Uma empresária bem sucedida.

— Uma mulher com excesso de trabalho, que precisa de um descanso.

Spence deu um passo hesitante na direção dela. Pattie continuou a brincar com o lápis.

— Escute, Spence, não estou interessada na sua oferta. Não tenho tempo para você e seus problemas.

Ele teve vontade de gritar que seu problema era dela também, que Allison Caldonia Wilson precisava da mãe... da mãe natural.

— Arranje tempo, meu anjo. Para mim.

No passado, ele costumava chamá-la de "meu anjo" e Pattie adorava. Agora, o apelido carinhoso trazia recordações dolorosas, há muito enterradas.

— Não vai funcionar.

— O que não vai funcionar?

— Não adianta tentar reviver o passado.

— Mas você não esqueceu — ele murmurou, apoiando as duas mãos na mesa. — Nenhum de nós dois poderia esquecer o que houve no passado.

Pattie rabiscou algumas anotações no bloco ao lado do computador. Spence observou-a, saboreando a visão. Dos cabelos loiros aos pés delicados, Pattie era uma mulher maravilhosa.

Quando parou de escrever, ela virou as páginas do bloco, ignorando-o. Estudando as anotações, levou o lápis à boca. Os lábios coloridos com batom vermelho fecharam-se em tomo do lápis e, enquanto analisava os dados anotados, ela o sugava de leve. Spence sentiu as entranhas se contorcerem. O gesto simples e involuntário de Pattie provocou-lhe lembranças sensuais e provocantes. Se ela não tirasse logo aquele lápis da boca, ele não se responsabilizaria por seus atos.

Embora corresse os olhos pelas páginas, Pattie não fazia a menor idéia do que estava lendo. Era inútil tentar concentrar-se no trabalho, enquanto Spence continuasse ali parado, como um abutre rondando sua caça.

Acelerou o ritmo dos movimentos que fazia com o lápis na boca, à medida que suas mãos tentavam dar vazão à tensão que se formava dentro dela. De súbito. Spence agarrou o lápis, arrancou-o de suas mãos e partiu-o em dois. Pattie fitou-o como se ele houvesse enlouquecido.

— O que está acontecendo? — ela perguntou, surpresa. Spence respirou fundo várias vezes, recuperando o domínio sobre o próprio corpo. Como poderia explicar a ela que seus lábios sobre o lápis o estavam deixando louco?

Deu a volta na mesa tão depressa, que Pattie foi apanhada de surpresa, quando ele a tomou nos braços.

— O que pensa que está fazendo? — ela inquiriu, tentando libertar-se. Ao sentir que escorregava, agarrou-se ao pescoço forte, enroscando os dedos nos cabelos longos de Spence. presos na nuca por um elástico.

Ele a segurou com firmeza.

— Estou raptando você, para passarmos uma tarde agradável, só nos dois.

Ah, como ela cheirava bem! Uma mistura de especiarias e feminilidade. Spence teve o ímpeto de enterrar o rosto em seu pescoço e

aspirar-lhe a fragrância irresistível.

— Você enlouqueceu? Ponha-me no chão!

Como ela voltasse a se debater, ele girou seu corpo, atirando-a sobre um dos ombros, como um bombeiro em ação de salvamento. Esmurrando-lhe as costas, Pattie gritou seu nome.

Com um sorriso satisfeito e uma leve ereção, Spence carregou Pattie através da Fumiture Mart, até a porta da frente.

— Ponha-me no chão, seu bruto... animal... estúpido! Pattie continuou a esmurrar-lhe as costas sem dó.

— Mas, que escândalo! — ele exclamou. — O que as pessoas vão pensar?

— Estou pouco ligando para o que as pessoas vão pensar. Ponha-me no chão, ou vou gritar até perder a voz!

— Pois, faça isso, meu anjo. Goste ou não, vai passar o resto da tarde comigo. — Antes de abrir a porta, Spence parou. — Sherry, cuide bem da loja. Devolverei Pattie sã e salva, antes do anoitecer.

— Sherry, chame a polícia! Este cretino está tentando me raptar!

— Divirtam-se e não passem o tempo todo brigando — Sherry falou com um sorriso.

— Sherry, está despedida! — Pattie berrou, a voz estridente pela raiva e frustração.

O sol claro de setembro refletia-se em vitrinas e janelas de automóveis na rua movimentada. Vários transeuntes pararam para assistir ao espetáculo oferecido por Pattie e Spence. Ela gritava e esmurrava sem parar; ele a carregava no ombro com toda a calma do mundo.

Levou-a até o cano e instalou-a no banco do passageiro. Quando viu que ela tentava abrir a porta para escapar, advertiu:

— Se fosse você, eu não tentaria fugir. Imagine que cena faremos, se eu tiver de persegui-la pela rua e carregá-la de volta para o carro.

— Você não se atreveria!

— Experimente.

Pattie olhou para o trinco da porta, depois para Spence. Ele não parecia estar brincando. Deu a volta e entrou no cano. Ela pousou a mão na maçaneta. Ele estendeu a mão e puxou seu cinto de segurança, prendendo com firmeza. Pattie fitou-o furiosa.

— Se pensa que vai me impressionar com sua técnica de homem das cavernas, está muito enganado, seu patife!

— Patife? — Spence repetiu com uma gargalhada e deu a partida

no motor.

— O que pretende fazer? Fingir que é um dos personagens supermachos de seus livros? Jake Wilde, por exemplo?

Spence pôs o cano em movimento, enquanto uma pequena multidão os observava com interesse.

— Leu meus livros?

Pattie cruzou os braços e ergueu o queixo.

— Li um ou dois, por pura curiosidade.

— Estou lisonjeado. — Spence estava atento às placas que indicavam os nomes das ruas, para não perder a que levava à estrada para o rio. — E, respondendo à sua pergunta, não estou tentando imitar Jake Wilde, ou qualquer um dos meus heróis machões. Sou apenas um cara à beira do desespero. Já tentei de tudo, mas você continua me rejeitando. Homens desesperados cometem crimes desesperados.

— Está me culpando por sua atitude irracional? — Pattie inquiriu ofendida.

Spence diminuiu a marcha e, então, beijou-lhe os lábios. Pattie sobressaltou-se, mas o beijo foi tão rápido, que ela desistiu de protestar.

Acelerando gradualmente, Spence tomou o caminho do rio Tennessee. Ele e Pattie haviam passado muitas horas felizes no chalé de propriedade dos Rand, à margem do rio. Fora lá que haviam feito amor pela primeira vez. Spence perguntou-se se Allison fora concebida na velha cama de ferro.

— Para onde está me levando? — Pattie perguntou, ao esbarrar o pé na cesta de piquenique.

— Para o chalé na beira do rio. Achei que poderíamos fazer um piquenique, como tantos outros.

— Imagino que seria inútil pedir que me leve de volta à cidade.

— Dê-me uma chance, ao menos, meu anjo. Prometo que quando chegarmos ao rio, não farei nada que você não queira.

Pattie lançou-lhe um olhar desconfiado. Ele reagiu com um sorriso rápido, porém contagiante. Então, voltou a concentrar-se na estrada, assobiando o tempo todo.

Pattie perguntou-se o que poderia fazer. Em outras circunstâncias, adoraria ser raptada por um homem atraente, para uma tarde à margem do rio. Mas aquele não era um homem qualquer, era Spencer Rand. Apesar dela negar para os outros e para si mesma, sabia que Spence ainda era dono de parte de seu coração. Provavelmente, sempre seria. Afinal, fora seu primeiro amor, seu primeiro amante... e pai de sua filha.

A medida que se afastavam da cidade. Pattie foi relaxando no banco. Embora tentasse não olhar para o homem ao volante, não resistia à tentação de fitá-lo pelo canto do olho. Ele era mesmo muito bonito. Os traços perfeitos e a virilidade misturavam-se na medida certa, tomando-o irresistível.

E o corpo! Spence sempre fora alto e tivera ombros largos, mas o jovem esbelto transformara-se num homem forte e musculoso. Pattie sentiu o desejo se manifestar. Não se sentia sexualmente atraída por um homem, desde a morte de Fred. Mesmo assim, não se surpreendeu com a constatação de que desejava Spence. Sempre se sentira atraída por ele, desde o primeiro dia em que sua mãe trabalhara como empregada dos Rand. Na época, aos catorze anos, Pattie não reconhecera o componente sexual de sua atração pelo garotão de dezesseis. Três anos mais tarde, os dois haviam descoberto, juntos, o maravilhoso mundo do amor, do sexo e do prazer.

Tomaram uma saída à esquerda, a caminho do chalé. Desde que aceitara a idéia de raptar Pattie e levá-la para um piquenique romântico, Spence não conseguira afastar da mente certas lembranças. Lembranças de beijos apaixonados, que sempre levavam a explosões de paixão e desejo. Eram ambos inexperientes, então. Suas experiências juntos deveriam ter sido constrangedoras e pouco satisfatórias. Mas, ao contrário, haviam sido inesquecíveis, sempre com muito amor e paixão.

O senador aprovara o fato do filho levar a filha da empregada para a cama, mas se opusera à idéia de Spence casar-se com ela. Um Rand jamais se casava com alguém de classe inferior. O amor de Spence por Pattie Cornell fora um dos muitos pontos de atrito que ele tivera com o pai. Nada do que fazia jamais agradava o mais velho.

— Nada mudou por aqui — Pattie comentou, olhando em volta.

As árvores centenárias continuavam a lançar sua sombra sobre o chalé de madeira, construído no centro de uma pequena colina gramada. Do outro lado do caminho de cascalho, corria o rio Tennessee, com suas águas poderosas.

Spence saiu do carro e deu a volta para abrir a porta para Pattie. Ela o fitou com seus grandes olhos castanhos.

— Não vou para a cama com você, Spence.

Ele lhe tomou uma das mãos e levou-a aos lábios. Então, passou-a pelo rosto recém-barbeado. A sensação da pele máscula sob seus dedos, provocou um arrepio inesperado em Pattie.

— Não quero magoá-la. Nunca mais — ele murmurou, puxando-a pela mão.

Ela deixou que ele a ajudasse a sair do carro.

— Você faz o tipo de homem perigoso para qualquer mulher, sabia?

Spence apanhou a cesta de piquenique e passou um braço em torno da cintura de Pattie.

— Não ofereço metade do perigo que você representa e nós dois sabemos disso, meu anjo.

Pattie sentiu as faces arderem. Nenhum dos dois jamais poderia esquecer o que se passara, cada vez que haviam feito amor: a paixão arrebatadora, o desejo incontrolável, o prazer inesquecível.

— Talvez façamos mal um ao outro.

— Não, meu anjo, fazemos muito bem um ao outro. Ao menos, costumava ser assim. E aposto minha vida como nada mudou.

— Abriu o porta-malas e retirou um cobertor xadrez. — Será que nosso cantinho continua lá, ou a correnteza já corroeu a margem até aquele ponto?

Pattie seguiu-o pelo caminho estreito e tortuoso. O sol brilhava por entre as copas das árvores, formando poças douradas no solo. Ela podia ouvir as batidas lápidas do próprio coração. Catorze anos. Fazia catorze anos que haviam se separado. E tudo parecia igual ao que fora, ela com dezoito anos, os dois muito apaixonados.

Sacudiu a cabeça e tratou de concentrar-se no presente, no aqui e agora. Reminiscências do passado só poderiam trazer problemas.

Spence atravessou o pequeno bosque cerrado e chegou ao local que procurava. A poucos metros da margem do rio, cercada de arbustos, encontrava-se uma rocha, larga e achatada, banhada pela luz do sol.

— Tudo continua como antes — comentou, entregou a cesta a Pattie e estendeu o cobertor sobre a areia, sob a sombra da rocha.

— Pode parecer igual, mas não é. Tudo muda com o tempo.

Pattie sentou-se com a ajuda de Spence. que se juntou a ela em seguida.

— Tem razão. Talvez seja tolice minha, tentar reviver os bons tempos. — Abriu a cesta e continuou: — Eu trouxe nosso almoço: queijo, vinho e morangos. Não é a mesma coisa, de quando trazíamos o frango frito que sua mãe preparava e bebíamos cerveja e refrigerantes.

— Seus gostos estão mais sofisticados — Pattie observou, enquanto ele abria o vinho. — Você é um homem do mundo, enquanto eu continuo sendo uma moça simples do interior.

— Não há nada de simples em você. Pattie. Nunca houve. — Colocando a garrafa entre as pernas, Spence retirou dois copos da cesta e estendeu um para Pattie. — Nestes catorze anos, jamais conheci uma mulher tão complicada.

— Acho que pretende me fazer um elogio com este comentário — ela falou e observou o líquido vermelho encher seu copo.

Spence encheu o próprio copo e ergueu-o.

— Um brinde — falou com um sorriso. — A uma nova amizade.

Pattie sentiu o peito apertar-se, num misto de medo e esperança.

— Acha que podemos ser simplesmente amigos?

Spence bebeu um gole do vinho e estudou-a por sobre a beirada do copo. Não, sabia tão bem quanto ela que jamais seriam apenas amigos. Toda vez que olhava para Pattie, ficava excitado como um adolescente. E. pelo modo como ela o fitava, era evidente que também o desejava.

— Talvez não, meu anjo. Mas, no momento, preciso de você, mais que qualquer outra coisa no mundo.

Pattie bebeu todo o seu vinho num longo gole.

— Precisa de mim como amiga, ou como amante?

— Preciso de você como amiga. — Deixou o copo sobre a rocha, apanhou o de Pattie e colocou-o ao lado do seu. Então, aproximou-se, até seus ombros e pernas se tocarem. Pousou uma das mãos na nuca de Pattie e puxou-a para si. Com o rosto muito próximo ao dela, murmurou: — Mas quero você como amante.

Uma onda de calor varreu o corpo de Pattie. Seu coração disparou e ela estremeceu. Continuava sensível à menor aproximação de Spence Rand, como antes. Não, nada mudara. E ela o desejava com a mesma intensidade e paixão.

Quando ele pousou os lábios sobre os dela, sua gentileza e ternura fizeram-na esquecer-se de tudo. Com movimentos lentos e hábeis, ele acariciou e explorou a boca que sempre o enlouquecera. Pattie contorceu-se, buscando diminuir ainda mais a distância do corpo másculo.

Obedecendo os instintos, ela deslizou as mãos pelo peito largo, até chegar aos ombros. O beijo tornou-se mais intenso. Quando sua mão atingiu a nuca de Spence, Pattie sentiu os dedos enroscarem no elástico que lhe prendia os cabelos longos. Num movimento rápido e certeiro, soltou o elástico, deliciando-se com a sensação de acariciar os cabelos castanhos e macios do homem que jamais deixara de amar.

Devagar, Spence foi soltando o peso do corpo, obrigando-a a deitar-

se. Ela não ofereceu resistência. Então, ele posicionou um joelho entre as coxas de Pattie, afastando-as, buscando e encontrando um recanto de calor. Durante todo o tempo, não deixou de beijá-la e ela retribuía cada beijo com total abandono.

Pattie sentiu a masculinidade pulsante, pressionada contra seu ventre, e não pôde ignorar a necessidade gritante de senti-lo dentro de si. Quando a mão de Spence subiu por sua coxa, entrando por baixo da saia, até pousar possessiva entre suas pernas, ela arqueou o corpo, estreitando assim o contato já tão íntimo. Spence gemeu baixinho e murmurou:

— Ah, meu anjo, não pensei que perderíamos o controle tão depressa. Nada mudou entre nós, não é mesmo? Tudo é igual ao que era antes.

Era verdade: tudo continuava como antes. A paixão arrasadora e incontrolável. Ela jamais sentira algo parecido com outro homem. Mas Spence estava enganado. Muita coisa mudara. Tudo era diferente. Por mais que o quisesse, Pattie não podia entregar-se a ele. Spence a abandonara, sem jamais olhar para trás. Ela não poderia deixar que ele a magoasse de novo. Apesar dele haver prometido que não o faria, Pattie sabia que amá-lo seria arriscar perder mais do que seria capaz de suportar.

— Spence, não podemos... — Pousou as mãos no peito dele e afastou-o. — Não posso.

Spence colou a testa à dela, forçando-se a recuperar o controle. Deixara-se levar pela paixão e amaldiçoou-se por isso. Não imaginara que perderia a cabeça tão depressa, mas Pattie exercia um estranho efeito sobre ele. Sempre fora assim.

— Desculpe, meu anjo. Foi minha culpa. Deixei que as coisas escapassem ao controle. — Rolando para o lado, Spence deitou-se ao lado de Pattie, cruzou os braços sob a cabeça e fitou o céu azul. — Mais cedo ou mais tarde, vamos acabar fazendo amor. Sabemos que será assim. Mas não quero que nada aconteça, antes que você esteja pronta.

Pattie sentiu o corpo todo dolorido. Estava mais do que pronta para receber Spence. para amá-lo e ser amada. Fechou os olhos e esperou que a respiração voltasse ao normal e que o calor do sol substituísse as chamas do desejo.

Então, estendeu o braço e ofereceu a mão a Spence, que a segurou com firmeza.

— Está tudo bem, meu anjo. Eu sei. Eu sei.

— Nós não devíamos ficar sozinhos — ela falou com voz ainda trêmula. — Se só nos encontrarmos junto de outras pessoas, talvez... talvez possamos ser amigos. Só amigos, até...

— Até você decidir que deseja ser minha amante de novo.

— Podemos sair com as crianças. J.J. e Allie serão excelentes acompanhantes.

Ela riu alto, produzindo um som que misturava incerteza e alívio.

Allie! Diabos, nem sequer se lembrara de Allie. O que havia de errado com ele, afinal? Sua filha — filha de Pattie — fora o motivo pelo qual ele voltara à cidadezinha que sempre detestara. O objetivo de sua tentativa de refazer a amizade com Pattie era que mãe e filha pudessem se conhecer e aproximar.

Havia se esquecido completamente da filha. Deixara-se absorver pela proximidade de Pattie, por sua pele macia, os cabelos dourados, o corpo exuberante, os lábios sensuais... Esquecera dos propósitos que o haviam levado até ali. Abraçá-la, beijá-la, tocá-la... era tão bom e tão certo... Como nos velhos tempos, só que melhor, pois haviam se tornado mais adultos, mais sábios e experientes.

Aquilo não devia ter acontecido. Ele não planejara envolver-se com Pattie novamente. E fora tolo ao pensar que poderia olhar para ela e não desejá-la. Justamente a mulher que ele jamais fora capaz de esquecer. Era por isso que ainda carregava a foto dela na carteira.

Pattie sentou-se e alisou a blusa amarrotada. Então, ajeitou a corrente entre os seios. E se Spence houvesse lhe acariciado os seios? Teria sentido a corrente e os anéis debaixo da blusa! Mas, a menos que os visse, não saberia do que se tratava. Nem devia lembrar-se de que lhe dera um anel de noivado.

— Spence?

— Sim?

— O que acha das crianças nos servirem de acompanhantes?

— Acho uma excelente idéia. — Ele faria com que Allie os acompanhasse todo o tempo e não perderia a menor chance que Pattie lhe desse. — Allie precisa de uma mulher em sua vida.

— Não uma mulher como eu. Valerie certamente não gostaria de me ver perto de sua filha. E seu pai e sua avó ficariam chocados.

— Nenhum deles tem qualquer poder sobre a vida de Allie, agora. — Ah, como ele queria contar-lhe a verdade, dizer-lhe que a única neta do senador Rand era sua filha e que ela. mais do que qualquer outra pessoa, tinha direito a fazer parte da vida de Allie. — Não se esqueça

que sou o guardião legal.

— Ainda não acredito que Valerie tenha escolhido você, em vez de Peyton. O que deu nela, para deixar a filha aos seus cuidados?

— E uma longa história e vou contá-la a você em breve. — Sem poder resistir ao desejo de tocá-la. Spence estendeu a mão e acariciou-lhe a face. — Allie precisa que mostremos a ela como viver a vida, como se comportar como uma adolescente normal. Ajude-me, Pattie. Ajude-me a ensiná-la como libertar a criatura maravilhosa que existe dentro dela.

— O que o faz pensar que serei capaz de ajudá-lo? Se Allie for parecida com Valerie, vai me odiar. Nossas personalidades entrarão em conflito.

Spence sorriu, pensando na ironia da situação.

— Acredite, nas aparências, Allie pode ser filha de Valerie mas, no fundo, é muito mais parecida com o tio Spence.

— Ela tem o seu rosto. Notei isso na primeira vez em que a vi

Será que nossa filhinha seria tão parecida com você!

— Os genes dos Rand são muito fortes.

— O que quer que eu faça para ajudá-lo a libertar a verdadeira Allie?

— Passe bastante tempo com ela. Conosco.

Spence deslizou a mão do rosto para o pescoço de Pattie.

— Acho que J.J. poderia ajudar muito. E um bom garoto, um adolescente típico, de dezesseis anos. Ele me faz lembrar de você, quando tinha a mesma idade.

Pattie cobriu a mão de Spence com a sua, fitando-a direto nos olhos.

Ele retirou a mão devagar.

— Nesse caso, é melhor mantê-lo longe de Allie.

Os dois caíram na risada, lembrando-se como fora com eles no início, quando eram jovem demais para saberem dos perigos do amor e do sexo.

— Estamos procurando encrenca, Spence. Sabe disso, não sabe?

Pattie não seria capaz de citar um motivo racional para permitir que Spence voltasse a fazer parte de sua vida, depois de tantos anos. Atração física, certamente, não era a melhor razão.

— Encrenca sempre foi o meu nome, meu anjo. E lembro-me de tempos em que era o seu, também.

— E verdade. De certa forma, ainda é. Mas tento ser diferente. E, desta vez, temos muito mais a considerar, além de nós dois. Trata-se de um assunto de família: sua sobrinha, meu enteado.

— Assunto de família — ele repetiu, saboreando o som das palavras.

Gostou da idéia. Queria que Allie fizesse parte da família de Pattie. Seria capaz de ir adiante com sua vida se soubesse que a filha encontrava-se feliz e segura, ao lado da verdadeira mãe.

Uma emoção desconhecida o invadiu. Seria dor? Lamentava o fato de não poder fazer parte daquela família? E lamentava a impossibilidade de um futuro para ele e Pattie.

Spence disse a si mesmo que seria tolice esperar mudanças permanentes em seu estilo de vida. A maneira despreocupada e sem responsabilidades com que vivia o protegia contra o sofrimento, ao mesmo tempo em que o impedia de infligir dor a outras pessoas. De uma coisa ele tinha certeza: não era capaz de manter relacionamentos duradouros. Falhara em todas as tentativas. Tendo provocado a morte da mãe ao nascer e decepcionado o pai constantemente, falhara como filho. Causara grande sofrimento à avó e muito embaraço aos irmãos. Abandonara Pattie quando ela mais precisara dele, sem nunca ter olhado para trás. sem jamais ter considerado a possibilidade de tê-la deixado grávida. E, depois disso, todas as mulheres com quem se relacionara, haviam saído magoadas e amarguradas, por sua incapacidade de se comprometer por completo.

Prometera a Pattie que não a magoaria de novo e isso implicava em não fazer promessas que não poderia cumprir. Fizera isso uma vez e veja só o que aconteceu! Seu egoísmo quase destruíra duas vidas: seu primeiro amor e sua única filha.

Não, não faria qualquer promessa. Ficaria por perto o tempo necessário para fazer o que era certo. Trataria de reunir mãe e filha e, então, as deixaria viver em paz. Não correria o risco de partir o coração de Pattie, ou de desapontar Allie.

Conhecia-se muito bem e de uma coisa estava certo: Spence Rand não possuía o que era necessário para se tornar um homem de família.

CAPÍTULO III

Apesar da dor de cabeça e dos pés em brasas, fazia muito tempo que Pattie não tinha um dia tão divertido. Desde antes da morte de Fred. A ausência de J.J. foi o único detalhe que impediu seu dia de ser perfeito. Ele se recusara a acompanhá-la a Tupelo, para fazer compras em Barnes Crossing. Nas últimas duas semanas, desde que ela passara a sair com Spence e Allie, Pattie notara uma grande mudança no enteado. Embora sutil no início, ele se mostrava cada dia mais hostil a

Spence e, também, a Allie.

Pattie concluiu que o melhor a fazer seria dar tempo a J.J., na esperança de que ele percebesse que sua amizade com Spence e Allie não mudava em nada seu amor pelo menino.

Olhou para a Fila de fregueses, onde Spence aguardava a vez de fazer seu pedido. Enquanto Allie e Leigh White distraíam-se na loja de discos, os dois aproveitaram para descansar os pés e comer alguma coisa.

Spence sorriu e ela retribuiu o sorriso. Diversos estabelecimentos de fast food alinhavam-se lado a lado, oferecendo desde comida chinesa até hambúrgueres, o que era muito conveniente.

Pattie estava satisfeita pelo fato de Leigh haver se tomado amiga de Allie. A sobrinha de Spence era tão tímida e insegura, que chegava a dar dó. Mesmo assim, Pattie começara a notar uma mudança gradual na menina e Spence atribuía-lhe todo o crédito. Pattie, porém, acreditava que a melhora de Allie devia-se muito mais à influência do tio, do que dela mesma. Bem, de um modo ou de outro, sentia-se contente.

Spence colocou a bandeja sobre a mesa e sentou-se.

— Este lugar parece um hospício! Não entendo por que as mulheres têm tanto prazer em fazer compras!

— Podia ter ficado em casa. Eu lhe avisei como seria fazer compras com duas adolescentes o dia todo. Mas você não me deu ouvidos e insistiu em nos acompanhar.

Pattie distribuiu os guardanapos e apanhou seu refrigerante diet.

— Tem razão. Eu deveria ter ficado em casa e terminado o capítulo dez. — Spence estendeu-lhe um pratinho plástico. — Aqui está seu cachorro-quente com fritas.

— Parece delicioso.

— Como você consegue comer essas porcarias e continuar magra?

Os olhos de Spence avaliaram as formas, elegantes de Pattie, das duas correntes de ouro no pescoço, até o tênis Reebok em seus pés. Ah, como era linda! Daria tudo para tê-la em sua cama. Ao longo das duas últimas semanas, tivera de fazer um esforço sobre-humano para não agarrá-la!

— Que pergunta! Não sei. Deve ser uma questão genética, ou de metabolismo.

— Acho que Allie também nunca vai ter tendência para engordar. O que você acha?

Ele gostaria de dizer que sua filha herdara a compleição esbelta,

porém arredondada, da mãe. A cada dia, aumentava seu desejo de contar a verdade a Pattie. Mas o momento certo ainda não chegara. Era cedo demais.

— Não conheci o marido de Valerie, mas sua irmã sempre foi muito magra.

— Os genes dos Rand devem ser dominantes. Allie se parece um bocado com o meu lado da família. Não acha?

Mastigando seu sanduíche, Spence lançou um olhar rápido para Pattie. Dera o primeiro passo no caminho da verdade. Pattie parou de comer e fitou-o por um momento.

— Tem razão. Allie se parece com os Rand. Aliás, é tão parecida com você, que poderia ser sua filha.

Spence engasgou com seu refrigerante. Seu rosto ficou vermelho e os olhos começaram a lacrimejar. Pattie estendeu a mão e deu-lhe alguns tapinhas nas costas.

— Você está bem? — ela perguntou.

— Estou — Spence respondeu com voz estrangulada.

— É a idéia de ser pai que o assusta tanto?

Pattie sabia que, se ela e Spence continuassem aquela amizade, mais cedo ou mais tarde, ela teria de contar a ele sobre sua filha... a garotinha que morrera logo após o nascimento.

— E isso mesmo: a idéia me apavora. — Ele passou um guardanapo pelo rosto e atirou-o sobre a mesa. — Sou um fracasso em meus relacionamentos. Você, melhor do que ninguém, sabe disso.

— Esta dizendo que em todos esses anos, não teve sequer um relacionamento duradouro?

— Nenhum. Acho que nasci para viver sozinho. Não me adapto a lugar nenhum. Tive de construir uma vida só para mim, separado do resto do mundo.

— Mas, deve ter havido alguém...

Pattie não podia acreditar que um homem como Spence não houvesse partilhado sua vida com uma mulher.

— Tive algumas mulheres. Não muitas. E, por duas vezes, cheguei a morar com elas. Mas as relações tomaram-se amargas em pouco tempo.

— O que aconteceu?

— Sempre que tento assumir um compromisso, mesmo que seja temporário, acabo estragando tudo. Sou um patife egoísta, Pattie. Gosto das coisas à minha maneira e não quero mudar.

Parou de falar e fitou-a, esperando por sua compreensão e, quem sabe, sua compaixão. Pattie era uma mulher cheia de amor e ele precisava de toda a compreensão e apoio que ela pudesse lhe dar.

— Não encontrou nenhuma mulher que não quisesse mudá-lo?— Ah, Spence, não quero mudá-lo. Nunca quis. Sempre te amei exatamente como você é. E poderia amá-lo de novo... se me permitir isso.

— Ora, não sou tão maravilhoso a ponto de alguém me querer como sou. O problema é que sou o que sou.

— Não vejo problema algum em você ser o que é. Eu mesma nunca fingi ser algo diferente do que sempre fui: um pouco escandalosa, um pouco atrevida...

— E muito sexy — ele completou com um sorriso.

Pattie também sorriu, sentindo uma onda de calor varrer-lhe o corpo.

— Também.

— Olhe para nós, meu anjo. Nenhum dos dois mudou de verdade. Você continua sendo a mulher mais linda, mais doce e mais sexy que já conheci.

— E você, o homem mais gostoso da cidade.

Ela não resistiu e estendeu a mão para acariciar-lhe o rosto. Spence segurou-lhe a mão, levou-a aos lábios e beijou-a.

— Nunca tive a intenção de magoá-la. Sabe disso, não sabe? —Ah, se ele pudesse mudar o passado e apagar a dor que via nos olhos de Pattie...

— Spence, nós combinamos que não falaríamos do passado, que viveríamos um dia de cada vez e que aprenderíamos a ser amigos.

Retirou a mão das dele e lançou-lhe um olhar de súplica.

— Magoei todas as pessoas a quem amei. A começar por minha mãe.

— Ora, não foi sua culpa.

— Ela morreu enquanto eu nascia. De quem mais pode ser a culpa?

— De ninguém. Coisas assim acontecem.

— E quanto ao meu velho? E minha avó? Tudo o que fiz foi magoá-los e decepcioná-los.

— Era muito difícil agradá-los.

Pattie não gostava de ver Spence tão crítico consigo mesmo.

— Mesmo depois que meu pai ficou doente, não fiz o menor esforço para me reconciliar com ele. Peyt telefonava quase toda semana, praticamente implorando que eu voltasse para casa.

Por que, afinal, estava revivendo tudo aquilo? Claro, porque era fácil demais conversar com Pattie. Ele jamais contara ou discutira sua vida com mulher alguma.

— Não se pode mudar o passado, Spence. Temos de viver o presente. Concentre-se nisso. Veja a oportunidade que tem com Allie. Pode estabelecer um relacionamento bem sucedido com ela. Se existe uma garota que precisa de um pai, é Allie.

— Allie precisa mais de uma mãe, do que de um pai.

— Toda criança precisa de ambos. Nós sabemos disso. Você cresceu sem mãe e eu, sem pai. Acredite, toda menina precisa de um pai, um homem firme, em quem ela possa confiar, de quem possa depender, sempre, em qualquer lugar.

Spence soltou uma risada amarga.

— Não correspondo a essa descrição. Ah, Pattie, vivo morrendo de medo de desapontar Allie, de não conseguir ser o pai que ela precisa.

— Precisa tentar. Dê o melhor de si.

— E se eu falhar? Quando fui embora daqui, há catorze anos, acreditava que era a melhor coisa a fazer. Afastei-me de minha família o máximo que pude. Sabe quantas vezes vi Allie, antes de Valerie e Edward morrerem? Quatro. Quatro vezes.

Pattie pousou a mão sobre a dele.

— Por que está fazendo isso consigo mesmo? Se Valerie deixou Allie aos seus cuidados, deve ter pensado que você era a pessoa certa para educá-la. Devo admitir que nunca gostei de sua irmã, mas também devo reconhecer que foi uma mulher inteligente. Talvez ela tenha se dado conta de que você precisava de Allie, tanto quanto Allie precisava de você.

Spence desviou o olhar. Todas as mentiras que o cercavam apertavam seu coração, ameaçando sufocá-lo. Por que não podia, simplesmente, contar a verdade a Pattie? Allie é sua filha. Eu a trouxe para você. Cuide dela e ame-a como eu sei que só você será capaz. E tente me perdoar por não ser o homem que vocês duas precisam. Não nasci para ser marido e pai. Se eu ficar, acabarei magoando e desapontando as duas.

Tentou forçar um sorriso, mas não conseguiu.

— Não faz idéia do quanto sou grato a você por estar me ajudando a educar Allie. Você tem feito muito bem a ela. E ela gosta de você de verdade.

— Gosto do papel de mãe. Adoro ser uma mãe para J.J.. mesmo

que ele se considere crescido demais para isso. E gosto de agir como mãe de Allie. Ela é uma garota maravilhosa. Eu... eu sempre quis ter uma filha.

Spence pensou que não suportaria mais nem um segundo. A dor de Pattie queimava-lhe as entranhas.

— Lamento que J.J. esteja lhe causando problemas. Acho que a culpa e minha.

— Ele vai ficar bem. E um bom garoto. Acontece que nunca teve de dividir minha atenção com ninguém, desde que Fred morreu. Está apenas com ciúmes de você e Allie.

— Não tive a intenção de interferir em sua relação com ele. Talvez eu devesse explicar-lhe que o seu coração é grande o bastante para abrigar todos nós.

— J.J. sabe disso. Só precisa de tempo para superar a confusão de seus sentimentos.

— Como pode compreender tão bem os conflitos dos adolescentes?

— Trata-se de um talento natural — ela respondeu com uma risada.

Allie e Leigh chegaram e depositaram as inúmeras sacolas de compras em uma cadeira vazia.

— Não é uma delícia fazer compras? — Leigh comentou com entusiasmo, sentando-se ao lado de Pattie.

Com seu jeitinho acanhado, Allie sentou-se junto de Spence.

— Acho que nunca me diverti tanto, tio Spence. Tem certeza de que não se importa por eu ter comprado tantas roupas novas?

— Claro que não me importo. Quero que tenha tudo o que precisar.

— Leigh e Pattie ajudaram-me a escolher roupas que as garotas da minha idade costumam usar. Mamãe detestaria todas elas. — Seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Aposto que J.J. vai adorar aquela calça jeans e o suéter azul — Leigh assegurou-a.

As faces de Allie adquiriram uma tonalidade escarlate.

— Leigh, por favor...

— Ora, seu tio Spence e Pattie estão cansados de saber que você gosta de J.J. e acham que está tudo bem. Certo? — A loira descontraída olhou de um adulto para o outro, com olhar interrogativo.

— Acho que, talvez, Allie seja boa demais para J.J. — Pattie declarou, na esperança de diminuir a insegurança e o embaraço da menina. — Especialmente da maneira como ele vem se comportando ultimamente.

— Por favor, não conte nada a ele — Allie implorou, lançando um olhar tímido a Pattie. — Ele não gosta de mim e... e eu morreria se ele descobrisse que gosto dele.

— Seu segredo está seguro conosco. Fique tranqüila — Pattie garantiu.

— Estão com fome, meninas? — Spence perguntou.

— Muita! — Leigh respondeu, enfiando a mão no bolso para apanhar dinheiro.

— Hoje, a comida é por minha conta — Spence falou e levantou-se. — Basta dizer o que desejam.

— Hambúrguer, fritas e coca-cola — Leigh pediu.

— Posso experimentar um cachorro-quente com fritas, como o de Pattie? Nunca comi, mas parece delicioso — Allie olhava para o prato de Pattie com ar faminto.

— Claro. Estarei de volta num minuto. Spence deixou as mulheres sozinhas.

— Ainda vamos ao cinema? — Leigh perguntou. Pattie consultou o relógio.

— Se comerem depressa, poderemos pegar a sessão das sete.

— Acho que você e tio Spence deviam assistir aquela história de amor, enquanto Leigh e eu assistimos ao filme de horror. — Corando, Allie abaixou a cabeça e fitou Pattie pelo canto do olho. — Tio Spence gosta muito de você, sabia?

— Também gosto dele.

Pattie não saberia explicar em palavras o que sentia cada vez que olhava para Allison Wilson. Havia algo na garota que a emocionava, como um pedido mudo de carinho e cuidados. Allie possuía uma enorme necessidade de amor dentro de si e, por uma razão desconhecida, Pattie queria a todo custo satisfazê-la.

E também havia um outro tipo de necessidade em Spence Rand, que apelava a seus sentidos. Ela queria ter sexo com ele. Mas, além disso, desejava dar-lhe todo o amor e compreensão de que eu precisava tanto.

Se ao menos, ele se desse a chance de amar e ser amado, ela correria o risco. Mas tinha medo de aventurar-se sozinha num caso de amor que não chegaria a lugar nenhum, com um homem que admitia com franqueza que era incapaz de manter qualquer relacionamento.

Spence não se lembrava da última vez em que fora ao cinema. Fora ao teatro, à ópera, alguns eventos esportivos, sempre com mulheres

diferentes, ao longo dos anos. Porém, suas acompanhantes eram sofisticadas demais para a apreciar algo tão simples como um cinema.

Pattie Cornell não era nada sofisticada. Ao contrário, era uma garota do interior, que possuía um modo simples e, de certa forma, antiquado, de ver a vida. Spence adorava sua companhia.

No cinema escuro, ele não podia vê-la com clareza, mas a memória guardava cada detalhe de suas formas esbeltas, ainda que arredondadas, valorizadas pela calça jeans justa e a camiseta azul-turquesa. Pattie sempre preferira a moda popular aos modelos clássicos e discretos. Gostava de cores vivas e muitas jóias. Spence notara que ela sempre usava uma longa corrente de ouro, parcialmente escondida dentro da blusa. Perguntou-se se ela guardaria o anel de Fred Cárter junto a seu coração.

— Pare de esconder a pipoca! — Pattie sussurrou, estendendo a mão à procura do saco de pipocas, no colo de Spence. Ao sentir-lhe a coxa musculosa sob os dedos, retirou a mão depressa. — Desculpe.

— Vai acabar me arrasando desse jeito — ele murmurou, quase tocando os lábios em sua orelha. — Como acha que me sinto depois de descobrir que você prefere colocar as mãos na pipoca do que em mim?

Sabia que ela estava sorrindo. Pattie sempre fora dona de um grande senso de humor. Fora uma das coisas que ele mais gostara nela, ao conhecê-la.

Baixando a voz o máximo que podia, ela falou:

— Quero pipoca!

Antes que ela pudesse compreender o que se passava. Spence enfiou um punhado de pipocas em sua boca e repetiu o processo, até ela afastar-lhe o braço com a mão.

— Qual é o problema?

Ainda com a boca cheia, Pattie não podia responder. Virou a cabeça para evitar que ele lhe servisse outro punhado de pipoca, mastigou depressa, engoliu e bebeu um gole de refrigerante. Em seguida, deu um soco no braço de Spence.

— O que pretende?

— Você queria pipoca. Eu lhe dei pipoca.

— Não precisa me dar na boca. Já sou crescidinha e posso comer sozinha.

— Bem, para ser honesto, tive a esperança que você lambesse a manteiga em meus dedos.

Pattie não conteve uma gargalhada.

— Você é terrível!

— Sim, e você adora quando sou terrível, não e mesmo?

A mulher sentada bem atrás dele, pigarreou em advertência. Pattie tentou parar de rir, mas não conseguiu. E. quanto mais se esforçava, mais piorava o acesso de riso.

De repente, a mulher tocou a mão em seu ombro e falou agitada:

— Se vocês dois pretendem continuar a se comportar como duas crianças, então deveriam sair do cinema. A maioria das pessoas estão tentando assistir ao filme!

— Eu... — Pattie reprimiu o riso —, sinto... muito. Outra explosão de gargalhadas se seguiu.

— Se não parar com isso imediatamente, vou chamar o gerente! — a mulher ameaçou.

Virando-se para trás, Spence encarou a mulher, uma matrona de cinqüenta e poucos anos, cujo acompanhante havia se afundado na poltrona, como se quisesse esconder-se.

— Sinto muito, senhora. Não posso levá-la a lugar algum. E uma verdadeira palhaça e quase me mata de vergonha. E a senhora tem sorte por ela não estar se sentindo romântica hoje, pois...

— Spence, cale a boca! — Pattie protestou, ainda às gargalhadas.

— Quando está se sentindo romântica — Spence continuou — ela senta no meu colo, me beija, me agarra e tenta tirar minha camisa.

A mulher estava indignada.

— Não pode fazer alguma coisa? Ela está histérica! Acho melhor o senhor levá-la para fora. Do contrário, serei obrigada a chamar o gerente.

Spence entregou o saco de pipocas à mulher.

— Coma as pipocas com seu namorado, senhora. E, por favor, aceite minhas desculpas. Ela já esteve sob tratamento médico... mas escapou do hospício.

A sra. Vou-Chamar-O-Gerente levou as mãos ao rosto.

— Jerome, faça alguma coisa. Acho que os dois são loucos. Jerome afundou-se ainda mais na cadeira.

— Talvez seja melhor irmos embora, querida.

Pattie respirou fundo, na tentativa de controlar o acesso de riso. O esforço funcionou temporariamente. Mal podia acreditar que ela e Spence estavam dando tamanho espetáculo num lugar público. Era o tipo de coisa que costumavam fazer catorze anos antes. Sim, eles faziam coisas muito mais loucas, então.

Pattie virou-se para o casal, na intenção de pedir desculpas, por ela e Spence. No momento em que viu o homenzinho encolhido na poltrona, voltou a rir. Uma vez, duas, então recuperou o controle. Infelizmente, Pattie olhou para a mulher de aproximadamente cento e cinqüenta quilos que a fitava como se ela tivesse duas cabeças. Impossível manter qualquer tipo de controle. Outra gargalhada ecoou na sala escura.

No mesmo instante, Spence levantou-se, tomou Pattie nos braços e carregou-a para fora do cinema. Toda a platéia desviou os olhos da tela, para assistir à cena real que se desenrolava à sua frente.

Assim que se viu na rua, Pattie começou a se debater.

— Pelo amor de Deus, Spence, ponha-me no chão!

Ele obedeceu de imediato e colocou-a no chão, mas continuou com os braços em tomo de seu corpo.

— Que belo show você deu lá dentro! Ainda bem que estamos em Tupelo, onde ninguém nos conhece.

— Eu dei o show? Foi você quem disse à mulher que eu havia escapado do hospício!

— Eu tinha de dar uma explicação para o seu comportamento estranho, não tinha?

— Precisava dizer que sou louca? E por que me carregou para fora? O gerente deve ter chamado a polícia.

Afastando-se. Pattie caminhou na direção da rua.

— Adoro tê-la em meus braços. Fazia uma hora que eu estava procurando uma desculpa para agarrar você. — Ele a segurou pelas mãos e puxou-a para si. — Tudo isso começou, quando você teve vontade de me tocar, mas não teve coragem.

Pattie fitou-o indignada, mas não tentou afastar-se.

— Eu queria pipoca e você escondeu o saco.

— Eu lhe disse que queria que você lambesse a manteiga nos meus dedos — ele falou, esfregando o nariz no dela.

— Pare com isso, Spence. Estamos no meio da rua.

— Admita que queria me tocar — ele insistiu, beijando-lhe o pescoço.

— Acha que passei a mão na sua perna de propósito? Que não estava tentando pegar algumas pipocas?

— Acho que estamos enlouquecendo um ao outro há duas semanas, com essa história de sermos amigos e bons exemplos para Allie.

— Está dando certo, não acha? Allie finalmente parece estar se

ajustando à nova vida.

— Allie está indo muito bem, mas ainda tem muito o que aprender, antes de se tornar uma adolescente normal. — Spence deslizou a mão pelas costas de Pattie. parando pouco abaixo da cintura. — O que acha de namorar no carro?

—- Acho que o louco é você.

— O que preciso fazer para forçá-la a admitir que me quer tanto quanto eu te quero?

— Quero você, Spence. Sou de carne e osso e tenho minhas necessidades. Além disso, já faz muito tempo... Mas não sei se serei capaz de me envolver num caso passageiro. Tenho medo de que, se fizer amor com você, eu me apaixone de novo. Não é isso o que você quer, é?

Sim! Queria que Pattie o amasse com a mesma paixão de quando eram jovens. Queria encontrar, mais uma vez, aquele paraíso para onde ela o levava, quando faziam amor. Não experimentara nada parecido com outras mulheres. Bem, ele não amara de verdade nenhuma outra.

— Eu acabaria magoando você outra vez — Spence admitiu mais para si mesmo, do que para Pattie. — Não farei qualquer promessa. Fiz, uma vez, e... — E a abandonei grávida. Meu Deus, eu não sabia! Não fazia idéia de que, enquanto eu perseguia meus sonhos de liberdade, você enfrentava uma gravidez sozinha. E não sabia que meu pai roubaria o nosso bebê de você. Ah, Pattie, eu sinto muito. — Não me deixe magoá-la de novo.

Pattie fitou os olhos azul-esverdeados, que pareciam tentar dizer-lhe algo que Spence não conseguia verbalizar.

— O que há, Spence? Diga o que está se passando.

A porta do cinema se abriu e dúzias de pessoas saíram para a rua. Entre elas encontravam-se Allie e Leigh.

— Lá estão eles! — Leigh anunciou. — Ei, vocês não gostaram do filme?

Spence passou um braço em tomo de Allie, dando-lhe um abraço carinhoso. Continuou abraçado às suas duas mulheres: sua filha e a mãe dela.

— E melhor voltarmos para Marshallton, se quisermos chegar em casa antes da meia-noite.

Allie abraçou Spence e, então, pôs-se a caminhar ao lado de Leigh. Pattie deu a mão a ele e os quatro dirigiram-se ao estacionamento, sem dizer palavra.

— As duas estão muito quietas lá atrás — Spence comentou. Pattie virou-se para o banco de trás do Mercedes. Spence apanhara o velho carro de luxo do senador, pois quatro pessoas não caberiam em seu Porsche.

— Pegaram no sono — Pattie informou-o com um sorriso. —Tiveram um dia e tanto.

— Nós também. Nunca pensei que precisasse de tanta energia para fazer compras com três mulheres.

Pattie continuou a olhar para o banco de trás, concentrada em Allie Wilson. A menina era uma Rand em todos os aspectos, menos nas formas pequenas e delicadas. Todos os Rand eram grandes. Até mesmo a mãe do senador tinha quase um metro e oitenta.

— Algo errado? — Spence perguntou.

— Não, nada. — Virando-se no banco, Pattie fitou-o. — Estava pensando no quanto Allie se parece com os Rand, especialmente com você.

— E?

— Não conheci o marido de Valerie, mas imagino que não fosse do tipo miúdo.

Spence limpou a garganta.

— Edward possuía estatura mediana. Por que pergunta? Sabia muito bem a razão da pergunta. Os Rand eram todos gigantes e lá estava Allison, uma coisinha pequena e delicada.

— Allie é miúda e eu estava imaginando de onde ela herdou a compleição delicada. Talvez, de algum ancestral.

— Pode ser.

— Sabe, eu tinha medo de que Allie e eu tivéssemos um choque de personalidades, considerando-se que é filha de Valerie. Mas estamos nos dando muito bem. Reconheço a influencia de Valeria sobre ela, mas os instintos básicos de Allie não se parecem em nada com os de sua irmã.

Spence concentrou a atenção na estrada. Não sabia por quanto tempo mais poderia esconder a verdade de Pattie. Sabia que era injusto continuar a mentir, mas não poderia contar-lhe tudo, antes de ter certeza de que ela faria o que era melhor para Allie. Pattie podia ter condições de enfrentar a verdade, mas Allie não estava pronta. Se contasse a Pattie, ela contaria à filha?

— Importa-se se eu ligar o rádio?

— Não. Ainda gosta de música country!

Apesar da educação sulista que recebera no Tennessee, Spence jamais gostara muito de música country, preferindo o jazz e o rock.

— Sim, ainda gosto de country.

— Bem, acho que serei capaz de suportar o martírio por alguns minutos.

Mesmo no escuro, Pattie percebeu o sorriso que curvava os lábios de Spence. Ligou o rádio e logo sintonizou numa estação de country. A voz inconfundível de Garth Brooks encheu o interior do Mercedes.

— Escute isso. E lindo.

— Se você acha... — Atravessando a fronteira entre os Estados do Mississipi e do Tennessee, Spence manteve-se atento a eventuais motoristas bêbados. — Do que mais você ainda gosta, Pattie? Morangos? Rosas vermelhas? Sei que ainda gosta de animais. Aquela sua cocker spaniel mimada pensa que é humana.

— Ebony é mais humana que animal. — Respirando fundo, ela olhou para Spence, suspeitando da existência de um motivo para o interrogatório. Havia lhe dito que gostaria de começar um relacionamento inteiramente novo, sem falar do passado, mas ele insistia em voltar às reminiscências. — Eu cresci e me tomei uma mulher adulta, capaz de cuidar de si mesma. Mas é verdade que uma parte da garota que você conheceu continua viva. Ainda adoro morangos e rosas vermelhas, mas estou surpresa que se lembre de tantos detalhes.

— Lembro-me de tudo o que diz respeito a você. Sem tirar os olhos da estrada, ele segurou sua mão.

— Você sempre foi capaz de dizer a coisa certa na hora certa. Embora brigasse com seu pai o tempo todo, acho que herdou sua capacidade de oratória. Podia ter se tomado político.

Pattie sentiu-o ficar tenso.

— Sou diferente de meu pai, porque digo o que sinto e penso.

— Sério?

— Não consegue confiar em mim, não é mesmo? Acho que não posso culpá-la. Mas, se não consegue acreditar em mais nada do que digo, acredite apenas que não magoei você de propósito.

— As vezes, magoamos as pessoas, mesmo sem querer. Pattie daria tudo para que ele parasse de falar do passado.

Suas lembranças eram amargas e doces, ao mesmo tempo. Não podia lembrar-se das coisas boas e esquecer as ruins. Enquanto vivesse, não poderia esquecer o dia em que enterrara seu bebê, em que amaldiçoara Spence por não estar a seu lado, partilhando sua dor.

— Acha que vou magoá-la de novo, não é? E por isso que mantém esta distância entre nós.

— Prometi que o ajudaria com Allie e estou cumprindo. E disse que poderíamos nos conhecer melhor, como somos hoje, e tentarmos ser amigos. Estou fazendo isso, também.

— Sim, é verdade. E não pense que não sou grato, mas...

— Mas quer que eu seja sua amante, só enquanto estiver em Marshallton. Quanto tempo pretende ficar, Spence? Ainda não explicou por que trouxe Allie para cá, em vez de levá-la para a sua casa, na Califórnia.

Como poderia explicar? Não tinha a menor intenção de levar Allie consigo para a Califórnia. Sua filha deveria viver com a mãe, numa cidadezinha sulista, onde as pessoas chamavam o carteiro pelo nome e freqüentavam a mesma igreja que o médico da família.

— Meus planos ainda estão indefinidos — ele admitiu. — No momento. Allie é minha prioridade número um. Tenho de fazer o que acredito ser o melhor para ela.

— Eu o admiro por isso e farei o que puder para ajudá-lo, mas...

— Mas?

— Não quero mais complicações em minha vida.

— Não sabia que sua vida estava complicada.

— Perdi meu noivo há pouco mais de um ano, o que mudou minha vida por completo. Estou tentando educar o filho dele, um garoto prestes a se tornar um homem. E a prima de Fred está ameaçando levar-me aos tribunais para obter a custódia de J.J. Não bastando tudo isso, a Furniture Mart vai de mal a pior.

Entraram em Marshallton bem depois das dez horas. Os semáforos já haviam sido desligados e somente a luz amarela piscava, indicando que os motoristas deveriam ter cuidado nos cruzamentos.

— Tem razão — Spence falou. — Já tem problemas de sobra e não precisa assumir os meus. E por isso que lhe sou tão grato por me ajudar com Allie.

Spence estacionou o Mercedes na frente da casa de Pattie e desligou o motor. Pattie soltou o cinto de segurança e olhou para o banco traseiro, constatando que Allie e Leigh continuavam dormindo. Os dois saíram do carro e Spence abriu o porta-malas.

— Já que vai estar ocupado com o seu livro na próxima semana, por que não deixa que Allie vá para a loja, depois das aulas, todos os dias? — Pattie sugeriu, apanhando suas sacolas de compras. — Esta semana,

comemoramos a volta às aulas e há eventos todas as tardes.

— Vou com você até a porta. — Spence deixou que Pattie carregasse as duas sacolas menores, mas levou as mais pesadas. — E uma boa idéia deixar Allie na cidade depois da escola. Só tenho uma condição.

— Qual?

— Irei à cidade todas as noites e levarei vocês para jantar. Estavam na varanda da grande casa de tijolos que Pattie e J.J. haviam herdado de Fred. Spence passou um braço em torno da cintura dela, sem encontrar resistência.

— Leve sanduíches para a loja. J.J. e Allie estarão tão ocupados com os preparativos para o baile de sábado, que não terão tempo de sair para comer.

Pattie e Spence fitaram-se por um longo momento. O céu estava limpo e repleto de estrelas. A lua brilhava, iluminando a noite.

Spence largou as sacolas no chão e puxou Pattie para si.

— Acredita mesmo que Allie vai se envolver nas atividades de volta às aulas?

— Leigh não deixará que seja diferente. Já conversamos sobre o assunto.

Pattie sabia que Spence queria dar-lhe um beijo de boa noite e apesar de sua relutância em envolver-se com ele, não podia resistir aos próprios desejos. Queria ser beijada.

— Eu sabia que você faria bem a Allie — Spence murmurou e inclinou a cabeça, roçando de leve os lábios nos dela. Então, ergueu os olhos para fitá-la.

Pattie encarou-o, pressionando o corpo contra o dele, querendo mais. Quando abriu a boca para falar, Spence aproveitou a oportunidade e beijou-a com paixão. Ela se pôs na ponta dos pés, emitindo um gemido rouco ao sentir as mãos dele em seus quadris.

De repente, a luz da varanda se acendeu e a porta se abriu. Pattie afastou-se de Spence num pulo. Parado na porta, J.J. observou os dois de cenho franzido. Ganindo, Ebony saiu abanando o rabo.

— J.J., pensei que ia sair esta noite — Pattie falou, abaixando-se para acariciar Ebony e apanhar as sacolas que Spence deixara cair.

— Já passa das onze e meia. Bethany tinha de estar em casa às onze — ele replicou, lançando um olhar de advertência a Spence.

Depois de dar um beijo rápido nos lábios de Pattie e acenar com a cabeça para J.J., Spence afastou-se e entrou no carro. Antes de dar a

partida, lembrou-a:

— Jantar todos os dias na semana que vem. E quero que seja meu par no baile de volta às aulas. Serei um dos tutores.

— Como ele pode ser tutor no baile? — J.J. inquiriu, enquanto ele e Pattie observavam o Mercedes afastar-se.

— Deve ter sido convidado pela diretoria da escola — Pattie respondeu, entrando na sala, acompanhada por Ebony.

J.J. segurou-a pelo braço.

— Um cara como ele não pode ser tutor de adolescentes. Não é um bom exemplo.

— O que há com você, J.J.? Quando Spence chegou à cidade, você pareceu gostar dele. Agora, tudo o que faz é procurar defeitos...

— Ele vai acabar machucando você de novo. Sabe disso, não sabe? Não quero vê-lo atrapalhando sua vida, como fez no passado.

— Do que está falando?

Pattie sentiu um arrepio gelado percorrer-lhe a espinha. O que J.J. teria descoberto sobre seu relacionamento passado com Spencer Rand?

— Sei de tudo. Ah, Pattie, você sabe o que sinto por você. E como se fosse minha mãe e... eu me preocupo como você.

— Conte-me o que você sabe.

— Joan disse que...

— Quando esteve com Joan?

Embora jamais proibisse J.J. de vê-la, Pattie sabia que Joan Stephenson era sinônimo de problema e faria o que estivesse ao seu alcance para estragar seu relacionamento com J.J.

— Vivo encontrando com ela por aí.

— O que ela lhe disse?

— Que Spence Rand a engravidou, quando você tinha dezoito anos. Então, foi embora, e deixou-a sozinha.

— Aquela bruxa!

— É verdade, não é? Ele a engravidou, a abandonou e então você teve de enfrentar tudo sozinha.

CAPÍTULO IV

Pattie observava Allie com prazer. Parada diante do grande espelho no quarto de Pattie. a menina ergueu os cabelos castanhos e então, deixou-os cair lentamente sobre os ombros.

A mudança na sobrinha de Spence era surpreendente e ela reconheceu com orgulho seu papel de fada na transformação da Gata Borralheira em Cinderela. E só fora preciso algumas roupas novas, um

corte de cabelo diferente e um par de lentes de contato.

— Mamãe jamais teria aprovado esta roupa. A saia é curta demais — Allie comentou, examinando as pernas nuas sob a saia minúscula.

— Seu tio Spence aprova e eu também — Pattie assegurou-a. — Mas, o mais importante é você aprovar.

Allie não conseguia desviar os olhos do espelho. Estudava cada detalhe de sua nova aparência.

— Adorei! Meu cabelo, minhas roupas, minhas lentes.

— Allie...

Pattie pousou as mãos nos ombros da menina e olhando para o espelho, viu o próprio reflexo junto ao dela. Poucos centímetros diferiam em suas estaturas e menos de dez quilos, no peso. Pela centésima vez desde que conhecera Allison Wilson, Pattie pensou na filhinha que perdera, perguntando-se se seu bebe se pareceria com Allie.

— Mal posso acreditar que vou ao baile, esta noite. Parece um sonho. — Allie continuou a olhar para o espelho. — Nunca imaginei que eu era bonita. Mas eu sou, não acha?

Pattie abraçou-a.

— Você é linda! — Tão linda como minha filha seria, se estivesse aqui.

— Ah, Pattie, devo tudo isso a você. Tem sido tão boa para mim.

Allie atirou-se para Pattie e abraçou-a com o vigor da juventude.

— Tudo o que fiz foi descobrir a verdadeira Allison, escondida sob aquelas roupas cafonas, maria-chiquinhas e óculos.

— J.J. tem muita sorte por ter você como mãe. Eu gostaria...

— Pode dizer. O que você gostaria? As faces de Allie enrubesceram.

— Tio Spence me contou que vocês foram namorados e... bem, eu gostaria que vocês se casassem. Assim, como tio Spence é meu novo pai, você seria minha nova mãe.

— Ah, Allie, foi a coisa mais bonita que já ouvi. Eu adoraria ter você como filha, mas...

— Tio Spence gosta muito de você. E você também gosta dele, não gosta?

— Claro que gosto de Spence. Acontece que... bem, querida, seu tio e eu não vamos nos casar. Não há a menor possibilidade. Por isso, trate de não sonhar alto demais. Está bem?

Allie baixou os olhos para o tapete.

— Acho que falei demais. Fui muito impertinente. Desculpe, não tive

a intenção de...

— Allie, quer parar de se desculpar? — Pattie não pretendera erguer a voz e arrependeu-se no momento em que viu as lágrimas brilharem nos olhos da menina. — Ah, querida, não estou zangada. Não com você. Não disse nada de errado. E não foi impertinente.

Ainda de cabeça baixa. Allie olhou para Pattie.

— Não fui impertinente? Não está zangada comigo? Pattie segurou-lhe o queixo, fitando-a de igual para igual.

— Se chorar, vai borrar sua maquiagem.

Os lábios de Allie curvaram-se no princípio de um sorriso.

— Mal posso acreditar que tio Spence me deixa usar maquiagem. Mamãe jamais... preciso parar de dizer isso. Tio Spence vive dizendo que tem idéias muito diferentes de mamãe, quanto à criação dos filhos.

— Bem, tenho certeza de que Valerie foi uma boa mãe.

Pattie lamentou a mentira. Em sua opinião, Valerie não passava de uma esnobe antipática, de mentalidade tacanha, que tentara a todo custo transmitir seus valores arcaicos a Allie. Mas, claro, não poderia dizer tal coisa à sua filha. — Além do mais, não está usando muita maquiagem. Um pouco de blush e batom estão adequados a uma ocasião especial como a de hoje. Afinal, é a primeira vez que vai sair com um rapaz.

— Não vou exatamente sair com ele. Leigh pediu ao namorado que arranjasse um amigo para me acompanhar ao baile.

— Não deixa de ser um encontro. E... como é mesmo o nome dele?

— Darren Henley.

— Quando Darren a vir, vai se achar o cara mais sortudo do mundo.

— Eu gostaria de ir com J.J., mas ele nem sequer gosta de mim.

Allie sentou-se na beirada da cama e cruzou as mãos sobre as pernas.

Pattie sentou-se a seu lado e tomou-lhe as mãos.

— Não podemos obrigar ninguém a gostar da gente. Mas, dê tempo a J.J. Ele não gosta de você por que a considera sua rival no meu coração. Está com ciúmes de você e Spence.

— Será que ele não sabe o quanto você o ama e quanta sorte ele tem por ser seu filho?

Pattie afagou-lhe os cabelos.

— J.J. ainda não viu a nova Allison Wilson. Tenho certeza de que mudará de atitude, depois desta noite.

— Acha mesmo?

Embora não quisesse dar falsas esperanças a Allie. Pattie estava determinada a convencer J.J. a tirar a menina para dançar, ao menos uma vez.

— Provavelmente, ele não vai dizer o quanto você está bonita, mas tenho um pressentimento de que vai tirá-la para dançar.

— Ah, Pattie, se ele fizer isso, acho que vou morrer!

Allie pôs-se de pé e começou a dançar pelo quarto, entre risadas e suspiros. Então, sentou-se na namoradeira diante da janela e perguntou:

— Como se sabe quando se está apaixonada?

— O quê? — Pattie esforçou-se para não rir. lembrando-se de que só tinha catorze anos quando se apaixonara por Spence. Fora amor à primeira vista.

— Como a gente sabe que está apaixonada?

— Aí está uma pergunta difícil. E acho que não existe uma única resposta. Só sei dizer que a gente sabe e... é isso.

— Acha que posso estar apaixonada por J.J.?

— E possível. — Apanhando a caixa de sapatos sobre a cama, Pattie retirou os sapatos de camurça marrom e estendeu-os para Allie. — Não vai querer estar descalça quando Darren chegar. — Consultou o relógio e acrescentou: — Ainda tem uns quarenta e cinco minutos.

— O amor é engraçado — Allie falou num suspiro. — Quero dizer engraçado-estranho, não engraçado para rir.

Aceitou os sapatos e calçou-os.

— O amor nunca é o mesmo. E diferente para cada pessoa. Não se ama dois homens do mesmo jeito.

Para Pattie, Spence fora seu primeiro amor e ela jamais amara alguém com a mesma intensidade. Tivera muitos namorados, mas não levara nenhum deles a sério até conhecer Fred. Amara Fred e sonhara em passar o resto da vida a seu lado. Ele fora a melhor coisa que lhe acontecera e, ainda assim, ela não o amara como amara Spence.

— Você amou tio Spence?

— Sim, muito.

— Ele me contou que a pediu em casamento e queria que você fugisse com ele.

Lembranças indesejadas turvaram os olhos de Pattie. Se ela ao menos conseguisse pensar na alegria, sem recordar a dor...

— Eu queria ir com ele, mas não podia. Minha mãe tivera um derrame e não podia trabalhar. Tive de sair da escola e arranjar um emprego para sustentar mamãe, minha irmã e eu.

— Ah, Pattie, que história triste. Quantos anos você tinha?

— Dezoito. — Dezoito anos, sem diploma e grávida.

— Tio Spence me contou que sua mãe era empregada dos Rand. Fiquei surpresa ao saber que a família dele permitiu o namoro de vocês. — Allie enrubesceu e levou a mão à boca. — Ah, Pattie, desculpe. Eu disse uma coisa horrível! Eu não queria...

— Está tudo bem, querida. Sei o que quis dizer. Sua mãe ensinou-a a julgar as pessoas por suas origens, e não por quem elas realmente são.

— Tio Spence diz que mamãe estava errada, que ele não acredita nessas bobagens.

— Quais são as bobagens em que não acredito? — Spence perguntou da porta, ao mesmo tempo em que Ebony entrava, correndo para Allie.

— Tio Spence! — Allie levantou-se e correu para o tio, dando voltas. — Olhe para mim. Não estou bonita? Pattie me fez bonita.

A cadelinha dançou aos pés de Allie, latindo e abanando o rabo. Recebeu carinhos por isso.

— Deus a fez bonita — Pattie corrigiu-a, lutando para reprimir o nó em sua garganta.

Spence sorriu para ela, examinando-a da cabeça aos pés. Ela vestia um conjunto vermelho, de saia e blazer, que deixava à mostra boa parte das pernas bem torneadas. Um cinto dourado marcava-lhe a cintura esbelta e brincos de ouro com pérolas, em formato de coração, pendiam de suas orelhas. Para completar, o decote da camisa azul abria-se num "V" provocante.

Allie deu um abraço em Ebony e, então, ergueu-se e fitou o tio.

— O acha, tio Spence? Estou bonita?

Desviando o olhar de Pattie, Spence concentrou-se na filha. Ah, como era linda! O que Pattie fizera com a menininha retraída que ele trouxera de Corinth há seis semanas? Seu coração encheu-se de orgulho por ter uma filha tão linda, que se parecia tanto com ele. Então, sentiu o coração apertar-se ao pensar que Pattie era a responsável por aquela transformação maravilhosa, sem saber que Allie era sua filha.

Notou a expressão de esperança nos olhos da garota.

— Você, Allison Caldonia Wilson, é a garota mais bonita que já vi. Tão linda quanto Pattie era, na primeira vez em que a vi.

— Ah, obrigada, tio Spence! — Allie agradeceu e atirou-se nos braços do tio.

Ele a abraçou com força, adorando a sensação de tê-la nos braços. Sua filha. Sua garotinha. Jamais imaginara que um homem poderia se sentir assim, tão feliz e orgulhoso, tão-protetor. No início, não queria amar Allie, mas fora impossível impedir. Era sua filha. Uma parte dele e de Pattie. Allie era a imortalidade de ambos.

Aconchegando Allie sob um dos braços, Spence estendeu o outro.

— Posso acompanhar minhas garotas até a sala?

Pattie aproximou-se e deixou-se abraçar. Assim. Spence segurou as duas perto de si.

— Sou o homem mais sortudo do mundo. Minha acompanhante e minha garotinha serão as mulheres mais lindas do baile desta noite.

— Ora, tio Spence, você tem mesmo uma boa lábia! Pattie riu alto.

— Acertou, Allie. Seu tio sempre foi capaz de me convencer a qualquer coisa com sua conversa doce.

— Vou me lembrar disso mais tarde — ele prometeu com um sorriso sensual.

Um alarme soou na mente de Pattie, mas seu corpo afastou-o, dizendo-lhe que não desse ouvidos à razão. Uma noite nos braços de Spence valeria qualquer risco.

A vitória era doce! O Marshallton Raiders venceu o Weeden Tigers por dez a sete.

Pattie gritara até ficar rouca, encorajando J.J. e seus companheiros de time. Nem mesmo a presença desagradável de Joan Stephenson diminuíra a prazer de Pattie em torcer por um esporte que adorava, desde os tempos de escola. Joan praticamente se oferecera a Spence, quando enlaçara o braço no dele. presenteando-o com um sorriso sedutor. Sendo o Don Juan charmoso de sempre, ele recebera com simpatia os avanços de Joan. Embora tivesse ímpetos de atirar a outra arquibancada abaixo. Pattie conteve-se, lembrando a si mesma que não tinha qualquer direito sobre Spencer Rand.

Com um braço em tomo dos ombros de Pattie. Spence acompanhou-a ao ginásio da Marshallton High, que fora transformado em salão de baile. Paredes e teto encontravam-se enfeitados com fitas pretas e douradas e vasos de flores ornavam os fundos do salão, onde o fotógrafo encarregava-se de perpetuar em filme os casais que chegavam para o baile. Ao longo de uma parede, longas mesas continham salgadinhos e ponche de frutas. Um disc-jóquei local encarregava-se do som que, no momento, ensurdecia a audiência com um rock.

— Não me lembro da música ser tão alta no nosso tempo — Spence

comentou aos berros, a fim de ser ouvido sobre a música barulhenta e os adolescentes igualmente ruidosos.

— Era igual. Só parece mais alta agora porque somos mais velhos.

Pattie guiou Spence por entre a pequena multidão de adolescentes, até o grupo de tutores, alinhados perto da mesa do ponche. Spence sorriu.

— Vejo que a sra. Newsome continua a tomar conta das poncheiras, a fim de impedir que alguém misture bebidas alcoólicas.

— Lembro-me de quando você e Joe Don quase foram expulsos. Você tirou a sra. Newsome para dançar, enquanto Joe despejava uma garrafa do melhor uísque do pai dele na poncheira.

— Jamais seríamos apanhados, se aquele linguarudo do Denton Walters não tivesse nos delatado. Ele era apaixonado por você, sabia?

Spence cumprimentou os demais tutores, quando ele e Pattie aproximaram-se da mesa.

Joan Stephenson, alta e elegante, deu um passo à frente.

— Adoraria conhecer sua sobrinha. Spencer. Ela está aqui, não está? Eu era muito amiga de Valerie. Deve se lembrar que ela foi minha madrinha, no baile de debutantes.

Pattie observou o modo como Joan inclinava a cabeça, de maneira que seus cabelos negros, de corte chanel, lhe tocassem o ombro. Rangendo os dentes, tratou de sorrir, sem largar o braço de Spence nem por um segundo.

— Ah. sim, Allie está aqui. Ela e Leigh White vieram acompanhadas por dois amigos.

Joan lançou um olhar fulminante para Pattie.

— Não acha que ela é jovem demais para vir ao baile em companhia de um rapaz? — Então, virou-se para Spence com um largo sorriso. — Allison tem apenas treze anos, segundo J.J. me contou.

— Quase catorze — Spencer corrigiu-a. — E não que ela corra o menor risco por estar acompanhada, num baile da escola, repleto de adultos e tutores, Joan.

— Deve estar certo. Estou simplesmente louca para conhecê-la.

— Com um toque casual no braço de Spence, continuou: — Eu ficaria mais que contente em ajudá-lo, a fim de que a filha de Valerie conheça as pessoas certas. Tenho certeza de que, no ano que vem, posso conseguir a inscrição dela na lista de debutantes. Sou uma das organizadoras do baile, sabia?

— E muita gentileza sua — Spence agradeceu, sentindo a tensão

que irradiava de Pattie e conhecendo muito bem a animosidade entre as duas mulheres que disputavam sua atenção.

— Oi, Pattie — J.J. chamou, pousando a mão em seu ombro.

— Quer dançar comigo? Pattie olhou para Spence.

— Fique à vontade — ele disse. — Tentarei encontrar Allie e...

— Apresentá-la a Joan — Pattie completou, furiosa.

De quantas mulheres ele precisava para brincar de mamãe com sua sobrinha? Talvez estivesse questionando sua escolha inicial, percebendo que Joan Stephenson seria um modelo feminino muito superior, muito mais ao estilo de Valerie Rand Wilson.

— Pattie... — ele começou a falar, mas ela se afastou depressa.

— Vamos, J.J. Mal posso esperar para curtir o baile. Pattie praticamente arrastou J.J. para a pista de dança. Os velhos sentimentos de inferioridade voltaram a atacá-la com força total. Joan Stephenson, tão parecida com Valerie Rand e sua avó, tinha o dom de fazê-la sentir-se a última das criaturas. Pessoas com Joan jamais permitiriam a Pattie esquecer-se de que sua mãe fora empregada doméstica e que ela havia nascido do lado errado da cidade.

Ajustando o corpo com perfeição à batida violenta da música e à letra gritada pela cantor, Pattie girou e rebolou. Quando J.J. lançou-lhe um olhar intrigado, ela exibiu seu melhor sorriso. Como poderia explicar-lhe seus sentimentos de inferioridade?

— O que se passa com você? — J.J. perguntou, deixando-se levar pelo ritmo da música.

— Nada. Onde está sua parceira?

— Vim sozinho. Vou deixar as garotas doidinhas e dar atenção a todas elas.

Pattie riu.

— Quanta generosidade.

— Está chateada com Spence, não é? Ele está paquerando Joan.

— Não é da sua conta. Ele e livre para paquerar quem quiser, onde quiser e quando quiser. Somos apenas amigos. Não temos qualquer compromisso um com o outro.

— Talvez Joan faça mais o tipo dele. Afinal, ela está metida nesse negócio de sociedade, como Sherry diz que os Rand sempre foram.

O comentário de J.J. atingiu o ponto mais fraco de Pattie. Não era preciso lembrá-la do quanto ela e Spence eram diferentes. Ele, um puro-sangue; ela um animal selvagem. Teve de reunir todas as energias para manter a determinação. Não choraria no baile.

O rock terminou e uma suave música country começou a tocar. Pattie virou-se para deixar a pista, mas J.J. segurou-a pelo braço.

— Estou apenas desabafando minha raiva. Você sabe que, se quiser Spencer Rand. Joan não tem a menor chance. Você é muito melhor que ela.

— Sim, e você é muito parcial. Gosta de mim como se eu fosse sua mãe.

— E verdade. E eu seria capaz de fazer qualquer coisa por você, sabia?

— E mesmo?

Pattie sorriu, perguntando-se se deveria tirar proveito da situação. Mesmo que a noite fosse desastrosa para ela, não havia por que não ser um sonho para Allie.

— Ah, não! Detesto quando você me olha desse jeito. O que está tramando?

— Tire Allie para dançar — Pattie pediu.

— O quê?

— Tire Allie para dançar, só uma música. J.J. franziu o cenho.

— O que meus amigos vão dizer se me virem dançando com uma coisinha esquisita como aquela?

— Ainda não viu Allie esta noite, não e mesmo? Pattie esquadrinhou o salão à procura de Allie.

— Não. Por quê?

Allie estava num canto do salão, ao lado de um garoto alto e magro, de óculos grossos, que parecia tão infeliz quanto ela.

— Ela está naquele canto, ao lado do fotógrafo. Dê uma olhada.

— Não estou vendo — J.J. replicou, olhando na direção certa.

— Está ao lado de Darren Henley.

J.J. olhou de novo e arregalou os olhos.

— Nossa! Aquela... aquela é Allie Wilson? O que aconteceu com ela? Ela... está uma boneca!

— Dei-lhe uma pequena ajuda.

Pattie suspirou aliviada, torcendo para que J.J. tomasse os sonhos de Allie realidade, tirando-a para dançar, ao menos uma vez.

— Você fez um milagre — ele murmurou e começou a afastar-se na direção de Allie. Então, virou-se e sussurrou-lhe ao ouvido: — Só uma música. E só porque você está pedindo. Ela pode parecer diferente, mas aposto que continua esquisita como sempre foi.

Quando J.J. alcançou o outro lado do salão, a música mudou mais

uma vez. A velha canção dos Platters, Only You começou a tocar. Pattie foi invadida por lembranças que preferia esquecer. Quando fizera amor com Spence pela primeira vez, no chalé à margem do rio, haviam dançado ao som da mesma canção.

Enquanto esforçava-se para conter as lágrimas, observou J.J. levar uma sorridente Allie para a pista de dança e envolvê-la nos braços fortes e jovens.

Tão novinha, pensou Pattie. Só uma música e, ainda assim, a noite se tomaria mágica para a sobrinha de Spence. Allie jamais esqueceria a música, ou o parceiro.

Sentiu a mão forte em suas costas e não precisou virar-se para saber que era de Spence. Independente de seu interesse por qualquer outra mulher, ele também não resistira às lembranças evocadas pela velha canção. Pattie não resistiu e deixou-se abraçar e levar no ritmo lento e romântico.

Fitou os olhos azul-esverdeados e descobriu neles o brilho do desejo. O mesmo desejo que a incendiava. Ele não sorriu. Ela também não. O contato de seus corpos produzia um efeito afrodisíaco: instantâneo, quente, arrebatador. Algumas coisas nunca mudavam. Spencer Rand ainda a desejava como antes. E, que Deus a ajudasse, ela também o queria.

O tempo parou por alguns instantes. De repente, catorze anos se apagaram, todos os outros amantes desapareceram de sua memória. Nada, nem ninguém, existia para Pattie e Spence, exceto eles mesmos, a batida de seus corações, o contato de seus corpos, o toque suave de suas mãos.

A velha magia ainda existia entre eles. Pattie sentiu-se envolver por um prazer intenso. Ah, como sentira falta daquela sensação incrível. Procurara o mesmo com outros homens, mas jamais encontrara. Somente Spence era capaz de fazê-la sentir-se assim.

Quando a música terminou e um rock instrumental começou a tocar, Spence parou de dançar, mas não soltou Pattie. Ela tentou afastar-se, mas ele a segurou com força.

— Não podemos continuar dançando desse jeito, com um rock tocando — ela protestou, a voz rouca e lenta.

Spence permitiu que ela se afastasse alguns centímetros, mas manteve o braço firme em suas costas.

— O que acha de irmos para o carro e namorarmos um pouco? Ele sorriu e Pattie viu-se incapaz de não retribuir o olhar sensual que ele lhe

lançou.

— Não acha que estamos um pouco velhos para esse tipo de aventura juvenil?

Na noite da formatura de Spence, haviam passado metade do baile no carro, embaçando os vidros.

— Tem razão. Sua casa ou a minha?

— O quê?

— Se prefere conforto, teremos de ir para a sua casa, ou para a minha — ele esclareceu, levando-a para fora da pista de dança.

— Esqueceu de que foi escolhido para ser tutor? — ela perguntou. — Além do mais, nenhum de nós dois mora sozinho.

— Definitivamente, existem grandes desvantagens em ser pai, não é?

— Olá. vocês dois! — Allie aproximou-se, o rostinho jovem e bonito resplandecente de felicidade.

— Está se divertindo? — Spence perguntou.

— Estou. Pelo menos, a última música foi ótima — Allie respondeu, lançando um olhar para onde J.J. serpenteava ao som do rock, acompanhado por uma ruiva magrinha.

Pattie sabia exatamente como Allie se sentia. A felicidade era efêmera e frágil, e facilmente destruída. Uma canção dera a ambas um vislumbre do paraíso mas, então, a realidade viera e lhes tomara os sonhos.

— O que acha de dançar com o seu tio Spence? — Spence convidou a sobrinha, apertando a mão de Pattie de leve.

— Acho ótimo. Não há motivo para eu esperar que Darren me tire para dançar pois ele não sabe. Graças a Deus, Pattie me ensinou, senão, eu estaria nas mesmas condições.

Pattie observou-os dançando juntos, tio e sobrinha, tão parecidos que qualquer um poderia jurar que eram pai e filha. A velha dor atravessou as barreiras que ela construíra ao longo dos anos. Sua filhinha morrera há tanto tempo, que não devia perturbá-la tanto. Mas seus sentimentos continuavam os mesmos. E sempre seria assim.

Nada mudaria o passado. Ninguém poderia trazer-lhe a filha de volta. Mas, talvez, por uma ironia do destino, Deus estivesse lhe dando a chance de ser uma mãe para Allie Wilson, a filha de Valerie. nascida no mesmo dia que seu bebê. Teria sido por isso, por obra do destino, que Spence a levara para Marshallton e lhe pedira ajuda para educá-la? Pattie já gostava muito de Allie, quase amava a garota.

Seria capaz de acalentar a esperança de um futuro feliz para ela, J.J., Spence e Allie?

— É uma menina adorável, não é? — Joan Stephenson comentou, a voz falsamente dócil.

Pattie sobressaltou-se. Não vira Joan aproximar-se. Do contrário, teria evitado o confronto.

— Sim, Allie e adorável.

— Uma Rand, sem dúvida. Sua semelhança com Spencer e notável.

— Com licença — Pattie virou para afastar-se. Não tinha a menor intenção de continuar a conversa com uma mulher que detestava.

Joan segurou-a pelo braço. Pattie lançou-lhe um olhar de advertência e a outra soltou-a no mesmo instante.

— Se pensa que Spencer está interessado em se casar com você, está perdendo o seu tempo. Ele a abandonou uma vez, depois de ter conseguido o que queria. E vai fazê-lo de novo.

— Você não sabe do que está falando. Pattie afastou-se, mas Joan seguiu-a.

— Ele vai querer uma mãe adequada para a filha de Valerie. Alguém da mesma classe social.

Pattie virou-se furiosa.

— Todos em Marshallton sabem que você queria Spence, anos atrás e que ele não lhe deu a menor bola. Ele me amava. E me queria.

— Ah, ele a queria, mas não o bastante para casar-se com você e dar o nome ao seu filho bastardo! Você não é nada, uma maria-ninguém, que seduziu meu primo Fred, assim como tantos outros. Ora, você não passa de uma...

— O que está acontecendo aqui? — J.J. perguntou, colocando-se entre as duas.

Pattie cerrou os punhos, resistindo ao impulso de esmurrar Joan.

— Nada sério. Apenas uma diferença de opiniões.

— Escute, Joan. Já lhe disse uma centena de vezes que Pattie é minha mãe, agora. Não quero que você atrapalhe nossa vida. Papai fez o que era certo. Sabia que Pattie seria uma boa mãe para mim.

— Seu pai estava enfeitiçado — Joan replicou. — Mas Pattie e eu não estávamos discutindo sua capacidade de ser mãe.

— Então, o que estavam discutindo?

Pelo canto do olho, Pattie viu Spence e Allie saindo da pista de dança e caminhando na sua direção.

— Nada. J.J. Deixe para lá.

— Na verdade, eu estava dizendo a Pattie o quanto fiquei contente por Spence ter aceito meu convite para jantar, ele e a sobrinha. — O sorriso de Joan foi de puro triunfo.

Um zumbido intenso tomou conta da mente de Pattie. Não se deixe abalar por isso, disse a si mesma, Spence e Allie não pertencem a você e podem se relacionar com quem bem entenderem, até mesmo Joan Stephenson.

Num momento de tolice, construíra castelos no ar, dando asas aos seus sonhos pouco realistas. Spence não fizera promessa alguma. Fora ela quem imaginara o impossível.

Pattie sabia que não era capaz de esconder seus sentimentos de J.J. Por mais que se esforçasse, não pôde impedir suas faces de se tomarem pálidas.

Spence olhou para Pattie e Joan. Sorriu para Joan e virou-se para J.J:

— Por que não dança com Allie de novo? — sugeriu e estendeu a mão a Pattie. — Que tal mais uma? Prometo não pisar no seu pé.

Pattie fitou-o como se ele houvesse talado em outra língua. Seria ele tão insensível, a ponto de não compreender como sua nova amizade com Joan afetaria a vida de Pattie? A mulher era sua inimiga, alguém que queria levá-la aos tribunais e provar que ela não estava capacitada a ser uma mãe para J.J. O simples fato de Spence aceitar o convite dela para jantar era como dar uma bofetada no rosto de Pattie.

— Estou muito cansado por causa do jogo — J.J. falou. — Pattie e eu vamos para casa.

— Querem ir embora tão cedo? Ainda não é meia-noite!

Como Pattie não respondesse e nem sequer olhasse para ele, Spence estendeu o braço para envolvê-la.

— Bem, se querem mesmo ir, vou levá-los.

Pattie afastou-se, temendo explodir em lágrimas caso ele a tocasse. Não se humilharia tanto. Seria firme.

— Não é preciso — J.J. replicou.

— O que está acontecendo, afinal? — Spence perguntou, a incerteza evidente em seus olhos.

— Deixe Pattie em paz! — J.J. advertiu-o, o dedo em riste. — Ela não precisa de você. Nossa vida era boa demais, antes de você voltar para Marshallton.

J.J. pegou Pattie pelo braço e Spence tentou aproximar-se.

— Pattie, espere. Não vai me dizer o que está acontecendo?

— Ela não tem de dizer nada a ninguém. — J.J. empurrou-a com delicadeza. — Venha. Vamos embora daqui.

— Pattie! — Spence gritou, chamando a atenção dos outros tutores.

— Pattie, está zangada comigo? — Allie perguntou, dando alguns passos hesitantes na direção dela. — Fiz algo errado?

— Claro que não, querida — Pattie forçou as palavras através da garganta apertada. — Você é um anjo, Allie. — Então, virou-se para Spence: — Cuide bem dela e... deixe-a visitar-me sempre que quiser.

— Pattie, precisamos conversar — Spence insistiu.

— Não, não precisamos. — Ela forçou um sorriso e rezou para conseguir mantê-lo, até sair do ginásio. Spence não lhe pertencia e ela não agiria como uma mulher ciumenta e possessiva. Se ele pensava que Joan faria uma melhor figura de mãe para Allie, então, tudo bem. Devia sentir-se contente por haver percebido a verdade, antes que fosse tarde demais e ela se tomasse mais apegada a Allie do que já era. — Vejo você por aí, Spence.

No momento em que pôs os pés fora do ginásio, tendo o braço forte e jovem de J.J. em tomo de seus ombros, Pattie respirou fundo o ar frio da noite. Seu corpo estremeceu.

— Pattie? — J.J. segurou-a com maior firmeza.

— Estou bem. Estou... bem.

Fora tola em pensar que ela e Spencer Rand teriam uma segunda chance, que Deus a escolhera para ser a segunda mãe de Allie. Spence a queria, sem dúvida, mas não a amava. O amor apaixonado que haviam partilhado, morrera há catorze anos e ela acreditara ter enterrado o sentimento junto a sua filhinha. Mas enganara-se. Ainda amava Spence como amara há tantos anos.

CAPÍTULO V

Spence jamais compreendera as mulheres, especialmente uma determinada loira sexy. No baile de sábado, por alguns instantes, ele chegara a imaginar que haviam recuperado ao menos parte da proximidade tão especial que haviam partilhado no passado. Desde que levara Allie para Marshallton, dedicara-se a reaproximar-se de Pattie, a fim de prepará-la para a verdade sobre sua filha.

E seu plano parecia estar funcionando bem. Pattie e Allie haviam se tornado amigas. Allie ate admitira que gostaria que Spence e Pattie se casassem e que todos eles pudessem viver como uma família. E. embora se tratasse de um sonho impossível, ele ficara contente ao constatar o quanto Allie gostava de Pattie. Assim, seria mais fácil para

elas. quando chegasse o momento de enfrentar a verdade e dele partir.

Apesar de sentir-se tentado a ficar e tentar assumir o papel de pai, ele sabia que não devia arriscar-se causar maior sofrimento a Pattie ou Allie. Desde o dia em que nascera, Spencer Rand só causara dor para as pessoas que amava. Seu nascimento provocara a morte da mãe e. em vez de se tomar um consolo para a família, ele fora o problema insolúvel, a ovelha negra. E a única mulher a quem realmente amara, vivera o pior tormento por sua causa, por ele ser um egoísta rebelde, capaz de pensar apenas nas próprias necessidades e desejos.

Ao longo dos anos, tentara mais de uma vez comprometer-se com mulheres por quem sentira profunda afeição. E fora um fracasso. Estava com trinta e quatro anos, velho demais para mudar, mesmo que quisesse. E a verdade era que não queria. Podia não ser perfeito, mas não sentia a menor inclinação a tornar-se um homem diferente, só para agradar a uma mulher.

Acreditara que Pattie gostava dele como era, que não desejava mudá-lo. Contara com isso e acalentara a esperança de que pudessem estabelecer um relacionamento positivo, assumindo juntos a responsabilidade por Allie. E tudo corria bem, até ele cometer um grave erro tático. Aceitara o convite de Joan Stephenson para jantar e Pattie nem sequer lhe dera a chance de explicar-se.

Quando ela e J.J. haviam deixado o ginásio, ele não entendera o que estava acontecendo. Só no dia seguinte, ao conversar com Pattie, dera-se conta do problema. Tentara explicar-lhe suas razões: jantaria com Joan, na esperança de dissuadi-la de levar Pattie aos tribunais.

Ela não acreditara. Spence havia se esquecido da insegurança de Pattie quanto à sua posição social em Marshallton. Ou melhor, sua falta de posição social. Quando eram jovens, a cidade inteira fizera questão de lembrá-los, todo o tempo, que vinham de classes diferentes. Tantas vezes ele a consolara e reassegurara, acreditando que conseguira convencê-la de que ela era o que ele queria. Até mais.

A verdade era que Pattie Cornell sempre fora boa demais para Spence. E ele não compreendia por que ela continuava tão sensível a algo que jamais fora importante para a relação dos dois. Uma das coisas que ele mais detestara em sua família, um dos motivos pelos quais ele fugira, era justamente o preconceito social que dominava suas vidas. Porém, tinha de lembrar-se que Pattie não fugira. Ficara em Marshallton, à mercê dos comentários maldosos, quando sua gravidez se tornara evidente para quem quisesse ver.

Como Pattie podia pensar que ele estava interessado em Joan Stephenson, ou que a preferia como modelo de mãe para Allie? Ora. Joan era parecida demais com Valerie e sua avó!

Tinha de resolver sua situação com Pattie. Tinha de contar-lhe a verdade sobre sua filha.

O despertador tocou. Cinco e meia. Uma hora terrível para alguém sair da cama. Lembrou-se das tantas vezes que chegara em casa nesse mesmo horário. Estendeu a mão e travou o despertador. Então, espreguiçou e levantou-se. Precisava acordar Allie, pois ela deveria estar na igreja às seis e meia. para reunir-se ao grupo de jovens que passaria o fim-de-semana na ilha de Memphis Mud.

Entrou no quarto de Allie e aproximou-se da cama. A luz do corredor iluminava o aposento. Spence olhou para a filha adormecida. Por que seu coração acelerava as batidas toda vez que olhava para ela? Jamais imaginara possível alguém importar-se tanto com outro ser humano. Lá estava uma criatura preciosa, doce e inocente, precisando de toda a sua proteção.

Não poderia desapontá-la. Tinha de reconciliar-se com Pattie. Allie e Pattie precisavam uma da outra e cabia a ele fazer com que tal necessidade fosse suprida.

Pattie Cornell encheu dois copos de suco de laranja e colocou-os sobre a mesa. Então, bebeu um gole de café. Não havia nada mais gostoso do que a primeira xícara de café, pela manhã. Duas torradas douradas saltaram da torradeira e Pattie besuntou-as com manteiga.

— J.J., venha logo, antes que o café esfrie. O ônibus partirá às seis e meia.

Pattie abriu uma lata de comida para cachorros e despejou-a na vasilha de Ebony. A cocker spaniel atirou-se para a comida, devorando-a em poucos minutos.

Sentando-se, Pattie bebeu seu suco de laranja de um só gole. Perguntou-se se encontraria Spence. Não queria vê-lo. Fizera tudo o que podia para evitá-lo durante a semana inteira e não o vira, nem tivera notícias. se J.J. se apressasse, quem sabe ela conseguisse deixá-lo na igreja cedo e ir embora antes de Spence chegar.

Sabia que havia a possibilidade dele estar certo e ela, errada. Talvez sua reação ao jantar de Joan Stephenson fosse um exagero. Quem sabe ele houvesse mesmo tentado defendê-la para a prima de Fred. Porém, sua incerteza era grande demais. Por mais que amasse Spence, não podia confiar nele. Temia que ele a abandonasse mais uma vez.

Ele chegara a rir quando ela insinuara sua preferência por Joan, para assumir o papel de mãe de Allie, que Joan era o tipo de mulher que sua família aprovaria para substituir Valerie.

Spence jamais compreendera seus sentimentos de inferioridade. Talvez porque houvesse nascido um Rand, com todos os privilégios que a herança lhe fornecia. Seus ancestrais haviam sido advogados e políticos, os fundadores da comunidade. Spence fugira da única coisa que dinheiro algum poderia comprar para Pattie: posição social. Seu pai fora mecânico de automóveis: sua mãe, empregada doméstica. Ela crescera numa casinha de pedras, de dois quartos, no bairro mais antigo e pobre de Marshallton. Suas roupas eram baratas e fora de moda, e suas colegas de escola jamais lhe permitiram esquecer-se disso.

Todos, inclusive Pattie, haviam ficado surpresos quando Spencer Rand retribuíra seu amor platônico. Saíram juntos pela primeira vez, quando ela tinha quinze anos. Fizeram amor pela primeira vez em seu décimo sétimo aniversário. E se deram adeus logo após ela completar dezoito anos.

— Passe a calda de chocolate, por favor — J.J. pediu, sentando-se apressado.

Pattie atendeu ao pedido e sugeriu:

— Que tal ficar de olho em Allie, durante a viagem? J.J. cobriu suas panquecas com a calda.

— Por que continua querendo bancar a mãe daquela garota?

— Não se comporte assim, J.J., por favor! Pensei que havíamos esclarecido essa situação de uma vez por todas. Meu interesse por Allie Wilson não diminui em nada o meu amor por você.

— Sim, eu sei. Você deixou bem claro que venho agindo como um perfeito idiota. Mas o tio dela...

— O que existe ou deixa de existir entre Spence e eu não tem nada a ver com o que sinto por Allie. Ela é uma garota adorável, que já sofreu demais com uma grande tragédia. Precisa de amigos e eu sou sua amiga. E é só o que serei para ela, pois Spence e eu não temos futuro juntos.

— Fico contente que esteja vendo as coisas assim. Bebericando seu café. Pattie observou o enteado. Ele lhe lançou um olhar rápido e voltou a encher a boca de pedaços de panqueca.

— Allie gosta de você e também precisa da sua amizade — Pattie comentou.

— Ficarei de olho nela, para que nada de mal lhe aconteça. Mas, é

só. Não quero que os outros pensem que Allie é minha namorada ou algo do tipo.

J.J. bebeu o suco e apanhou a jarra para encher o segundo copo.

— Acho que está certo. Afinal, ela é muito nova. Você já tem dezesseis anos e ela só vai fazer catorze depois do Natal.

— Sim, muito nova e muito esquisita. Sabia que ela lê poesia? — J.J. comeu o último pedaço de panqueca e bebeu o resto do suco. — Ei, como sabe o dia do aniversário dela? Ela lhe contou?

— Sim... ela me contou.

Pattie tentara, com todas as forças, esquecer o passado, o dia em que sua filha nascera. Porém, depois que Spencer Rand levara sua sobrinha para Marshallton, fora forçada a confrontar as lembranças. Enquanto Spence ficasse na cidade, havia a possibilidade de alguém lhe contar sobre sua filha, que nascera no mesmo dia que Allie: quatro de janeiro.

J.J. levantou-se e levou seu prato até a pia.

— Espero que se divirta esta noite, com o treinador Evans. Ele é um cara muito legal e, provavelmente, seria um bom padrasto.

— Gil Evans é muito simpático, mas não espere mais nada, além de uma boa amizade.

Pattie vinha recusando convites de Gil há meses. Detestava admitir que só aceitara, desta vez, para se vingar de Spence, por seu jantar com Joan. Tratava-se de uma atitude infantil, da qual ela esperava não se arrepender amargamente.

As seis e meia, o ônibus da igreja saiu do estacionamento e rumou para Memphis. Um grupo de pais sonolentos acenaram para os filhos e, então, entraram em seus automóveis para voltar para casa. No momento em que Pattie abria a porta do seu Grand Am, Spence aproximou-se e pousou a mão em seu ombro. Sobressaltada, ela virou de um pulo e fitou-o com olhar hostil.

— Podemos conversar? — ele perguntou.

— O que há para conversar, Spence? Acho que já esgotamos o assunto sobre você e eu e o fato de que não temos e jamais teremos qualquer tipo de relacionamento.

Ela tentou se afastar, mas ele a segurou pelo braço.

— Nós éramos amigos e amantes. Achei que podíamos reviver tudo isso. O que aconteceu?

Pattie respondeu sem fitá-lo:

— Joan Stephenson está louca para ser sua amiga e sua amante.

Por que perder o seu tempo comigo? Esqueceu que já me teve?

As lágrimas formaram um nó na garganta de Pattie, mas ela as reprimiu. Não ia chorar! Spence soltou seu braço.

— Ora, Pattie, sabe muito bem que Joan não tem nada a ver com isso. Você a está usando como escudo, como uma barreira entre nós dois. Tem medo de admitir que ainda gosta de mim, que ainda me quer.

Olhando em volta, ela suspirou aliviada ao descobrir que ela e Spence encontravam-se sozinhos no estacionamento.

— Tem razão. Estou com medo de me envolver com você porque sei que vai me magoar de novo.

Ele não tinha argumentos para negar tal afirmação. Era verdade. Mais cedo ou mais tarde, acabaria lhe causando mais sofrimento.

— Joan não é a mulher ideal para educar Allie. Você é. Apesar do que sente por mim, não expulse a menina de sua vida. Ela precisa de você.

Pattie mordeu o lábio, num esforço para conter as emoções. Não ia chorar, nem perder a compostura.

— Não farei nada disso. Já conversei com Allie. Disse-lhe que estarei aqui, sempre que ela precisar.

— Obrigado Pattie. Não faz idéia do quanto lhe sou grato. Allie é uma garotinha especial e precisa de muito mais do que posso oferecer. — Baixou os olhos para o chão, antes de continuar: — Precisa de uma mãe.

— Não posso ser mãe dela, mas posso ser amiga.

— Pattie...

— Preciso ir.

Pattie entrou no Grand Am e bateu a porta.

Spence permaneceu onde estava. Ela deu a partida no motor, ergueu a mão esquerda e, depois de acenar, pousou-a no vidro fechado. Spence aproximou-se e colocou sua mão junto da dela. Por um longo momento. Pattie olhou fixamente para suas mãos quase unidas, separadas apenas por uma barreira invisível.

Não sucumbiria a seu desejo por Spence. Não se atreveria. Retirou a mão, engatou a marcha e pôs o cano em movimento.

Spencer Rand ficou parado ali por alguns minutos. Sentindo a brisa fresca de outubro agitar-lhe os cabelos, observou o carro de Pattie desaparecer na estrada. Então, entrou no seu Porsche e dirigiu-se para Clairmont.

Spence sabia que merecia a noite miserável que estava passando.

Pedira por isso ao convidar Joan Stephenson para jantar. Quando ele e Allie haviam jantado na casa dela, na terça-feira, ele tentara abordar o problema da custódia de J.J., mas Joan fora hábil em evitar o assunto. Desta vez, ele fora direto e objetivo, perguntando-lhe a queima-roupa o que ela pretendia. Joan fingira ingenuidade, mas não perdera a oportunidade de atacar o caráter de Pattie. Tivera a petulância de contar-lhe sobre a gravidez da outra. Fora preciso muito autocontrole para ele não lhe contar a verdade, que não só a criança era dele, mas que estava viva.

Quando o jantar no restaurante mais caro de Marshallton terminou. Spence estava determinado a levar Joan para casa e encerrar assim o fiasco. Ela, porém, tinha outras idéias em mente. Pensando em esfriar seu ardor, ele a convidara para dançar e beber cerveja no Pale Rider. Tinha tamanha certeza de que Joan ficaria chocada pela sugestão de freqüentar um bar de estrada, que nem lhe ocorreu a possibilidade dela aceitar. Infelizmente, enganara-se.

Acompanhou Joan para dentro do salão enfumaçado e mal iluminado que, de propósito, assemelhava-se a um celeiro. O chão de terra batida encontrava-se coberto de serragem e a pista de dança era de madeira rústica. Montes de feno encontravam-se espalhados por todos os lados e alguns fregueses os usavam para descansar. Uma banda country tocava músicas típicas e um refletor girava de um lado para outro, iluminando alternadamente a banda e os casais que dançavam.

— Nunca estive em um lugar como este — Joan comentou, agarrando-se ao braço de Spence, como se temesse ser atacada a qualquer momento.

— Posso levá-la para casa.

Ah, ele daria tudo para livrar-se da esnobe beldade sulista!

— Imagine! Se você gosta de lugares assim, então... bem, não vejo mal algum em experimentar. Só desta vez.

Joan torceu o nariz, aparentemente ofendida pela mistura de odores de terra, cerveja e suor.

Quando Spence a guiou até uma das poucas mesas desocupadas, Joan recebeu olhares sugestivos de alguns dos homens desacompanhados. Quando se sentaram. Spence estudou sua acompanhante. Era atraente, sem dúvida. Alta, esbelta e elegante, mas completamente deslocada no Pale Rider. A maioria das mulheres presentes vestiam roupas casuais e descontraídas. Joan usava um

vestido clássico, preto, colar e brincos de pérolas.

Quando a garçonete finalmente os atendeu, ele pediu duas cervejas. Duvidava que Joan jamais houvesse provado da bebida, e torceu para que detestasse. Tentou continuar a conversa, mas quando a pista de dança esvaziou, ele parou de falar.

Pattie Cornell, de mãos dadas com Gil Evans, deixou a pista e foi sentar-se a uma mesa próxima da de Spence e Joan. Que diabos ela estava fazendo com aquele amontoado de músculos? Spence não gostou da idéia de Pattie estar saindo com outro homem. Especialmente, depois de haverem se tomado tão próximos nas últimas semanas. Tinha certeza de que ela ainda o amava, que naquela manhã, ao deixar o estacionamento da igreja, ela sofria. Sentira-se um miserável e planejara convencê-la de suas boas intenções, convencendo Joan a desistir da briga pela custódia de J.J.

Agora, sentia-se um grande idiota. Embora não tivesse sucesso em relacionamentos duradouros, sempre fora bom em saber como agradar uma mulher. Sabia o que dizer e fazer, a fim de persuadir as mulheres a fazerem o que ele desejava. Pensara que poderia usar a atração de Joan para abrir seu caminho na direção de Pattie. Porém, o tiro saíra pela culatra. Joan não se deixara persuadir a deixar Pattie em paz. E Pattie? Lá estava ela, divertindo-se na companhia de outro homem, sem sequer lembrar-se de Spence!

— Ora, vejo que Pattie voltou a ser o que era — Joan comentou.— Antes de agarrar o pobre Fred, ela praticamente vivia em lugares como este, com homens como Gil Evans.

— É mesmo? — Spence lançou-lhe um olhar enviesado, então voltou a concentrar-se na mesa de Pattie.

Pattie apanhou a caneca de cerveja, levou-a aos lábios e bebeu o líquido. Spence observou a maneira como seu pescoço arqueou-se, como seus lábios tocaram o vidro, como seus cabelos dourados dançaram sobre seus ombros. Por que ela tinha de ser tão bonita? Era ainda mais linda do que fora aos dezoito anos.

— Você teve mais sorte que meu primo Fred — Joan afirmou, pousando a mão sobre a de Spence. — Viu que tipo de mulher ela era e deixou a cidade, antes que ela o convencesse de que o filho que esperava era seu.

Spence retirou a mão e fitou Joan com ar de desafio.

— O que a faz pensar que o filho não era meu? Corada. Joan baixou os olhos.

— Ora, Pattie Cornell sempre foi uma vadia.

— Você fala como meu pai.

— O senador estava certo, sabia?

A garçonete trouxe suas cervejas e Spence sentiu-se grato por um motivo para não continuar a conversa. Aquele não era o momento, nem o lugar, para dar uma lição naquela mulherzinha insuportável.

A banda começou a tocar uma música lenta e romântica. Spence sentiu um nó no estômago ao ver Gil levantar-se e estender a mão para Pattie. Com um sorriso, ela o seguiu para a pista.

— Vamos dançar — Spence falou, praticamente arrastando Joan da mesa.

Assustada, Joan emitiu um som engraçado, algo entre o riso e um grito histérico.

— Nossa, parece que está com pressa!

Uma vez na pista. Spence puxou Joan para si, detestando a sensação de seu corpo colado à magreza dela. Sentiu saudades das formas arredondadas de Pattie. Mas Pattie não era sua parceira. Suas curvas encontravam-se perfeitamente ajustadas ao corpo de outro homem. Spence odiou o outro homem.

Deslizando as mãos pelas costas de Joan, agarrou-lhe os quadris e puxou para mais perto. Com mais um de seus gritinhos abafados, ela o empurrou.

— Não seja tão vulgar. Spencer.

— Desculpe — Spence falou distraído, observando o modo possessivo como a mão de Gil Evans segurava a cintura de Pattie.

— Só porque estes bárbaros agem como animais, não há motivo para você fazer o mesmo. — Empertigando-se, Joan lançou um olhar de reprovação para Pattie. — Veja só como aquela mulher se comporta. É vergonhoso!

— Sim.

Spence não conseguia desviar os olhos de Pattie. Ela nunca lhe parecera tão linda e tão desejável.

Quando a música terminou, Gil inclinou-se e sussurrou no ouvido de Pattie:

— Só mais uma dança, está bem? Então, pediremos mais cerveja.

Com um suspiro, Pattie sorriu para o acompanhante, agradecendo a Deus por ele ser um sujeito tão amigável, que não esperava nada além do que ela estava disposta a dar.

— Está bem. Mais uma.

A banda iniciou uma música instrumental de ritmo lento. Gil virou Pattie em seus braços. Ela olhou por sobre seu ombro, para os outros casais. Seu coração parou de bater. A poucos metros, Spence dançava com Joan Stephenson. Pattie sentiu o corpo todo petrificar-se.

— Qual é o problema? — Gil perguntou, virando-se para ver o que atraíra a atenção de Pattie.

Ela não podia falar ou mover-se, invadida pelos piores sentimentos de ciúmes que já experimentara.

O que ele estava fazendo com Joan? Teria mentido sobre seus motivos para ter jantado com ela na terça-feira? Se dissera a verdade, então por que a levara ao Pale Rider?

— Quer descansar um pouco? — Gil perguntou em tom compreensivo e gentil.

Ainda olhando fixamente para Spence e Joan, ela sacudiu a cabeça.

— Eu... eu... me desculpe, Gil.

— Se vamos continuar aqui, é melhor começarmos a dançar, a menos que você queira que Rand perceba o quanto a perturbou — Gil sugeriu, começando a mover-se pela pista.

Pattie deixou que ele a guiasse pela pista, sentindo-se grata por Gil ser tão amigo e compreensivo. Magoada e furiosa, permitiu que ele a levasse no ritmo da dança. Cada vez que giravam, ela olhava para Spence e a mulher em seus braços.

Ele estava mais atraente do que nunca. De calça jeans, camisa preta e paletó verde-oliva. Era um exemplo de masculinidade e elegância despretensiosa. Spencer Rand, o rebelde de espírito livre e, ainda assim, elegante o bastante para derreter o coração de qualquer mulher.

Tentou desviar o olhar, parar de olhar para a mulher que ele segurava nos braços. Por que estava se torturando? Spence não lhe prometera nada. Deixara bem claro, desde o início, que não pretendia estabelecer um relacionamento permanente. E ela suspeitara todo o tempo que a tentativa de refazer sua amizade devia-se muito mais à preocupação dele com a sobrinha, do que a qualquer sentimento que tivesse por ela. Agora, Spence encontrara uma mulher mais adequada ao papel de mãe substituta para Allie.

Não devia sofrer tanto, mas não podia evitar. Apesar dos esforços em contrário, apaixonara-se por Spence como no passado. Ah, como fora tola!

Incapaz de controlar-se, Pattie voltou a fitá-lo. Ele a olhava

fixamente. Ela sentiu seu olhar queimá-la, com paixão e fúria. Suas emoções se combinavam, ardendo com igual intensidade.

Forçando-se a quebrar o contato visual, Pattie sussurrou para Gil:

— Preciso daquela cerveja agora.

Quando Gil a guiou para fora da pista, ela não olhou para trás.

A música terminou e Spence levou Joan de volta à mesa. Bebeu sua cerveja de um só gole e pediu outra rodada. Quando Joan protestou que ainda não bebera a sua, ele lhe garantiu que a bebida seria aproveitada.

Tinha de dar algum crédito a Joan. Durante os trinta minutos seguintes, ela tentou desesperadamente envolvê-lo numa conversa a respeito de sua família: sobre Allie, Peyton, Valerie, o senador e sua avó. Spence conseguia responder-lhe com monossílabos, enquanto focalizava a atenção em Pattie, que não conseguia parar de lançar-lhe olhares hesitantes.

Quando Gil levou Pattie de volta à pista de dança, Spence resistiu ao impulso de agarrar Joan para dançar. Limitou-se a continuar sentando e observar. Não demorou a concluir que estaria se sentindo bem melhor se houvesse deixado o Pale Rider no momento em que avistou Pattie.

Vagamente consciente de que Joan continuava falando, cerrou os punhos e pousou-os sobre as coxas, sentindo o suor gotejar em sua testa.

Estudou Pattie Cornell, linda, feminina, desejável, em sua calça jeans justa e miniblusa de algodão cor de coral. A roupa agarrava-se a seu corpo como uma luva.

Mal ouviu quando Joan perguntou à garçonete onde ficava o banheiro, pediu licença e deixou a mesa. O líder da banda anunciou uma seleção de músicas de Garth Brooks.

Spence observou Pattie, que se deixava levar pelo embalo da música, os cabelos soltos dançando para lá e para cá. Quanto mais ela se abandonava ao ritmo, mais sensuais seus movimentos se tornavam. E mais excitado Spence se sentia. Gil afastou-se, dando-lhe espaço. Um a um, os casais foram parando de dançar, para apreciar a moça loira no cento da pista. O corpo de Pattie misturava-se à música, criando uma rapsódia perfeita e sedutora.

Só de olhar, Spence sentiu o controle se dissipar. Aquela mulher desinibida, que se entregava à paixão dos acordes da guitarra, era a mulher que ele amara há catorze anos, com quem descobrira a magia do primeiro amor e dos prazeres do sexo.

O refletor passeou pela assistência, até pousar sobre Pattie. Dando

as costas a Gil, ela estendeu os braços num convite tentador. Spence não teve dúvidas de ser ele o homem convidado. Ela olhava fixamente para ele. Levantou-se e, como se estivesse em transe, caminhou para a pista. Quando se aproximou de Pattie, parou e fitou-a, comunicando-se com ela sem o uso das palavras.

Pattie fechou os olhos, deixando-se levar pelo ritmo da música. Sentia-se queimar, desde o momento em que seus olhos haviam encontrado os de Spence. Os instintos puramente animais haviam assumido o domínio das sensações, tomando-a lasciva e incapaz de resistir ao impulso de seduzi-lo. Nada nem ninguém importava. Nem o doce Gil e, certamente, não a insuportável Joan.

No momento em que a música terminou, Spence chegou mais perto. Ninguém mais se moveu. Pattie sorriu. Spence examinou-a da cabeça aos pés, com olhar apaixonado e repleto de desejo.

Sentindo o suor escorrer por entre seus seios, umedecendo a renda do sutiã, Pattie passou a língua pelos lábios, sem jamais desviar os olhos dos de Spence.

A banda começou a tocar outra canção de Garth Brooks, só que mais lenta. O piano juntou-se à guitarra. Spence estendeu os braços, puxando sua mulher para si. Pattie deixou-se levar de boa vontade, aceitando-o como jamais aceitaria qualquer outro. Seus corpo tocaram-se. Uma onda de calor os envolveu. Ele a apertou contra si, o corpo másculo e rijo produzindo sobre ela o efeito de um poderoso afrodisíaco. Seus encontros eram sempre assim: arrebatadores, intensos, irresistíveis.

Spence soube no mesmo instante que estava perdido. A partir do momento em que o corpo de Pattie amoldou-se ao seu, nada mais importava, senão a única mulher capaz de fazê-lo sentir tamanha emoção. Não se sentia assim, desde a juventude, quando era tão apaixonado, que nem sequer imaginava a vida longe de Pattie Cornell.

Na época, não fazia idéia de que aquele amor terminaria em tanta tristeza, transformando-o num homem sem coração e Pattie numa mulher sozinha e desprotegida. Agora, agradecia o fato de não haver previsto o futuro. Jamais teria causado, por sua própria vontade, tamanho sofrimento a Pattie. Ela fora tudo para ele... seu mundo. Mas seu egoísmo quase a destruíra. Ele a deixara sem nada, tirando-lhe tudo o que possuía: seu amor, sua reputação. Até mesmo a criança que lhe dera, lhe fora tirada. E Pattie passara quase catorze anos chorando a morte da filha que, agora, era uma linda adolescente.

Sim, era grato por não ter sabido o que o futuro lhes reservava. Se jamais houvesse conhecido o amor e a paixão de Pattie, sua vida teria sido muito mais vazia. Ele não teria nada, nem mesmo a preciosa lembrança de um amor tão puro, que nada, nem ninguém, seria capaz de macular.

Como se percebessem que a dança de Pattie e Spence constituía um momento de reconhecimento íntimo, os demais casais voltaram a dançar e o refletor voltou a focalizar o líder da banda.

As lágrimas formaram um nó na garganta de Pattie. Ela não podia falar. E não podia chorar. Agarrou-se a Spence sem vergonha ou medo. Queria e precisava dos braços dele em torno de si.

— Venha comigo, Pattie. Quero você — ele falou, enterrando o rosto em seus cabelos. — Vamos parar de fingir que podemos controlar o que sentimos.

Ela enroscou os dedos nos cabelos dele e soltou o elástico que os mantinha presos.

— Vamos nos magoar de novo, Spence. Sabe disso, não sabe?

— Não acredito que possa sofrer mais do que estou sofrendo agora, meu anjo.

Ah, ela era tão linda, com seus cabelos dourados, seus olhos castanhos e aquele corpo maduro. Se não a levasse dali imediatamente, acabariam fazendo amor diante de uma audiência.

— Ah. Spence, o que vamos fazer?

Ela o queria ao ponto da loucura. Mesmo sabendo que o futuro não guardava qualquer promessa, não era capaz de resistir àquela única noite com o homem que amava.

— Vamos sair daqui, antes de perdermos o controle de uma vez.

Passou um braço em torno de sua cintura e guiou-a para fora da pista.

Hesitando, ela virou para trás. Gil Evans sorriu e acenou-lhe com a cabeça. Então, Spence levou-a para a saída. De olhos arregalados e boca aberta, Joan Stephenson limitou-se a observá-los.

O ar frio e úmido da noite os envolveu. Uma garoa fina caía do céu escuro. Abraçados, correram até o Porsche de Spence. Uma vez dentro do carro, ele a puxou sobre o console e seus lábios encontraram-se num beijo tórrido. Sem sequer notar os botões que fechavam a blusa de Pattie, Spence puxou o tecido para fora da calça e deslizou a mão para acariciar-lhe os seios. Ela abafou um gemido.

— Não podemos fazer amor aqui, meu anjo. Mas não vou conseguir

esperar muito tempo.

— Vamos para a minha casa — ela falou, voltando a seu lugar no banco do passageiro. Spence estendeu a mão para acariciá-la, mas ela riu e afastou-o. — Temos a noite inteira, Spence. Esperamos catorze anos. Podemos esperar mais alguns minutos.

Ele deu a partida e acelerou. Jamais se dera conta da verdade, até aquela noite. Independente de onde estivera, de quantos países houvesse conhecido, quantas aventuras enfrentara, quantas mulheres tivera, Spence havia esperado catorze anos, só para estar de novo com Pattie, para fazer amor com a única mulher que amara, a mãe de sua filha.

CAPÍTULO VI

As mãos de Pattie tremiam quando ela tentou destrancar a porta de sua casa. Ouviu Ebony latir e arranhar a porta, ansiosa por sua entrada. Atrás dela, Spence mantinha o corpo colado ao seu, enquanto depositava beijos ávidos em seu pescoço.

— Se não parar com isso, não vou conseguir abrir a porta. Soltou uma risada e finalmente, conseguiu inserir a chave na fechadura. Deu um empurrão na porta e entrou, ainda com Spence abraçado a ela.

Ebony saltou alegremente, abanando o rabo. Pattie inclinou-se a acariciou-a para acalmá-la.

— Boa menina. Mamãe já chegou. Está de parabéns por ter se comportado como um bravo cão de guarda. Agora, pode voltar a dormir.

Spence girou Pattie e tomou-a nos braços. Ela gritou. Ebony latiu, seguindo Spence pelo corredor, até o quarto de Pattie. Lá, a cocker spaniel deitou-se em sua cesta acolchoada, os olhos negros brilhando na semi-escuridão.

Parando ao lado da cama, Spence pôs Pattie no chão. Deslizou as mãos por suas costas, segurando-lhe as nádegas e pressionando o corpo contra o dela. Então, beijou-a num misto de celebração e urgência, sendo retribuído na mesma intensidade de paixão.

Sem descolar os lábios dos dela, Spence murmurou:

— Sei que devia ir mais devagar...

— Não sei se posso esperar — ela o interrompeu, tirando-lhe o paletó e atirando-o no chão.

— Gostaria de fazer esta primeira vez especial para você. Não quero que pense que não é importante para mim também.

— Temos a noite inteira para fazer amor devagar. — Pattie insistiu, desabotoando-lhe a camisa.

— Não faz ideia do quanto te quero, meu anjo. Mal posso me conter. Quero você agora. Já.

Spence desabotoou a calça de Pattie.

— Então, pare de falar, Spencer Rand. Me ame. Agora. Ainda enquanto falava, Pattie soltou-lhe o cinto e abriu a calça de Spence, para acariciá-lo com intimidade.

Spence gemeu baixinho. Não sentia tamanho desejo há muito tempo. Só Pattie era capaz de despertá-lo com tanta intensidade Deitou-a na cama e tirou-lhe os sapatos e a calça jeans. Suas mãos tremiam quando pousaram no ventre liso e macio, antes de puxar a calcinha de renda.

— Não posso esperar mais, meu anjo. Simplesmente, não posso!

Posicionou-lhe sobre ela, ao mesmo tempo em que abaixava a calça. Fitou-a nos olhos, reconhecendo neles o mesmo desejo que o incendiava.

Ergueu-lhe os quadris com as mãos e penetrou-a de uma só vez. Pattie gritou de prazer, Spence emitiu um gemido gutural. Sua união era o que havia de mais doce, a sensação mais arrasadora que conheciam, um misto de céu e inferno. Seu amor era puro, terno e direito e, ao mesmo tempo, quente, selvagem, animal. Segurou-a por um momento, mantendo-se imóvel e saboreando a delícia de sentir-se dentro dela. Então, bateu em retirada. Pattie agarrou-se a seus ombros, contorcendo-se, erguendo o corpo para ele, implorando-lhe que voltasse a penetrá-la. Ele obedeceu, ouvindo seu nome ser murmurado na voz rouca e sensual da mulher que amava.

Seus movimentos tomaram-se mais acelerados, mais desesperados. Ela o acompanhou com avidez e paixão.

Como numa explosão de estrelas, atingiram o clímax ao mesmo tempo, ambos proferindo palavras apaixonadas, agarrando-se um ao outro, como se temessem perderem-se no mar de prazer em que mergulhavam.

Juntos, desceram das alturas do êxtase, deixando-se envolver pela doce sensação do desejo satisfeito. Rolando para o lado, Spence deitou-se junto a Pattie, aconchegando-a nos braços. Em poucos minutos, ambos dormiam saciados.

Spence acordou horas depois. A garoa fina havia se transformado em chuva torrencial e o vento uivava de encontro à janela. Olhou para a mulher deitada a seu lado, a mulher a quem tomara como se fosse um animal. E ela apreciara a experiência tanto quanto ele. Sorriu ao lembrar-

se da maneira como ela correspondera à sua paixão. Pattie Cornell era uma mulher de verdade, que não negava, nem tentava esconder seus desejos e suas necessidades. Sempre gostara de fazer sexo e jamais fingira ingenuidade ou timidez. E não mudara. Continuava quente e voluptuosa como fora na juventude. E ele ainda a queria mais do que qualquer outra mulher. Pattie ainda possuía o poder de dominá-lo.

Pattie Cornell continuava a ser a única mulher capaz de amansar o monstro que vivia dentro dele.

Sentando-se na cama. Spence deu-se conta de que estavam deitados sobre a colcha, parcialmente vestidos. Tirou a camisa, os sapatos, a calça e a cueca, atirando tudo no chão.

Pattie estava nua, exceto pela blusa coral e pelo sutiã de renda. Spence afastou as cobertas e, tomando-a nos braços, ajeitou-a sobre o lençol. Ela murmurou no sono. virando-se para ele. Adorava olhar para Pattie. Era a mulher mais linda que ele já vira. Pousou a mãos sobre o triângulo aloirado entre suas coxas e ficou excitado no mesmo instante. Queria amá-la de novo, com a mesma intensidade da primeira vez.

Com movimentos lentos, desabotoou-lhe a blusa e tirou-a. Ela murmurou seu nome. Spence sorriu, querendo que ela abrisse seus belos olhos castanhos e o visse. Mas Pattie acomodou-se no travesseiro com um suspiro.

Então, tirou-lhe o sutiã e atirou-o longe.

Concentrou a atenção na mulher nua, cujo corpo o convidava, de maneira silenciosa, porém provocante, a uma exploração sem fim. Percebeu a corrente de ouro presa a seu pescoço, os dois anéis entre seus seios. Teve vontade de arrancá-la, de atirar os anéis de Fred Cárter pela janela. Não queria fazer amor com Pattie, tendo a lembrança de outro homem tão perto do coração de sua amada.

Inclinou-se e depositou beijos suaves em seus ombros e pescoço. Ela suspirou. Spence sentiu a corrente enroscar-se na ponta de seu nariz. Olhou para os anéis, só então percebendo que não eram do mesmo tamanho. Um era de diamantes, mas o outro não era um anel de noivado. Tratava-se de um anel de bebê, com um delicado desenho gravado no ouro.

O coração de Spence disparou. Segurou os anéis entre os dedos. O de diamantes era o mesmo que ele lhe dera, no dia em que a pedira em casamento. Não era o anel de Fred Cárter que ela carregava junto ao coração. Era o de Spence!

O outro mal cabia na ponta de seu dedinho. Seus olhos encheram-

se de lágrimas. Não podia chorar. Era um homem, afinal. Não chorava desde criança, quando era ainda vulnerável e suscetível à rejeição do pai.

Mas seu coração experimentava uma dor desconhecida. O pequeno anel deveria ser de sua filha. Pattie o teria colocado no dedo de Allie. Em vez disso, pendurara-o em sua corrente... e enterrara um bebê que não era o seu.

— Está tentando me acordar? — Pattie abriu os olhos e sorriu. Por um momento, Spence não foi capaz de falar. As lágrimas que reprimira haviam se alojado num nó em sua garganta. Engoliu seco e respirou fundo.

— Você guardou o anel que lhe dei... por todos esses anos. Pattie sentou-se e arrancou a corrente de seus dedos. Seu sorriso se desfez no momento em que deu-se conta de que ele também vira o outro anel. Planejara contar a ele sobre a filhinha que tivera, mas não agora, não no meio da noite, ambos nus, na cama.

— Eu tinha de guardá-lo, Spence. Sei que não compreende, mas era tudo o que me restava de... de você e... Sei que viu o outro anel.

— O anel de bebê.

Spence reconheceu o medo nos adoráveis olhos castanhos. O que ela faria? Contaria a verdade ou mentiria? Ora, ele não tinha o direito de esperar que ela lhe contasse a verdade, quando ele mesmo estivera mentindo há meses.

— Imagino que seja o seu anel, de quando era bebê — falou. — Está guardando para quando tiver um filho?

Sabia que ela não estava preparada para contar-lhe que estava grávida quando ele a abandonara e que sua filhinha morrera logo após o nascimento. Assim como ele também não estava preparado para contar-lhe sobre as mentiras horrendas que haviam contado a ela... que sua filha saudável e bonita fora trocada pelo bebê de Valerie, na maternidade.

— Spence, eu...

Ele cobriu seus lábios com um dedo.

— Não vamos falar do passado, ou do futuro. Vamos esquecer de tudo, exceto que estamos juntos e temos o resto da noite para nos amarmos.

Spence não queria confrontar a verdade. Não agora. Pela manhã, talvez. Naquele momento, só queria mostrar a Pattie o quanto ela significava para ele, mostrar-lhe que, enquanto vivessem, ela possuiria o

que restava de seu coração.

— Precisamos conversar... Há coisas que devo lhe contar — ela insistiu, passando a mão pelo rosto de Spence.

Ele tomou-lhe a mão e beijou cada um de seus dedos. Então, fitou-a com um sorriso.

— O que quer que haja para conversarmos, pode esperar até amanhã de manhã, não é, meu anjo?

Ela lhe devolveu o sorriso.

Spence levou para baixo a mão que segurava junto ao rosto, até alcançar a parte mais íntima do próprio corpo. Pattie não só deixou que ele a guiasse, como tocou-o com paixão, ao sentir-lhe a manifestação do desejo.

— Sim, nossa conversa pode esperar. Ah, Spence, por que nenhum outro homem me faz sentir assim?

Spence acariciou-lhe um mamilo túrgido.

— Não sei, meu anjo. Só sei que você é a única mulher com quem jamais me realizei por inteiro.

Inclinando-se, tomou-lhe o outro mamilo entre os lábios. Pattie arqueou o corpo, permitindo que o prazer a envolvesse. Ao mesmo tempo, intensificou os movimentos de sua mão. Spence imobilizou-a.

— É melhor parar, meu anjo. Do contrário, vamos terminar antes mesmo de começar.

Ela riu.

— Somos como dinamite com pavios muito curtos, não é mesmo?

— Sim, querida. E vou acender seu pavio e assistir à sua explosão... — Spence prometeu-lhe, deslizando os lábios pelo ventre de Pattie, traçando assim uma linha de fogo.

Então, afastou-lhe as pernas com gestos delicados, embora urgentes, e beijou-a da maneira mais íntima, mais apaixonada.

A princípio, Pattie resistiu, mas foi por pouco tempo. Entregou-se ao desejo provocado pelas carícias ousadas, sentindo o calor espalhar-se desde o centro de sua feminilidade, até as pontas dos dedos.

— Spence... Spence...

Ao perceber que ela se aproximava do clímax, Spence intensificou os beijos e carícias. Pattie sentiu o corpo ficar mais e mais tenso, o calor aumentar dentro de si, até que, enroscando os dedos nos cabelos de Spencer, deixou-se levar nas ondas do êxtase arrasador. Quando os espasmos cederam, ele deslizou o corpo pelo dela, beijando-a nos ombros, no pescoço, nas faces.

— Adoro vê-la assim, meu anjo. Quente, satisfeita... E maravilhoso saber que sou capaz de lhe proporcionar o máximo de prazer.

Ela abriu os olhos e sorriu.

— Amo você, Spence. Acho que nunca deixei de amá-lo, em todos esses anos.

— Ah, Pattie, não existe no mundo alguém como você. — Spence apoiou-se num cotovelo e fitou-a. — Tive outros relacionamentos ao longo dos anos, mas consegui acabar com todos eles. Sou um desastre com as mulheres. Você sabe disso melhor do que ninguém. Mas... nunca amei outra mulher, Pattie. Você é a única.

— Spence... — Pattie sentiu as lágrimas surgirem em seus olhos, mas conteve-as. Não choraria mais. Nunca mais. — Abrace-me e me ame... e faça esta noite durar para sempre.

Ele se deitou ao seu lado e puxou-a para si.

— Eu gostaria muito de poder fazer esta noite durar para sempre, meu anjo. Ah, como eu gostaria!

Não queria que a manhã chegasse. Deu-se conta de que ela planejava contar-lhe sobre a gravidez e a criança que pensava ter morrido. Mas Pattie não fazia idéia de que sua confissão não era nada, perto do que ele tinha para lhe contar. Como ela reagiria ao saber da verdade sobre Allie? Iria odiá-lo por não ter contado antes? Compreenderia quando ele lhe explicasse que achava melhor esperar mais um pouco, antes de contar a Allie?

Spence beijou Pattie com um amor e uma ternura que não sentia desde os vinte anos. Estava de volta e sua garota estava lhe oferecendo uma segunda chance. E ele não merecia, pois acabaria magoando Pattie de novo. Jamais seria capaz de assumir um relacionamento permanente e sabia que era isso o que ela esperava. Não sabia como fazê-la entender que, por mais que desejasse tentar, ele não podia correr o risco de magoar as duas pessoas que mais amava na vida: sua filha e a mãe dela.

Aquela podia ser sua única noite com Pattie. Depois de descobrir a verdade e saber que ele não pretendia ficar e fazer parte daquela família, ela certamente não lhe abriria os braços.

— Venha cá, meu anjo — ele a puxou, posicionando-a sobre si. — Sabemos que esta noite não pode durar para sempre, mas que pode ser uma lembrança inesquecível.

Acariciou-a, beijou-a, mimou-a, reacendendo nela a velha chama da paixão.

— Jamais se esqueça do quanto você significa para mim — murmurou, no momento em que a penetrava, perdendo-se no calor daquele corpo receptivo.

— Eu te amo — Pattie declarou, entregando-se à fúria da paixão.

Spence deslizou as mãos por suas costas, passando pela cintura e apertando-lhe os quadris. Deixou que ela determinasse o ritmo, lento e constante a princípio. Perfeito. Acariciou-a e beijou-a, seus dedos e lábios buscando a satisfação de ambos. Movia-se no mesmo ritmo que ela, controlando os próprios impulsos. Sentiu o corpo dela tornar-se tenso, as batidas de seu coração acelerarem. Pattie passou a mover-se com rapidez cada vez maior, sabendo que se aproximava da satisfação. Spence incitou-a a continuar, até ouvi-la gritar em êxtase. Ao senti-la relaxar o corpo trêmulo, soltou as rédeas com que dominava o próprio desejo, atingindo o clímax em seguida.

Pattie adormeceu deitada sobre Spence. Ele puxou as cobertas sobre ela e abraçou-a, desejando com desespero impedir que o dia amanhecesse.

Quando acordou, Pattie descobriu-se sozinha na cama. Olhando em volta, deparou com Spence parado na porta do quarto, usando apenas a calça jeans.

— Bom dia, meu anjo — ele cumprimentou, aproximando-se da cama com uma xícara de café na mão. — Aqui está o seu café, com creme e açúcar.

Ela apanhou a xícara e bebeu um gole.

— Delicioso. Obrigada.

Pattie sentou-se na cama, completamente à vontade em sua nudez. Spence sempre admirara qualidades como aquela. Ela não era o tipo de mulher que se tomava tímida na manhã seguinte.

— Não cozinho muito bem, mas faço um bom café — ele comentou, sem conseguir desviar os olhos do corpo de Pattie. Ela era maravilhosa de qualquer jeito.

— Precisamos conversar — ela falou e bebericou o café.

— Sim, eu sei — ele concordou, acariciando-lhe o ombro. — Não pudemos fazer a noite durar para sempre, não é?

Afastando a franja dos olhos, ela suspirou, então fitou-o com tamanha compaixão, que ele se perguntou por quanto tempo mais suportaria aquela situação. Pattie estava certa de que ele ficaria surpreso com sua revelação quando, na verdade, era ela quem estava prestes a receber o maior choque de sua vida.

Ela se aproximou e beijou-lhe o ombro.

— Já tomou banho? Está tão cheiroso!

— Gosta de homens cheirosos?

— Adoro homens cheirosos. — Depois de mais um beijo, entregou-lhe a xícara vazia e acrescentou: — Prepare os cereais, enquanto tomo um banho. Então... Já parou de chover?

— Sim, mas o tempo continua nublado. E possível que chova de novo.

Pattie lançou um olhar pelo quarto, notando a cesta vazia.

— Onde está Ebony?

— No quintal. Já se alimentou. Encontrei uma lata de comida para cães e lhe dei.

— Se voltar a chover, ela vai latir e amanhar a porta da cozinha. É melhor ficar atento.

Pattie levantou-se, abriu o guarda-roupa e apanhou um robe de seda vermelho. Então, dirigiu-se para a porta.

— Obrigada por ontem à noite, Spence. Havia me esquecido do quanto é bom estar viva.

— Eu também.

Spence gostaria de arrastá-la de volta para a cama e passar a manhã inteira fazendo amor. Mas aquele era o dia "D", o momento da verdade. Não seria justo adiar mais.

Bebeu o restinho do café com creme e açúcar e fez uma careta.

— Como pode beber isto com açúcar? Ela riu.

— Vamos tomar nosso café da manhã e, depois, precisamos conversar um assunto muito sério, Spence. Há algo que eu deveria ter lhe contado logo que chegou a Marshallton.

— Tome seu banho primeiro, meu anjo — ele sugeriu, dando-lhe um tapinha nas nádegas. — E não se preocupe. Seja o que for que tenha para me contar, vou compreender.

Beijou-a na testa, rezando para que ela lhe oferecesse o mesmo tipo de compreensão.

Vinte minutos depois, Pattie tomara banho, se vestira e terminava de comer os seus cercais. Afastando o prato, encarou Spence de frente.

— Quando me pediu para ir embora de Marshallton com você, eu queria ir. Sabe disso, não sabe?

— Sim, eu sei. Eu era imaturo demais para compreender, mas agora eu sei. Você não podia deixar sua mãe e Trisha. Se eu fosse um homem, em vez de um moleque egoísta, teria ficado e ajudado você a cuidar

delas.

Estendeu as mãos sobre a mesa e segurou as dela com força, tentando transmitir-lhe segurança.

Ele estava sendo tão compreensivo, dizendo coisas que ela jamais imaginara que ouviria, assumindo a culpa pela separação.

— Ora, Spence, como você poderia ter ficado? Seu pai jamais permitiria que se casasse comigo. O senador não o deixaria viver sua própria vida. Tinha de ir embora, a fim de escapar ao domínio tirânico que ele exercia sobre você. Eu sabia disso.

— Para o diabo com o senador. Você não faz idéia do que ele fez com nossas vidas.

Spence levou as mãos de Pattie aos lábios e beijou-as com ternura.

— Spence, eu... eu estava grávida, quando você partiu. — Ela esperou e, como ele não comentasse, continuou: — Só descobri uma semana depois de sua partida. Ninguém sabia para onde você havia ido. Eu... tentei encontrá-lo.

— Ah, Pattie... meu anjo... me perdoe por não ter estado aqui, com você. Sinto tanto que tenha enfrentado tudo sozinha.

Queria tomá-la nos braços, mas se a confortasse agora, talvez fosse ainda mais difícil contar-lhe a verdade. Não sabia se ela iria querer seu conforto então.

Respirando fundo, Pattie conteve as lágrimas que ameaçavam rolar por suas faces.

— Não perguntou o que aconteceu ao bebê. Não quer saber?

— Já sei. Você perdeu nossa filhinha.

Meu Deus, dê-me forças para ir até o fim e, por favor, ajude Pattie a compreender e me perdoar.

— Quem... Como... Foi Joan quem lhe contou?

— Ela mencionou que você teve um filho que morreu.

— Como sabia que o filho era seu?

Pattie retirou as mãos das dele e reclinou-se na cadeira.

— Ah, meu anjo, de quem mais poderia ser? Nenhum de nós dois saía com mais ninguém. — Seria tão fácil deixá-la acreditar que fora Joan quem lhe contara, esperar mais algum tempo, antes de contar-lhe sobre Allie. — Eu já sabia, antes de Joan me contar.

Pattie fitou-o incrédula.

— Peyton me contou — ele respondeu à pergunta não formulada. — Contou-me muitas coisas. Algumas, eu não compreendi. Outras, eu não queria ouvir.

— Do que está falando?

— Há muitas coisas de que você não sabe, Pattie. Meu velho fez o que ninguém jamais esperaria que fosse capaz de fazer. Toda a família viveu uma mentira durante muitos anos. Ate Peyton soube há algum tempo e não me contou.

— O que seu pai tem a ver com nosso bebê? — Pattie empurrou a cadeira e levantou-se. — Seja o que for que você acha tão importante, vai ter de esperar. Quero que você saiba exatamente o que aconteceu comigo.

— Mas, Pattie, se me deixar explicar... Ela deu um murro na mesa.

— Agora, não! Droga. Spence! Eu tinha dezoito anos, era solteira e acabara de abandonar a escola. Faz idéia do que passei?

— Não faça isso. Não precisa reviver todo o pesadelo de novo. Ele se levantou e estendeu os braços para ela. Se, ao menos, Pattie lhe permitisse confortá-la agora, mesmo que o repelisse depois, não teria importância.

— Não me toque! Não agora. Por favor.

— Está bem.

— Ninguém queria me dar um emprego. Mamãe. Trisha e eu vivíamos de caridade. Mamãe nunca se recuperou do derrame. — Pattie pôs-se a andar de um lado para o outro. — Lembra-se de Leah Marshall? E sua prima distante.

— Lembro-me de Leah. Tinha mais ou menor a mesma idade de Valerie.

— Ela possuía uma loja, Country Class. Deu-me um emprego. Ela me ajudou, Spence, quando ninguém mais quis fazê-lo. — Pattie puxou a corrente de ouro para fora da blusa. — Foi ela quem deu este anel para o meu bebê. Eu o levei para a maternidade.

— Pare com isso, Pattie. Não posso deixá-la continuar. Não há motivo para você reviver a morte daquela criança.

— Aquela criança? Meu bebê. Spence! Minha filha. E sua, também!

— Não, Pattie, não é verdade. A criança que morreu não era a nossa filha.

Embora não pretendesse falar à queima-roupa, agora já contara.

— O que está dizendo? — Pattie fitou com olhos incrédulos. Ele a segurou pelos ombros.

— Eu não fazia idéia de que você estava grávida. E não soube de filho algum, até Valerie e Edward morrerem.

— Você não está dizendo coisa com coisa — ela protestou, tentando

livrar-se das mãos de Spence.

— Trate de se acalmar e me ouvir — ele pediu, com olhar de súplica.

— Estou ouvindo.

Pattie sentia-se vazia, a mente girando, as pernas tremulas. De repente, não teve certeza de que desejava ouvir o que Spence tinha a dizer.

— Sabe que Valerie teve um bebê no mesmo dia em que nossa filha nasceu?

— Claro que sei. Allie nasceu no mesmo dia.

— Allie nasceu naquele dia, mas... Valerie estava grávida de apenas seis meses. A criança nasceu morta. Ela levara anos para engravidar de novo, depois de vários abortos no início do casamento.

Spence desviou os olhos para a janela, sentindo-se incapaz de encara Pattie.

— Como é possível que o bebê de Valerie tenha nascido morto, se Allie está viva e bem e... — O estômago de Pattie contorcia-se, provocando-lhe uma onda de náusea.

— Disseram-lhe que nosso bebê morreu, não foi?

— Eles... eles nem sequer me deixaram vê-la depois que morreu. Implorei que me deixassem segurá-la, só um pouquinho... Só me lembro de tê-la visto de relance, na sala de parto. Era gordinha, corada e chorava a plenos pulmões.

— Sabiam que, se você visse a criança morta, saberia que não era a mesma que vira na sala de parto. — Spence forçou-se a fitá-la. Pattie o encarava de olhos ai regalados. — Nossa filhinha não morreu. Pattie.

Lá fora, Ebony latiu várias vezes e então, calou-se. Um zumbido insuportável tomou conta da mente de Pattie. Teria ouvido Spence dizer: "Nossa filhinha não morreu"? Seria possível?

— Se nossa filha não morreu, então de quem era o bebê que enterrei?

Com a força que lhe restava, Pattie empurrou Spence, tirando-lhe os braços de seus ombros. Ele a segurou pela cintura, trazendo-a de volta para si.

— Meu pai sabia que sua filha era minha. Quanto tomou sua decisão, não levou em conta nenhum de nós. Para ele, tratava-se de uma operação simples: bastaria trocar uma neta por outra. — Spence sentiu Pattie ficar tensa em seus braços. — Você enterrou o bebê de Valerie. Ela levou nossa filha para casa.

— Allie? Allie é minha filha? — Os olhos de Pattie encheram-se de lágrimas e ela começou a tremer. — Diga-me. Spence! Allie é a nossa filha?

— Sim — ele respondeu, cerrando os dentes para conter as lágrimas. — Foi por isso que eu voltei para Marshallton. Quando soube que o testamento de Valerie deixava Allie sob a minha guarda, não compreendi o porquê. Então, Peyt deu-me a carta que Valerie escrevera, quando da alteração de seu testamento, há três anos.

— Só descobriu há poucos meses?

Pattie sentiu-se anestesiada. Não percebia os braços de Spence em tomo de si. Não percebia o próprio corpo.

— Assim que descobri a verdade, decidi trazê-la para você. Queria contar-lhe logo que cheguei, mas... não sabia ao certo qual seria a sua reação. Allie ainda não está pronta para saber. Ela passou por tantas coisas, e tão...

— Achou que eu não poria o bem estar de minha filha acima de tudo? — As lágrimas rolavam soltas pelas faces de Pattie. — Ah meu Deus, não é à toa que ela se parece tanto com você. Foi por isso que nos tomamos tão próximas, em tão pouco tempo. Ela não e filha de Valerie. E minha.

Os joelhos de Pattie cederam e ela teria caído, caso Spence não a estivesse segurando.

— Não posso mudar o que meu pai fez. Não posso lhe devolver os últimos treze anos, Pattie. Mas trouxe Allie até você, para que possa ocupar o papel que e seu: de mãe dela. Allie precisa de você.

Pattie piscou várias vezes. A insensibilidade tomara conta de seu corpo. A realidade instalava-se devagar em sua mente. Spencer Rand, o homem que ela sempre amara, voltara para ela depois de tantos anos. Mas não voltara porque a amava e a queria; voltara apenas para trazer-lhe sua filha.

— Diga alguma coisa, meu anjo. Conte-me o que está sentindo.

Ela estava tão quieta, tão imóvel. Spence nem sabia se ela compreendera tudo o que ele lhe contara.

— O que vamos fazer, Spence? O que eu vou fazer? Allie e J.J. devem chegar de Memphis a qualquer momento. Vou ter de encará-la e não lhe contar que sou sua mãe. Como vou fazer isso? Como?

Ebony entrou correndo, saltitando em tomo do casal abraçado. J.J. Cárter entrou na cozinha.

— Já chegamos de Memphis — J.J. anunciou.

Pattie e Spence viraram-se ao mesmo tempo, como se o fizessem em câmera lenta. Olharam para o garoto parado na porta, com a sacola de viagem pendurada no ombro. Pattie afastou-se de Spence.

— J.J., há quanto tempo está em casa? — Spence perguntou.

— Se quer saber se ouvi que Allie é sua filha e de Pattie, sim, eu ouvi. — Abaixou-se e colocou a sacola no chão. — E acho que ela tem o direito de saber a verdade. As pessoas não deviam mentir às outras, especialmente quando dizem amá-las.

— Onde está Allie? — Pattie perguntou.

— Deixou a igreja com Leigh. Acho que a mãe de Leigh ia levá-la a Clairmont.

J.J. abriu a geladeira e apanhou um refrigerante.

— Preciso voltar para casa — Spence falou. — Allie vai ficar sozinha.

— Não, Spence, não pode ir agora. Precisamos conversar, tomar algumas decisões — Pattie implorou, segurando-o pelo braço.

— Bem. acho que vocês não precisam de mim, aqui. Vou para o meu quarto — J.J. virou-se para sair.

— J.J., conversarei com você mais tarde.

Pattie sabia que o enteado estava mais perturbado do que deixava transparecer. Todos eles precisariam de tempo para assimilar a revelação de que Allison Wilson era filha de Pattie e Spence.

— Sim, está bem — J.J. concordou e deixou a cozinha.

— O que deseja fazer, Pattie? Como pretende resolver a situação? — Spence perguntou.

— Precisamos dar mais tempo a Allie. Ela tem de me conhecer melhor, adaptar-se à perda de Valerie e Edward.

— Concordo. Ela precisa de mais um mês ou dois. Sei que Allie gostaria que você fosse sua mãe. Ela me disse que gostaria que nós dois nos casássemos.

Spence viu a cor abandonar as faces de Pattie e soube no mesmo instante que dissera a coisa errada.

— Mas... nós não vamos nos casar, não é, Spence?

— Pattie...

— Responda apenas uma pergunta. Depois, quero que volte para casa e cuide de nossa filha.

Pattie agarrou-se ao encosto da cadeira.

— Que pergunta? — ele inquiriu, sentindo o coração disparar. Sabia o que ela ia lhe perguntar e por mais que a magoasse devia-lhe nada

menos que a verdade.

— Se não houvesse descoberto que Allie é nossa filha, teria voltado a Marshallton... por mim?

Esforçando-se para conter a dor que se espalhava por todo o seu ser, Spence fitou-a nos olhos e respondeu:

— Não. Eu jamais teria voltado para Marshallton. Eu... eu jamais voltaria para você.

Devagar, Pattie puxou a cadeira e sentou-se, respirando fundo.

— Por favor, entenda. Pattie. Não e porque não gosto de você, ou porque você não seja importante para mim...

— Quero que saia agora, Spence.

— Pattie?

Ao vê-la fitar o espaço vazio. Spence soube que devia partir. Se chegara a pensar, por um minuto sequer, que havia uma chance de ser bem sucedido num relacionamento, a reação de Pattie provara que havia se enganado. Spencer Rand era agora o que sempre fora: uma decepção para todos aqueles que o amavam. Invariavelmente, magoava as pessoas de quem mais gostava. De algum modo, teria de encontrar forças para entregar sua filha à mãe e, então, partir antes de feri-las mais do que já fizera.

CAPÍTULO VII

Spence estacionou o Porsche diante da mansão Clairmont. Apoiou a cabeça no volante e fez uma prece, pedindo coragem para entrar em encarar a filha. Devia ter ido direto para casa mas, depois de deixar Pattie tão arrasada, precisara de tempo para se recompor. Imaginou que Allie devia estar se perguntando por onde andava o tio. Certamente, não poderia dizer-lhe que passara a noite fazendo amor com sua mãe, que acabara de jogar fora a segunda chance de uma vida com a única mulher que amara.

Já fora bastante difícil esconder a verdade de Allie durante os últimos meses. Agora, que Pattie sabia, Spence não sabia ao certo como poderia encarar a filha. Teria de fingir mais um pouco, o bastante para que Pattie e Allie firmassem sua relação, para que pudessem viver realmente como mãe e filha.

Embora houvesse evitado, a princípio, acabara acostumando-se a cuidar de Allie, bem como permitira que ela se apegasse a ele mais do que deveria. Quando chegasse o momento, não seria fácil afastar-se da filha. Porém, amava Allie demais para fazer promessas que, mais cedo ou mais tarde, acabaria quebrando. Não era homem de compromissos a

longo prazo. Suas atitudes passadas provavam isso. Acabaria magoando Pattie e Allie muito menos se partisse dentro de pouco tempo, do que se prometesse ficar para sempre e as desapontasse.

Spence abriu a porta, saiu do carro e inspirou o ar fresco. Nuvens cinzentas pairavam no horizonte, ao sul. O céu azul e a luz do sol, contrastavam com a terra úmida, coberta pelas folhas de outono.

Subiu lentamente os degraus que levavam ao pórtico de colunas brancas. Com movimentos hesitantes, abriu a porta e entrou no vestíbulo, de onde ouviu vozes alteradas.

— Não acredito! — Allie gritou. — Você inventou essa história horrível por alguma razão.

— E verdade — J.J. Cárter replicou. — Eu disse a eles que você tinha o direito de saber, mas eles não vão contar. Então, decidi contar eu mesmo.

— Mamãe e papai jamais mentiriam para mim. Eles... eles me ensinaram que é errado mentir.

A cada palavra, a voz de Allie tomava-se mais aguda.

— Acontece que eles mentiram, assim como Spencer Rand. Ele mentiu para você e para Pattie. A única razão pela qual ele trouxe você para Marshallton, foi para poder largá-la com Pattie e voltar para a sua vida de solteirão, na Califórnia.

Spence ficou petrificado no vestíbulo, ouvindo, sem acreditar na conversa que se desenrolava na sala. Como J.J. podia ter procurado Allie e contado tudo a ela, obviamente distorcendo o que ouvira na cozinha de Pattie?

O que diria a Allie? Como poderia explicar-lhe? Se, ao menos, tivessem mais alguns meses... ou mesmo, semanas, dias. Mas o tempo se esgotara. J.J. encarregara-se disso. Só agora Spence dava-se conta da profundidade dos ciúmes do garoto. Ele provavelmente acreditava que estava se vingando de Allie por tomar tanto do tempo e da atenção que Pattie costumava dedicar a ele. Será que ele não percebia que, ao magoar Allie, estaria magoando a mãe dela, também?

Reunindo toda a coragem que lhe restava, entrou na sala. J.J. estava de costas, mas Allie o viu no momento em que entrou.

— Tio Spence! — ela gritou e correu para Spence. — J.J. me contou as mentiras mais horríveis!

J.J. virou-se, exibindo no rosto um misto de satisfação vingativa e medo infantil.

— Vamos lá, diga a ela que não estou mentindo. Conte que ela é

sua filha. Sua e de Pattie. Que você engravidou Pattie e, então, foi embora. Conte como o seu pai milionário trocou Allie pelo bebê morto de sua irmã.

Cobrindo os ouvidos com as mãos, Allie começou a gritar.

Spence puxou-a para si e ela deixou-se abraçar. O que faria agora? Não podia mentir para ela, mas... Precisava de Pattie. Ela devia estar presente, quando contassem a verdade a Allie.

Sentiu o corpinho da filha tremer. Não queria fazer aquilo. Ao menos, não sozinho.

— Allie, querida, escute.

Ela ergueu os olhos cheios de lágrimas para fitá-lo.

— J.J. me odeia, não é? E... é por isso que... que ele inventou uma mentira tão horrorosa. Ele... ele quer me magoar porque... porque Pattie me ama.

Spence alisou-lhe os cabelos e afastou-os das faces molhadas da filha. Então, segurou seu rosto entre as mãos e fitou-a nos olhos, reconhecendo neles o pedido mudo e desesperado para que ele negasse a verdade.

— Pattie ama você, querida. Ela te ama mais que qualquer outra coisa no mando.

— Mais... mais que J.J.... e é por isso que ele me odeia? Allie tentou conter os soluços.

— Pattie também ama J.J. e ele é muito especial para ela, mas...

— Mas não sou filho dela de verdade — J.J. completou. — E você é.

— Por que ele está mentindo? — Allie perguntou, as lágrimas correndo por suas faces.

— Ele não está mentindo, Allie — Spence respondeu. — Pattie é sua mãe, sua verdadeira mãe.

Allie fitou-o por alguns momentos, então sacudiu a cabeça.

— Mas mamãe... mamãe e papai...

— Valerie e Edward amavam você como se fosse mesmo sua filha, mas J.J. disse a verdade. O bebê de Valerie nasceu morto e seu avô, meu pai, trocou-o pela menininha forte e saudável, a quem Pattie dera à luz no mesmo dia.

— Como... como é possível? Como sabe que foi isso o que aconteceu?

Allie afastou-se de Spence, os olhos turvados pelas lágrimas.

— Valerie e Edward fizeram-me seu guardião...

— O que não significa nada! — Allie gritou. — Você é irmão de

mamãe.

— Valerie deixou uma carta para mim. Você poderá ler, se quiser. Allison. Ela explicou o que seu avô fez. — Spence mal podia suportar o olhar de Allie. A dor que ela sentia era tão palpável, que ele a sentia também. Jamais em sua vida fora tomado de um sofrimento tão profundo. — Pattie pensou que seu bebê havia morrido. Ela não sabia. Ela te ama e quer ser uma mãe para você.

O lábio de J.J. tremeu e seus olhos brilharam, ameaçados pelas lágrimas.

— Sim, Pattie quer você, mas ele não — falou, apontando para Spence. — Ele nunca quis ficar com Pattie, nem com você. Ele a abandonou quando ela ficou grávida e deixou-a aqui, sozinha. Se tivesse ficado, nada disso teria acontecido.

— J.J., acho que deveria ir embora — Spence sugeriu. Sabia que o garoto estava sofrendo, que cada palavra veemente que proferia, era resultado do ciúme profundo. Porém, no momento, Spencer não podia lidar com os problemas de J.J. Nem sequer sabia o que fazer para evitar que sua filha explodisse em um milhão de pedacinhos.

— Sim, claro — J.J. concordou com um olhar de desdém para Spence. Então, virou-se para Allie, e seus olhos tomaram-se mais suaves. — Se for esperta, não acreditará em uma palavra do que ele disser.

Spence não se virou para observar a partida de J.J. Estava muito mais preocupado com a expressão no rosto de sua filha.

— Allie, J.J. deturpou alguns detalhes.

— Pattie estava grávida, quando você foi embora?

— Sim, estava, mas eu não...

— Você... Você me trouxe para Marshallton, pretendendo me entregar para Pattie?

— Sim. Eu queria que você ficasse com Pattie. E sua mãe e eu sabia que ela iria querer ficar com você.

Apesar do fato de que estava respondendo às perguntas com honestidade, nada do que dizia soava como pretendia.

— Planeja voltar para a Califórnia?

Allie estava imóvel, rígida, o rosto molhado de lágrimas muito pálido.

— Sim.

A cada pergunta dela e a cada resposta sua, ele cavava sua sepultura um pouco mais. Não via saída, senão mentir. E não voltaria a mentir para sua filha.

— Então. J.J. não mentiu, não é?

A voz de Allie soou calma, mas Spence sabia que o tom era enganoso. Podia ver a dor em seus olhos, o quase pânico em sua expressão.

— Eu não sabia que Pattie estava grávida, quando deixei Marshallton, se soubesse, teria ficado e me casado com ela.

— Não faz diferença — disse Allie. — Nada mais importa. Spence tentou aproximar-se, mas Allie afastou-se.

— Allie querida, deixe-me explicar. Tudo vai ficar bem.

— Não, não vai! Nada mais ficará bem! Detesto vocês, todos vocês! Mamãe, papai, você e Pattie! E J.J. Cárter, também!

Allie saiu correndo pela escada.

— Allie — Spence chamou, correndo atrás dela. — Allie, por favor, espere!

Quase alcançou-a no topo da escada, mas ela conseguiu escapar, entrar em seu quarto e trancar a porta. Spence ergueu o punho para bater na porta, então deixou a mão cair.

— Allie deixe-me entrar. Por favor. Precisamos conversar.

— Vá embora! Não quero conversar. E... não quero vê-lo nunca mais!

Spence pousou a testa na porta. O que faria agora? Estivera brincando de ser pai e chegara a pensar que poderia assumir de vez o papel. Era óbvio que havia se enganado. Era um fracasso como pai. Ora, fora um fracasso com irmão, filho e neto. Não podia lembrar-se de qualquer situação em sua vida, na qual não houvesse desapontado a todos que se importavam com ele. Por mais que tentasse, sempre fracassava. Bastava olhar para o que fizera com Pattie... e ele a amava. Agora, quando estivera tão certo de que agia da melhor maneira, levando Allie para junto da mãe, suas atitudes, presentes e passadas, estavam destruindo as duas pessoas que mais amava na vida.

— Allie, mesmo que não acredite em mais nada, acredite nisso: eu te amo. Eu... não pensei que fosse capaz. Nem tinha certeza se sabia como, mas acabei me apegando a você. Eu te amo. Assim como Pattie.

A filha não respondeu. Ele ouviu seus soluços abafados dentro do quarto. Após minutos intermináveis, virou-se e caminhou até seu quarto. Lá, apanhou o telefone e discou.

— Pattie, sou eu. Spence. Venha para Clairmont o mais depressa possível. Allie já sabe de tudo. J.J. incumbiu-se de contar a ela que você e eu somos seus verdadeiros pais.

Pattie Cornell entrou na mansão Clairmont, pela primeira vez, desde que sua mãe fora empregada ali. A velha mansão parecia tão fria e hostil, quanto parecera há tanto tempo, quando ela era uma garota de catorze anos. Era como se sentisse a presença do senador, a voz autoritária da sra. Rand, o esnobismo de Valerie. Pattie tratou de afastar os fantasmas do passado. Não deixaria que suas inseguranças a impedissem de ajudar Allie.

J.J. seguiu Pattie, encarando Spence com olhar de dúvida.

— Eu... eu voltei para conversar com Allie... para dizer a ela que eu sinto muito. Pattie explicou tudo... que não foi culpa sua, que você não sabia que ela estava grávida, quando foi embora.

— Ela se trancou no quarto — Spence falou, apontando para a escada. — Diz que odeia todos nós.

— Provavelmente, odeia mesmo — Pattie declarou, passando por Spence e dirigindo-se à escada.

— Pattie, espere — Spence seguiu-a, deixando J.J. sozinho no vestíbulo.

Com o pé no primeiro degrau. Pattie virou-se, os olhos desprovidos de qualquer emoção.

— Talvez, ela me deixe entrar.

— Não creio que Allie esteja pronta para conversar com nenhum de nós dois. — Spence queria desesperadamente tomar Pattie nos braços, oferecer-lhe conforto e pedir-lhe, também. — Acho que J.J. devia subir e conversar com ela. E possível que ela o escute.

— Não disse que ela odeia todos nós? Por acaso, isso não inclui J.J.?

— Allie estava apenas desabafando. Não odeia ninguém — Spence afirmou. — Além disso, foi J.J. quem lhe contou a versão distorcida. Assim, é possível que se ele voltar para corrigir os erros, ela acredite nele. Tenho certeza de que não vai acreditar em mim, nem em você.

— J.J.? — Patlie chamou o enteado. Ele atendeu depressa, aparentemente ansioso para desfazer a confusão que arranjara.

— Suba e veja se Allie concorda em conversar com você.

— Prometo que vou convencê-la a me ouvir — J.J. garantiu.— Eu não pretendia criar tamanha confusão, Pattie. Eu juro que não queria. Sou um grande idiota. Não queria magoar você. Sabe que estou falando a verdade.

Pattie passou os braços em tomo de J.J. e deu-lhe um abraço maternal.

— Sei que não queria me magoar, querido. Vou ficar bem. Mas Allie está sofrendo muito, agora. Teremos de colocá-la em primeiro lugar. Está me entendendo?

— Sim, como você me explicou no caminho para cá: não importa quanto você ama Allie, isso não muda o que sente por mim. Sou seu filho, também e... sempre serei.

— Tente convencer Allie de que Spence não é o monstro que você pintou e... faça com que acredite que você e eu queremos que ela faça parte da nossa família.

Pattie deu outro abraço em J.J. e, então, encorajou-o a subir.

— Vou preparar um café — Spence falou. — Você pode esperar na sala, se quiser.

— Não, obrigada. Prefiro ir para a cozinha com você. — Pattie endireitou as costas e fitou Spence com olhar frio. — Nunca me senti à vontade em qualquer outro aposento desta casa, exceto na cozinha.

— Minha família inteira foi muito hostil com você, não foi?

Spence sabia muito bem como os Rand se sentiam a respeito de seu namoro com a filha da empregada. Consideravam-no bom demais para um tipo com Pattie Cornell. Pois haviam se enganado, todos eles. A verdade era que Pattie sempre fora boa demais para ele. Ela merecia algo melhor do que um sujeito que jamais conseguira resolver seus conflitos emocionais, um perdedor que não tinha coragem de assumir compromissos verdadeiros. Ela ainda merecia mais.

— Peyton sempre me tratou muito bem — Pattie falou.

Ele... ele foi me visitar quando fiquei grávida. No Natal antes que meu... nosso bebê morreu, ele veio para casa, durante as férias da faculdade de Direito e soube que eu estava grávida.

— Peyt foi visitá-la?

— Perguntou-me se o filho era seu.

— O que disse a ele?

— Disse que era. — O lábio inferior de Pattie tremeu.

— E o que ele disse?

— Pediu-me em casamento.

— Ele o quê? — Spence inquiriu, quase aos berros.

— Conhece seu irmão: o Rochedo de Gibraltar, um cavalheiro sulista em todos os sentidos. Achou que estava tomando a atitude mais honrada.

Pattie jamais esqueceria aquele dia, enquanto vivesse. Peyton Rand, de pé, na sala minúscula de sua mãe recém-falecida, parecendo

tão alto e atraente, como um jovem príncipe, ou um cavaleiro galante. Ela sempre teria um cantinho de seu coração reservado ao irmão de Spence.

— E óbvio que você não aceitou o pedido.

— Não, não aceitei. E depois que recusei a proposta, ele... ele me disse que, quando o bebê nascesse, ele cuidaria para que recebêssemos ajuda... financeira.

— Não conheço Peyton como imaginei que conhecia. Sempre pensei que ele fosse igual ao velho. Vejo que me enganei.

— Ele me visitou várias vezes, depois que enterrei meu... o bebê. Foi ele quem pagou pelo funeral e pelo túmulo.

— Meu irmão é um cara e tanto. Errei redondamente em meu julgamento a seu respeito.

Spence fitou-a, desejando poder apagar os últimos catorze anos, desejando poder voltar ao dia em que deixara Marshallton, desejando ser metade do homem que era seu irmão.

— Pattie! Spence! — J.J. gritou do topo da escada. — Venham depressa. Allie se foi. Não está no quarto, nem em qualquer lugar aqui, em cima.

Spence e Pattie correram para cima e encontraram J.J. na porta aberta do quarto de Allie.

— Com assim, se foi? — Spence perguntou, entrando no quarto.

— Quando subi, bati na porta e, como ela não respondeu, tentei abri-la. Não estava trancada. Procurei no quarto e não a encontrei. — J.J. seguiu Spence e Pattie para dentro do quarto.

— Ela tem de estar em algum lugar, aqui. Não a vi descer a escada. — Spence abriu a porta do banheiro. — J.J. procure-a lá embaixo, enquanto Pattie e eu damos mais uma olhada aqui, em cima.

Cinco minutos depois, os três reuniram-se no vestíbulo. Pattie agarrava-se a Spence, que passara um braço em tomo de seus ombros.

— Ela fugiu — Pattie concluiu.

— Não pode estar longe. — Spence lançou-lhe um olhar carinhoso. — Está a pé.

— Ah. Spence, onde está ela? — Pattie mordeu o lábio, tentando conter as lágrimas.

— J.J., pegue meu carro e veja se pode encontrá-la — Spence ordenou, atirando as chaves para o garoto. — Deve estar a menos de dois quilômetros daqui.

— Por que não vamos nós? — Pattie inquiriu.

— Nós vamos, meu anjo. Iremos no seu carro, na direção oposta, se não conseguirmos encontrá-la, telefonarei para Peyton. Ele tem bastante influência para acionar a polícia, mesmo que não se possa registrar o desaparecimento de alguém, antes de vinte e quatro horas.

— Vinte e quatro horas? Spence, temos de encontrá-la. Nossa garotinha está sozinha, está magoada e muito confusa. Pensa que nós não a queremos.

— Vamos encontrá-la, meu anjo. Então, provaremos a ela o quanto a amamos.

Seis horas depois, Spence, Pattie e J.J. entraram no Grand Am de Pattie, a caminho de Corinth, no Mississipi.

— Ela está bem — Spencer falou, segurando a mão de Pattie, num gesto de conforto. — Este dia de pesadelo terminou.

— Terminou, Spence? — Pattie fitou-o pelo canto do olho vermelho e inchado. — Nossa filha fugiu de nós. Como vamos ajudá-la a superar tudo isso? Todas as mentiras?

Spence concentrou a atenção na estrada. Não se permitira pensar sobre o que enfrentariam, quando chegassem à casa de Valerie e Edward. Sentira-se aliviado e grato pela polícia haver descoberto o paradeiro de Allie em poucas horas. Fora preciso toda a influência e poder de persuasão de Peyton para que as autoridades locais concordassem na busca. O velho Peyt conseguira de novo. Nada como ter um irmão influente.

— Acho que Allie quer que a encontremos. — J.J. empertigou-se no banco traseiro, aproximando-se do casal. — Está claro que ela foi direto de Clairmont para a nossa casa, já que encontramos pegadas de lama na cozinha e Ebony sumiu. Provavelmente, Allie queria conversar conosco. Comigo, ou com Pattie.

— Mas nós não estávamos lá.

Pattie fechou os olhos, tentando afastar a agonia. Se estivesse em casa, em vez de ter ido a Clairmont, talvez Allie ainda estivesse em Marshallton. Teria sido capaz de persuadir a filha e de ajudá-la a compreender a situação?

— Como poderíamos imaginar que Allie ia fugir? — Spence agarrou o volante, sem tirar os olhos da estrada. — Por que ela simplesmente não ficou na sua casa e esperou por você?

— Não temos como adivinhar o que ela estava pensando. — Pattie abriu os olhos e manteve-os fixos no pára-brisa, sem ver o que estava à sua frente. — Allie é uma garota de treze anos, cujo mundo foi virado de

ponta-cabeça, duas vezes, em poucos meses. Primeiro, perdeu Valerie e Edward. Agora, descobre que eles nem mesmo eram seus pais verdadeiros.

— Foi minha culpa — J.J. admitiu, recostando-se no banco e cruzando os braços sobre o peito. — Se eu não tivesse agido como um idiota, dando com a língua nos dentes, como fiz. Allie não saberia de nada. Estaria em Clairmont, sã e salva.

— O que está feito, está feito. — Pattie não podia culpar J.J. Ele não passava muito de uma criança que perdera o pai e a mãe e agarrava-se à única pessoa que o amava. — Você foi irresponsável, mas nada disso é realmente sua culpa, J.J. Há tantos culpados para acusar, que eu nem saberia por quem começar.

— Comece por mim — Spence sugeriu.

Pattie virou-se para Spence, parte dela querendo gritar com ele, acusá-lo, dizer que era sua culpa, sim. Se ele não a houvesse abandonado, grávida, catorze anos antes, nada daquilo estaria acontecendo. Entretanto, bastou um olhar para o semblante cansado, os olhos vermelhos e vazios, para Pattie reconhecer que ele estava sofrendo tanto quanto ela. Talvez Spence não a amasse, mas uma coisa era certa: amava a filha.

— Temos coisas muito mais importantes para nos preocuparmos, do que apontar culpados — disse Pattie. — Logo vai escurecer e Allie está sozinha e, provavelmente, apavorada.

— Ela não está sozinha — J.J. lembrou-a. — Ebony está com ela. Essa é uma das razões pelas quais eu acho que ela quer ser encontrada. Allie jamais levaria Ebony, se não planejasse voltar a Marshallton.

— Você pode estar certo — Pattie concordou. — Graças a Deus, Peyton conseguiu envolver a polícia de imediato. Imagino o que não teve de fazer para convencê-los a agir tão depressa.

— Bem, Peyt pode não ser tão parecido com o senador, quanto imaginei. Mas certamente herdou o toque mágico do velho. Meu irmão sabe como jogar o jogo do poder e da autoridade.

Spence não dava a mínima para o que o irmão tivera de fazer. Só importava o fato da polícia ter localizado o motorista de táxi que levara Allie e Ebony para Corinth.

— Poderíamos ter levado dias para descobrir que ela pegou um táxi.

Pattie não podia nem pensar no quanto Allie devia estar desesperada para fugir e retornar a Corinth, à casa de Valerie... o único

lar verdadeiro que conhecera.

— Onde acha que ela conseguiu o dinheiro para pagar o táxi?— J.J. perguntou. — Deve ter custado uma fortuna.

— Allie tem sua própria conta bancária — Spence esclareceu.— Deve ter descontado um cheque.

— Se é assim, devemos dar graças a Deus por ela não ter comprado uma passagem de avião e saído do país.

— Diabos, J.J., quer fazer o favor de calar a boca? — Spence rosnou.

— Ei, o que foi que eu disse?

— Escute, querido — Pattie intercedeu —, estamos todos com os nervos à flor da pele. Portanto, talvez seria bom ficarmos um pouco quietos.

— Sim, está bem. — J.J. virou-se para a janela, fingindo interesse pela paisagem. — Desculpem se eu falei alguma coisa errada e... bem, desculpem por eu ter contado a Allie que vocês são seus pais verdadeiros. O que eu disse sobre Spence e tudo mais... fui um imbecil.

— Esqueça isso — Spence falou. — Como Pattie já disse, nada disso foi culpa sua.

Pelos próximos trinta minutos, nenhum dos três falou. Cada um retirou-se para seus próprios pensamentos, sua próprias culpas, cada um com suas preocupações por Allie.

A escuridão chegou depressa, uma vez que o sol se pôs. Spence estacionou o Grand Am diante da casa de Valerie e Edward. Bastou um olhar para as janelas, para concluir que a casa encontrava-se às escuras. Se Allie ainda estava ali, devia estar apavorada. Perguntou-se se ela saberia onde encontrar uma lanterna, ou uma vela. Não o agradava a idéia de sua garotinha estar sozinha, no escuro.

Pattie saiu do carro e a placa de "Vende-se" chamou-lhe a atenção. J.J. também saiu e espreguiçou. Pattie virou-se para Spence, que apanhava algo no porta-luvas. Quando viu a lanterna em sua mão, ela assentiu. Com a eletricidade desligada, a casa estaria completamente escura.

Ah, Deus, permita que Allie esteja bem, Pattie rezou em silêncio. Sabia que o simples fato de sua filhinha estar viva já era um milagre. Deveria atrever-se a pedir outro? Se, ao menos, Deus lhe desse a chance de ser uma verdadeira mãe para Allie, de compensá-la por todos os anos que haviam passado separadas por um homem que não sabia nada sobre amor, apenas sobre poder e dominação...

Pattie caminhou alguns passos na direção da entrada, então parou.

— E se ela não quiser nos ver? E se tentar fugir de nós? Spence abraçou-a.

— Temos de entrar e verificar se ela está aqui, se está bem.

— Ela não está bem, Spence, e você sabe disso. — Pattie enterrou o rosto no peito de Spence. — Não sei se vou agüentar, se ela realmente me odeia.

— Ela não odeia você — Spence garantiu, acariciando-lhe os cabelos. — Ela te ama, meu anjo.

— Ela me amava, antes de descobrir que sou sua mãe.

— Escutem, tenho uma idéia. — J.J. aproximou-se dos dois. — Deixem-me conversar com Allie. Se ela tentar fugir, posso alcançá-la.

Pattie sorriu ao imaginar a cena de J.J. perseguindo Allie, atirando no chão e imobilizando-a até ela e Spence os alcançarem.

— Vamos entrar e descobrir se ela ainda está aqui. Então, se Allie não quiser conversar comigo ou com Spence, você tenta falar com ela. Está bem?

— Sim.

A porta da frente estava destrancada. Spence abriu-a e entrou para a escuridão. Acendeu a lanterna, iluminando a escada.

— Deve haver velas por aqui. Valerie as espalhava pela casa inteira. — Enfiou a mão no bolso e retirou uma caixa de fósforos que apanhara no Pale Rider. — Pegue, J.J.

J.J. apanhou a caixa no ar.

— O que devo fazer com isto?

— Se encontrar alguma vela, acenda-a. Pegando Pattie pela mão, guiou-a até a escada.

Os latidos de Ebony ecoaram na casa vazia. O ruído foi seguido por uma voz sussurrada, que lhe ordenou que ficasse quieta.

— Ela está aqui — Pattie murmurou, apertando a mão de Spence. — Está lá em cima.

— Allie! — Spence chamou. — Você está bem?

Ele e Pattie subiram o primeiro lance de degraus e pararam ao ouvir o choro da filha.

— Não se atrevam a subir! Não quero vocês aqui. Esta é a minha casa! Minha, de mamãe e papai.

— Ah, meu Deus! — Pattie agarrou-se a Spence.

— Por favor, Allie, querida. Pattie e eu queremos conversar com você, explicar tudo. — Subiu mais um degrau, acompanhado por Pattie.

— Nós te amamos, Allie.

— Não amo vocês. Nenhum dos dois. E não me chame de Allie. Meu nome é Allison.

— Ei. Allison — J.J. chamou, passando por Spence e Pattie. — Sei que, provavelmente, você me odeia. Mas gostaria de conversar com você, assim mesmo.

— O que está fazendo aqui? — Allie inquiriu. Ebony choramingou.

— Eu fiquei tão preocupado com você, quanto Spence e Pattie. Eu... eu gosto de você.

— Não, não gosta — Allie replicou.

— Posso subir e conversar com você? — J.J. insistiu.

— Eu... não sei.

— Por favor.

— Prometa que eles não vão tentar entrar no meu quarto. Não quero vê-los, nem falar com eles.

— Prometo. Serei o único a subir e entrar no seu quarto e conversar com você.

— Está bem.

Virando-se para Spence, J.J. perguntou:

— Qual é o quarto dela?

— O primeiro à direita.

Segurando-se em Spence, Pattie observou J.J. subir a escada, mais sentindo do que vendo seu caminho. Spence não se atreveu a usar a lanterna para iluminar os degraus. Uma porta se abriu e a luz bruxuleante de uma vela iluminou o corredor. Ebony correu para fora, descendo a escada, na direção de Pattie. O brilho da vela desapareceu e o corredor voltou a ficar escuro.

Pattie afastou-se de Spence, pegou Ebony no colo e começou a subir a escada. Seguindo-a, Spence perguntou:

— O que está fazendo?

— Vou subir.

— J.J. prometeu que não subiríamos.

— Não. Ele prometeu que não entraríamos no quarto dela. Pattie subiu e colocou Ebony no chão. A cocker spaniel deitou-se diante da porta do quarto de Allie.

Depois de hesitar por um segundo. Spence perguntou-se o que Pattie pretendia fazer. Então, decidiu segui-la.

E viu o que Pattie via. A porta estava entreaberta. Encolhida, Allie estava na beirada da cama. J.J. encontrava-se ajoelhado diante dela,

segurando-lhe as mãos. Uma única vela iluminava o aposento.

— Sei como é perder o pai e a mãe — J.J. dizia. — Minha mãe morreu quando eu era pequeno e meu pai era tudo o que eu tinha. Quando ele morreu... não sei o que eu teria feito sem Pattie.

— Fiquei completamente sozinha — Allie falou. — Mamãe e papai estavam sempre comigo, dizendo o que fazer, como me vestir, o que pensar e... então, veio o tio Peyton e, depois, tio Spencer. Eu confiei nele. Eu o amava. Mas ele mentiu para mim o tempo todo.

— Ei garota, ele pensou que estava fazendo o melhor para você.

— Por que meu avô me tiraria da minha verdadeira mãe e me entregaria à... à minha tia?

Pattie não sabia quanto tempo mais poderia suportar. Queria correr, andar, ou até rastejar, se preciso fosse, para chegar à sua filha. Queria tomar Allie nos braços e nunca mais deixá-la afastar-se. Queria abraçar sua garotinha.

— Não conheci o pai de Spence — disse J.J. —, mas parece que queria mandar na vida de todo mundo e achava que estava sempre certo.

— Mas, o que ele fez, foi uma coisa terrível.

— É verdade, mas pense de outra maneira: você teve um casal de pais que te amavam e cuidaram de você durante treze anos. Quando morreram, você teve a sorte de encontrar outro casal, que são seus verdadeiros pais.

Pattie e Spence foram se aproximando mais e mais da porta entreaberta.

As lágrimas rolavam pelas faces de Allie. J.J. soltou-lhe as mãos e secou-as com os dedos.

— Não chore, Allison. Tudo vai acabar bem. Você tem Pattie para ser sua mãe. Sabe quanta sorte isso significa?

Os soluços de Allison tornaram-se mais profundos.

— Eu quero... a minha mãe.

— Ah, meu Deus! — Pattie agarrou-se ao batente da porta.

— Vá até lá — Spence falou.

— Não é a mim que ela quer, é Valerie.

— Tem certeza? Vá até lá — ele insistiu. — Vá e descubra. Pattie não conseguia fazer as pernas moverem-se. Rígida como uma pedra, permaneceu ao lado de Spence. Não podia aproximar-se de Allie. Tinha medo. Sua filhinha chamara pela mãe, mas... seria ela a mãe que Allie queria? Spence abraçou-a e puxou-a para si.

— Está tudo bem, meu anjo.

— Não posso ir até lá, Spence. Se não for a mim que está chamando, não suportarei a dor.

— Precisa ir. Por Allie.

Segurando-lhe o queixo, ele a forçou a fitá-lo. Os olhos castanhos exibiam tanta dor e receio, provocando-lhe o desejo de protegê-la. Afinal, era em boa parte responsável pelo que via naqueles olhos.

Pattie finalmente assentiu em concordância e afastou-se do porto seguro que eram os braços de Spence. Ele se abaixou e pôs-se a afagar Ebony, tentando persuadi-la a permanecer deitada e quieta. Pattie entrou no quarto. Com passos tímidos e incertos, aproximou-se da cama. J.J. virou-se e, quando viu Pattie, pôs-se de pé. Erguendo o rosto coberto pelas lágrimas. Allie fitou Pattie diretamente nos olhos.

J.J. afastou-se devagar, até deixar o quarto.

Pattie deu um passo adiante. Allie continuou sentada, imóvel.

— Allie... Allison? —- Pattie deu mais um passo e parou.

— Qual era o nome dela? — Allie perguntou, ainda com os olhos fixos em Pattie.

— De quem?

Pattie queria correr para a filha, tomá-la nos braços, dizer-lhe que a amava e que nada, nem ninguém, jamais as separariam de novo.

— Do outro bebê. Aquele que você pensou que era seu — Allie falou, reprimindo um soluço.

Por um longo momento, Pattie não pôde respirar. Era como se o ar em seus pulmões não pudesse sair.

— Eu lhe dei o nome de Patrícia. Minha mãe gostava tanto desse nome, que me chamou Pattie e à minha irmã, Trisha.

— Então... meu verdadeiro nome é Patrícia, não é?

Allie tentou, mas não conseguiu impedir a nova torrente de lágrimas.

Embora quisesse responder, Pattie não foi capaz de forçar as palavras através do nó que se formara em sua garganta. E, também, como poderia responder a uma pergunta como aquela?

— Mamãe... Valerie me chamou de Allison Caldonia Wilson, mas essa não sou eu. Sou Patrícia Rand... Não, sou... sou... — a voz de Allie falhou:

Pattie deu o último passo que a separava da filha. Ah, como desejava tomar Allie nos braços! Mas não tinha coragem. Sem tocá-la, sentou-se na beirada da cama, a seu lado. Allie não se moveu.

— Meu verdadeiro nome é Patrícia Cornell, não é? Foi esse o nome

que deu ao bebê.

Pattie lançou um olhar para o corredor, o onde J.J. e Spence continuavam parados, assistindo à cena que se desenrolava no quarto. A expressão no rosto de Spence era do mais puro sofrimento. Abriu a boca, como se fosse falar, mas calou-se.

— O bebê que você enterrou tem esse nome na lápide, não tem? Então, como posso ser Patrícia Cornell? — Allie virou-se para Pattie, fitando-a nos olhos. — Não sou ninguém, não é mesmo? Não sou Allison Wilson e não sou Patrícia Cornell. Quem sou eu? Não sou ninguém... Eu não existo! — Segurando os braços de Pattie, Allie sacudiu-a. — Quem sou eu? Por favor, diga quem sou eu?

Pattie envolveu Allie em seus braços. A menina não resistiu. Agarrou-se a Pattie, soluçando contar seu peito. Acariciando-lhe os cabelos, Pattie deu vazão às lágrimas.

— Você é a minha filhinha — disse Pattie. — É a filhinha da mamãe.

— Mamãe... mamãe...

Mãe e filha agarraram-se uma à outra, enquanto choravam por todos os anos de separação.

Pattie sabia que nada mudaria o passado, assim como ninguém poderia devolver-lhes o que haviam perdido. Quase catorze anos. A primeira risada de Allie, o primeiro dentinho, o primeiro passo, a primeira palavra.

Spencer Rand entrou no quarto, com J.J. a seu lado. Parou a uma boa distância das duas pessoas que mais amava no mundo. A dor partia-lhe o coração. Ali estavam a mulher que amava e sua filha, e ele não podia partilhar o momento com elas. A reunião. Não merecia fazer parte da vida delas. Elas não precisavam dele agora. Provavelmente, nem o queriam.

Mantendo Allie sob um de seus braços, Pattie usou a outra mão para retirar a corrente de ouro para fora da blusa.

Allie ergueu os olhos para fitar Pattie. Então, fixou-os nos dois anéis.

Pattie largou a filha, apenas o bastante para abrir o fecho da corrente em seu pescoço. Secou as lágrimas da filha e sorriu para ela. Então, colocou a corrente no pescoço de Allie.

— Guardei estes anéis durante todos esses anos. Nunca entendi realmente por que precisava guardá-los. Faziam parte do meu passado. Agora eu sei por que os mantive comigo. Guardei-os para você, querida.

Pattie travou o fecho e deixou a corrente pender entre os seios de Allie. Segurando os dois anéis nas pontas dos dedos, mostrou-os à filha.

— Este é o anel de noivado que Spence me deu, no dia em que me pediu para casar com ele. E este é o seu anel de bebê. Uma amiga querida me deu, antes de você nascer.

Allie observou os dois anéis por um momento. Com gestos tímidos e hesitantes, tomou-os entre os dedos.

— Seu anel de noivado e o meu... meu anel de bebê?

— Não importa se seu nome é Allison Wilson, ou Patrícia Cornell. Você é alguém muito especial. É minha filha e de Spence. Foi concebida com muito amor, carregada em meu ventre com amor e nascida de uma mãe que amava você mais que a própria vida.

Allie começou a chorar de novo. Pattie também sentiu as lágrimas em seus olhos, mas tratou de contê-las, antes de continuar:

— Você se parece com seu pai, tem os mesmos olhos, os mesmos cabelos. E se parece comigo também. E miúda, mas de formas arredondadas. Seu modo de falar e seus trejeitos são iguais aos meus. E aperta os lábios como Spence, quando não consegue o que quer.

— Ah, mamãe, eu queria... queria que você tivesse sido sempre minha mãe. Sempre. Desde o dia em que eu nasci.

— Eu também, querida. Eu também.

Spence sentiu o coração apertar ainda mais. Seu corpo parecia pesado de culpa e remorso. Se, catorze anos antes, ele houvesse agido como homem, em vez de um moleque irresponsável, Pattie e Allie jamais teriam sido separadas uma da outra. O que ele havia feito de suas vidas? Tudo o que Spence tocava, ele destruía. Todas as pessoas a quem amava, ele decepcionava e magoava.

Abraçando e acariciando a filha, Pattie espiou por sobre o ombro de Allie. J.J. sorriu para ela. Spence, por sua vez, tinha a expressão dura e sofrida. Não fazia parte daquele momento e sabia disso. Pattie sofreu por ele. Gostaria de chamá-lo, de trazê-lo para o círculo de seus braços, de partilhar a filha com ele.

Os olhos de Spence encheram-se de lágrimas. Ele engoliu seco. Então, virou-se e saiu do quarto. Pattie ainda chamou seu nome, mas ele não a ouviu.

CAPÍTULO VIII

Spencer Rand saiu do chuveiro, enxugou o corpo e largou a toalha no chão. Apanhou a cueca e vestiu-a devagar.

Tinha a cabeça dolorida e o estômago enjoado. Resultado de pouca comida e muito álcool. Nos últimos cinco dias, havia se trancado em Clairmont, alimentando-se de cereais e sanduíches e boa parte do

uísque de seu pai: a bebida que descia bem pela garganta, ajudando um homem a esquecer seus problemas. E, o que não faltava a Spencer Rand, eram problemas.

Spence, Pattie e J.J. haviam trazido Allie de volta a Marshallton. Nem por uma vez sua filha lhe dirigira um olhar ou uma palavra. Passara a viagem inteira abraçada à mãe que a acompanhara no banco traseiro. Sem sequer olhar para trás, Allie entrara na casa de Pattie, ao mesmo tempo em que saíra da vida de Spence. Ele imaginava que a menina o considerava responsável por tudo, que jamais o perdoaria por ter abandonado Pattie no passado. E não poderia culpá-la. Jamais seria capaz de perdoar a si mesmo. Não cansava de repetir que fora um moleque irresponsável, colocando seus desejos acima de tudo e de todos. Nem por um momento, havia considerado a possibilidade de Pattie haver engravidado, apesar do fato de costumarem fazer sexo sem qualquer proteção.

Fora um jovem tolo. Agora, continuava a ser um tolo, só que mais velho. Não quisera assumir a responsabilidade de educar a própria filha. Ao menos, no início. Voltara à sua maldita cidade natal, convencido de que Allie precisava da mãe, que viveria muito melhor com Pattie. E conseguira exatamente o que queria. Agora, estava tudo terminado.

Mas diabos, as coisas haviam mudado. Ele estava diferente. Jamais em sua vida desejara tanto alguma coisa, como desejava fazer parte da vida de Pattie e Allie. Não pretendera apegar-se tanto a Allie, mas não conseguira evitar o envolvimento. E, definitivamente, não tivera a intenção de apaixonar-se por Pattie novamente. Ela sempre fora uma parte dele, seu amor sempre bem guardado no fundo de seu coração. Porém, depois de vê-la, tocá-la, fazer amor com ela, não fora capaz de manter os sentimentos enterrados no peito.

E Spence conhecia o melhor momento para bater em retirada. Fugir era o que melhor sabia fazer. Afinal, era esse o seu estilo de vida. Passara a maior parte de sua vida adulta viajando pelo mundo, procurando e encontrando aventura e perigo. Agora, escrevia sobre as pessoas, cujas vidas haviam cruzado com a dele. Spencer Rand escapara da realidade, para o mundo de aventuras de homens que admirava. Poucos meses antes, vira-se forçado a enfrentar a realidade de novo, nua e ema. A perspectiva de assumir uma família enchera seu coração de pavor. Era muito mais difícil ser pai, um pai de verdade, do que enfrentar o inimigo num campo de batalha.

Passando a mão pela barba crescida há cinco dias. Spence olhou-

se no espelho. Parecia horrível, o que não era surpresa, pois sentia-se horrível.

Enquanto espalhava o creme de barbear pelo rosto, a campainha tocou.

— Droga!

Enxaguou o rosto, vestiu o robe e saiu do banheiro para o quarto. A campainha tocou de novo, e de novo. Havia alguém definitivamente determinado a vê-lo.

Durante todo o trajeto do quarto até a porta, ele ouviu a campainha tocar. Fosse quem fosse, devia estar com o dedo colado à maldita coisa barulhenta!

Abriu a porta e deparou com Pattie. Ela parecia saudável, feliz e tão linda, que ele quase perdeu o fôlego.

— Entre — convidou.

Sabia o que ela estava fazendo ali. Fora lhe dizer adeus.

— Obrigada — ela agradeceu o convite e entrou para o vestíbulo. — Estava tomando banho? — perguntou, observando-lhe os cabelos molhados.

— Acabei de sair do chuveiro.

— Estou vendo.

— Vamos até a sala. Assim, poderemos sentar e conversar. — Apontou para a sala. num gesto que deixava claro o seu prazer em vê-la. — Eu lhe disse que passaria na sua casa para me despedir, antes de ir embora.

— Eu sei, mas achei que devíamos conversar em particular, sem Allie. Eu... não disse a ela que você está de partida.

Pattie seguiu Spence até a sala e sentou-se no sofá de couro. Spence acomodou-se em uma poltrona à sua frente.

— Não creio que faça diferença para ela, se vou ficar ou partir.

— Não é verdade e você sabe disso. — Pattie empertigou-se e sentou-se na beirada do sofá. — Allie ainda está confusa sobre muitas coisas.

— E eu sou uma dessas coisas?

— Contei tudo a ela, toda a verdade. Allie sabe que você não nos abandonou, que nunca soube da existência dela.

— E, agora, ela me ama como pai — Spence concluiu em tom irônico.

— Não. Ela não o ama como pai, assim como não me ama como mãe. Ainda não, mas vai amar, Spence, se lhe der tempo para isso.

Spence inclinou o corpo para a frente, cruzando as mãos entre os joelhos.

— Não levo jeito para a vida em família. Fiquei solteiro por tempo demais.

— Compreendo.

Pattie recostou-se no sofá, cruzou as pernas e relaxou. Quando Spence lhe telefonara, dizendo que iria embora da cidade naquele dia, ela decidira que devia tentar convencê-lo a ficar. Dissera a si mesma que o melhor seria ele permanecer em Marshallton, pelo bem de Allie. Porém, depois de olhar para ele, vira-se forçada a admitir que não queria que ele partisse. Ainda amava Spence, apesar dele não sentir o mesmo por ela. Concluiu que, independente do que viesse a acontecer, ela sempre o amaria.

— Vai fugir de novo, não vai? Da última vez, não sabia sobre sua filha. Agora, sabe. Ela pode perdoá-lo pelo passado, mas talvez jamais o perdoe se deixá-la agora.

Spence levantou-se de um pulo.

— Ora Pattie, não posso ficar em Marshallton. Tenho minha vida na Califórnia, assim como você tem a sua, aqui. Você tem J.J. e Allie precisa de você, da mãe, não de um rebelde sem causa, irresponsável, que possa chamar de pai.

— Não quer fazer parte da vida de Allie? Não quer que ela escreva e lhe faça visitas?

Pattie não se deixaria enganar. Spence podia mentir para si mesmo, mas era evidente para quem quisesse ver, que Spencer Rand adorava a filha.

Ele passou as mãos pelos cabelos longos e molhados.

— Não estou abandonando minha filha. Fiz arranjos com Peyton para que Allie tenha tudo o que precise ou queira. Pretendo dar todo o suporte necessário à minha filha.

— Ora, estou certa de que Allie vai apreciar sua generosidade. Pattie estudou-o, perguntando-se se havia se enganado. Seria possível que ele realmente não quisesse envolver-se na vida da filha?

— Sempre que Allie queira escrever ou telefonar, poderá fazê-lo. Eu... ligarei regularmente para ter notícias dela.

— E vai querer que ela o visite?

— Um dia, quando estiver mais velha. No momento, ela não se adaptaria ao meu estilo de vida. Além do mais, deve ficar ao seu lado, enquanto acaba de formar sua personalidade.

— Uma menina precisa do pai, tanto quanto da mãe. O mesmo acontece com um menino. Nós dois sabemos como é crescer numa família em que falta um dos dois.

— Que tipo de pai eu seria? — Spence inquiriu, parando diante da janela e olhando para o gramado, sem vê-lo. — Transformei em desastre todos os meus relacionamentos, a começar pelo papel de filho.

— Você não fracassou como filho. Foi Marshall Rand quem fracassou com pai.

— Peyt não se saiu tão mal, não é mesmo? O velho deve ter feito alguma coisa certa.

Pattie levantou-se, atravessou a sala e pousou a mão no ombro de Spence, sentindo sua tensão.

— Não pode se culpar por tudo, Spence. Pode não ter sido o filho ideal, mas o senador foi um pai terrível, independente do que Peyton seja hoje. E, o que aconteceu entre nós dois, foi tanto sua culpa, quanto minha. Eu poderia ter ido embora com você. Éramos tão jovens... cometemos nossos erros.

Spence virou-se devagar, estudando Pattie da cabeça aos pés, com olhar apaixonado. Ela era tão linda, tão meiga. Ele só queria o conforto doce e feminino que ela lhe oferecia. Perguntou-se se ela lhe abriria os braços e o aceitaria como o homem imperfeito que era.

— Está sendo mais que generosa, Pattie.

— Estou sendo realista. Quero que fique em Marshallton, Spence. Allie precisa de sua família. Precisa tanto de você, quanto de mim.

— Pattie estendeu a mão e acariciou-lhe o rosto coberto pela barba.

— Desde o início, antes que eu soubesse que Allie era nossa filha, eu lhe disse que não estávamos nisso sozinhos, que tínhamos de pensar em J.J. e Allie, que se tratava de um assunto de família. Nada mudou, Spence. Ainda estamos tratando de um assunto de família.

A mão dela em seu rosto era como um bálsamo para suas feridas. Jamais existira em sua vida uma mulher como Pattie. E ele sabia que jamais haveria outra. Lá estava ela. apesar do fato de que provavelmente nunca o perdoaria, pedindo-lhe para ficar e tomar-se parte da família. Ah se ele tivesse a coragem de arriscar! Mas não era só sua vida e seu coração que comeriam o risco. Tinha de pensar em Pattie e Allie e, até mesmo em J.J.

— Não valho o risco, meu anjo. Deve saber disso melhor que ninguém. Abandonei você, quando mais precisou de mim.

Pousou a mão sobre a dela.

— Então, não me abandone agora.

Fitou-o nos olhos, deixando que seus sentimentos se mostrassem, num pedido mudo. Queria que Spence ficasse. Spence segurou-a pelos ombros com firmeza.

— Sabe o que eu quero? Quero fazer amor com você. Quero deitá-la bem ali, diante da lareira, e ficar dentro de você. Toda vez que olho para você, é nisso que penso.

— Acha que não acontece o mesmo comigo? Sempre foi assim, não foi? O desejo sempre instantâneo e irresistível. — Ela o envolveu pela cintura, puxando-o para si. pressionando os seios contra o peito largo. — Não precisamos nos casar, Spence. Não estou pedindo um compromisso para o resto da vida. Não para mim, mas para Allie. Podemos ser amantes. Sem laços, exceto por nossa filha.

— O que está querendo dizer? — ele perguntou, fitando os olhos castanhos, que exibiam o brilho das lágrimas. Jamais a desejara tanto quanto naquele momento.

— Estou dizendo que estou disposta a jogar segundo suas regras, a fazer o que for preciso para ter você em nossas vidas. Nós... Allie precisa de você, Spence. Se for honesto consigo mesmo, terá de admitir que precisa dela também.

— Tem razão. Preciso dela e amo minha filha. Quero ser parte da vida dela, mas morro de medo que eu vá magoá-la, desapontá-la. Você me conhece. Mais cedo ou mais tarde, acabarei fazendo algo errado.

Colocando-se na ponta dos pés, Allie beijou os lábios de Spence, num convite sedutor.

— O dia de Ação de Graças já está chegando. Depois, vem o Natal e, em janeiro, o aniversário de Allie. Fique até o aniversário dela. Faça uma tentativa de viver em família. Só mais seis semanas e, então, se ainda quiser voltar para a Califórnia, não lhe pedirei que fique.

— Só até o aniversário de Allie? — Seis semanas a mais com Allie e Pattie. Ah, a tentação era forte! — E quanto a nós?

— Nós?

— Seremos amantes por seis semanas? Sem laços?

— Se é o que você quer.

— E o que eu quero. — Puxou-a para si, pressionando o corpo contra o dela. — Não me deixe magoá-la. Pattie. Por favor, não permita que eu machuque você, ou Allie.

Pattie agarrou-se a ele, o corpo febril de desejo.

— Faça amor comigo. Spence. Não quero perder um minuto das

nossas seis semanas.

Ele a tomou nos braços, carregou-a até a lareira e deitou-a no tapete macio. Então, ajoelhou-se a seu lado. Pattie estendeu as mãos e desamarrou o cordão que lhe prendia o robe.

Spence tirou-lhe a blusa e o sutiã, então livrou-se do robe.

Pattie acariciou-lhe a pele nua, provocando-lhe gemidos. Passou os dedos por seu peito, traçando linhas sensuais. Spence segurou-lhe a mão e, com gentileza levou-a para baixo, devagar. Ela não resistiu. Deixou-se levar até alcançar a parte mais quente de seu corpo.

— Você tem o corpo mais lindo que já vi — Pattie murmurou. — E bonito, Spencer Rand, absolutamente bonito.

Spence livrou a ambos do resto das roupas e deitou-se sobre ela.

— Não tenho sequer metade da sua beleza, Pattie Cornell. Ela o queria e queria naquele momento! Estendeu os braços, tentando diminuir a distância entre seus corpos. Spence recusou-se a se deixar manipular, assumindo o controle da situação. Num movimento gentil, embora firme e rápido, virou-a, fazendo-a deitar-se de bruços. Baixando o corpo devagar, pressionou-o contra o dela, posicionando cada perna junto das dela. Inclinou a cabeça e deu início a uma descida lânguida, dos ombros aos quadris de Pattie, seus lábios e língua experimentando, explorando, mordendo, beijando. Pattie gemeu baixinho, ao sentir a mão dele deslizar sob seu corpo, buscando o ponto mais sensível de sua feminilidade. Quando Spence intensificou a carícia, os gemidos de Pattie tomaram-se mais altos. Ele sussurrou palavras apaixonadas, algumas obscenas, em seu ouvido. Sem mais poder suportar a pressão do próprio desejo, Pattie contorceu o corpo, buscando uma posição em que poderia recebê-lo dentro de si.

— Mesmo que eu a tenha todos os dias, todas as horas, ainda não será o bastante — Spence murmurou.

Afastou-lhe as pernas, apenas o bastante para penetrá-la. Então, movimentou o corpo em delírio, indo e vindo, num ritmo alucinante. Ainda acariciando-a de maneira íntima com uma das mãos, alcançaram juntos o clímax, explodindo em chamas, consumindo-se na paixão que jamais haviam sido capazes de controlar.

Mais tarde, Pattie deixou Spence adormecido no chão, calculando que ele estava exausto por cinco dias de insônia e preocupação. Depois de vestir-se, olhou para ele, o coração repleto de amor. Jamais existira um homem como Spence em sua vida e nunca haveria outro. Mais do que qualquer outra coisa, ela queria que ele ficasse em Marshallton e

assumisse o papel de pai para Allie e J.J. Queria que fosse seu marido. Mas ele não lhe prometera um compromisso para o resto da vida. Dissera que ficaria até o aniversário de Allie.

Pattie contava com seis semanas para provar a Spence que ele podia ser bom pai e marido, que levava todo o jeito para ser um homem de família.

CAPÍTULO IX

Pattie ouviu o automóvel estacionar diante de sua casa. Portas bateram, seguidas por risadas divertidas e ordens gritadas em bom humor. Ebony correu da cozinha até a grande janela da frente e, apoiando-se nas patas traseiras, espiou para fora, abanando o rabo. Pattie também foi até a janela, afastou a cortina e observou J.J. e Spence, que soltavam a corda que prendia o grande pinheiro sobre o teto do Grand Am. Usando as mãos, Allie os instruía, para que retirassem a árvore, sem danificá-la.

Com um sorriso, Pattie abriu a porta e sentiu o vento frio contra a pele, quando saiu para a varanda. Acenou para os três que se ocupavam da árvore.

Faltando apenas uma semana para o Natal, Pattie sabia que seu tempo se esgotava. Metade das seis semanas que Spence lhe prometera já se passara. Haviam feito grandes progressos, desde o início da vida em família. Ela sentia grande orgulho de J.J., que deixara os próprios sentimentos de lado, a fim de provar a Allie que não tinha ciúmes e fizera grande esforço para ser amigo de Spence. Allie. que voltara rapidamente a adotar o apelido que Spence lhe dera, chamava Pattie de "mamãe", mas ainda se referia ao pai como "tio Spence". Pattie sabia que o fato incomodava Spence, mas ele negava, dizendo que era melhor que Allie e ele não se apegassem demais, se a situação não fosse tão séria, Pattie teria rido dos dois, pela teimosia idêntica que partilhavam. Embora ambos fizessem tudo para negar, haviam se apegado muito antes de Allie descobrir a verdade.

O relacionamento de Spence e Pattie continuava nas bases do hoje e do agora. Eram pais tentando fazer o melhor por sua filha. E eram amantes que não prometiam nada, além dos momentos de paixão que partilhavam na cama de Spence.

Pattie sabia que estava arriscando alto: não apenas seu coração, mas a felicidade futura, sua e de Allie. Ela e Spence haviam entrado num jogo perigoso, que poderia fazer muito mal a todos os envolvidos. A cada dia que passava. Pattie notava que Allie e Spence aproximavam-se mais

e mais, ambos hesitantes, porém esperançosos. Allie não fazia idéia de que Spence pretendia partir logo após o seu aniversário e Pattie não queria nem pensar no que aconteceria quando a filha descobrisse.

Allie liderava o grupo que caminhava oscilante para a varanda. Seus cabelos longos encontravam-se presos sob um boné vermelho e ela vestia uma calça jeans muito justa e blusão vermelho enorme, parecendo uma adolescente típica. O sol da tarde refletia-se nos dois anéis que pendiam da corrente que levava no pescoço.

— Saia do caminho, mamãe — Allie ordenou, passando por Pattie e abrindo mais a porta. — Venham, meninos.

Latindo, Ebony fez festinha para Allie, que mandou-a afastar-se. A cachorrinha correu para o jardim, de onde seguiu J.J. e Spence para dentro. A árvore mal passou pela porta.

Pattie chamou Ebony e fechou a porta contra o vento gelado de dezembro. Virou-se a tempo de ver o topo da árvore balançar, tocando o lustre de leve.

— Cuidado! — gritou.

O lustre oscilou para frente e para trás. Spence e J.J. abaixaram-se, a fim de prevenir um desastre.

— Esses dois são imprestáveis! — Allie comentou com uma risada. — Precisava vê-los cortando a árvore. Todos os outros possuíam serras elétricas. E o que tínhamos? Este serrote vagabundo. Pensei que jamais terminariam.

— Se você não tivesse escolhido a maior de todas as árvores, não teríamos demorado tanto — J.J. replicou, enquanto ajudava Spence a colocar o pinheiro sobre a base que Pattie armara, próximo à janela.

— Se eu deixasse por conta deles, teriam trazido uma arvorezinha anêmica, menor que eu! Está torta. Mais para a esquerda.

— Ah, como é mandona! — J.J. exclamou. — Por que as mulheres acham que sabem tudo e que estão sempre certas?

— Porque estamos mesmo — Pattie respondeu com uma risada, afagando os cabelos de J.J. — Além do mais. Allie está com a razão. A árvore está meio tombada para a direita.

— Mas que ótimo! — foi a vez de Spence. — Era só isso que nos faltava. J.J. Agora, temos duas mulheres para nos dar ordens.

— Quero que a árvore fique certinha — Allie falou, examinando o pinheiro. — Este é o nosso primeiro Natal juntos e quero que tudo esteja perfeito.

Pattie olhou para Spence e os dois trocaram um sorriso de pura

felicidade.

— Está bom, agora, chefe? — Spence provocou.

— Agora, sim, tio Spence. Pode prender a base. — Allie foi até a mesa, onde Pattie depositara varias caixas com enfeites de Natal. — Mal posso esperar para decorar a árvore. Nunca fiz isso antes. Mamãe... quero dizer, Valerie sempre contratava alguém para isso e o resultado era delicado demais para ser tocado.

— Não há nada de mais em decorar uma árvore — J.J. garantiu. — Só precisa lembrar-se de que a primeira coisa a se colocar são as luzes. E é preciso verificar se estão funcionando.

Com o mesmo entusiasmo de uma criança de quatro na manha de Natal. Allie correu pela sala.

— Então, vamos testar as luzes.

— As lâmpadas estão na caixa azul — Pattie avisou-a.

O telefone tocou. Pattie foi atender, esperando que fosse Sherry, da loja. Pattie não costumava deixá-la sozinha aos sábados, mas aquela era uma ocasião especial.

— Alô?

— Pattie, aqui fala Ralph Whitlock.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha. Por que o advogado de Joan Stephenson ligaria?

— Como vai, sr. Whitlock?

— Pattie, parece que Joan está decidida a ir em frente com seus planos. Conversei com o juiz Proctor e ele concordou em fazer uma audiência informal, na semana que vem.

— Uma audiência informal?

— Esperamos chegar a uma solução, sem que seja preciso brigarmos no tribunal. Seria melhor para você e Joan, e para J.J. também.

— Compreendo.

— Se ainda não contratou um advogado. Pattie, é melhor fazê-lo antes da audiência.

— E se eu concordar em dar minha metade da herança a Joan, desde que ela desista da idéia ridícula de tirar J.J. de mim?

O silêncio na sala era pesado. Spence aproximou-se e pousou a mão sobre o ombro de Pattie.

— O que há, meu anjo?

J.J. largou o fio de luzes que segurava. Allie segurou-o no ar.

— Quem está no telefone? — J.J. perguntou. — É o advogado de

Joan? Ela vai nos levar aos tribunais?

Ralph Whitlock limpou a garganta, antes de responder:

— Lamento, Pattie. Joan está determinada a ganhar a custódia de J.J. Ela realmente acredita que você não serve para ser mãe dele.

— Meu advogado entrará em contato com o senhor. — Pattie desligou o telefone e virou-se para os três. — Teremos uma audiência informal no gabinete do juiz Proctor, na semana que vem. Joan finalmente pôs em prática as ameaças de tentar tirar J.J. de mim.

— Ela não pode fazer isso! — J.J. deu um muno na mesa. — Nunca pensei que ela seria capaz. Joan tem tanto ciúme de você, que está ficando louca, Pattie.

— Ela não pode tirar J.J. de você — Allie concordou. — O pai dele queria que vocês dois ficassem juntos.

— Minha prima Joan pouco se importa com o que papai queria. Vai dizer coisas horríveis sobre Pattie e tentar provar que ela não é boa mãe. — J.J. virou-se para Spence. — Chame o seu irmão. Ele é o melhor advogado do Estado do Tennessee. Tenho certeza de que vai arrasar Joan diante do juiz.

— Pattie é uma mãe maravilhosa — Allie argumentou. — Como alguém poderia provar o contrário?

Pattie deu um forte abraço em Allie.

— Obrigada pelo voto de confiança, querida. Infelizmente, receio que o advogado de Joan pode trazer à tona algumas coisas que magoariam a todos nós.

— Em parte, a culpa é minha — Spence falou. — Desde a noite que a deixei no Pale Rider, ela parece enlouquecida. Vive procurando um meio de vingar-se de nós dois.

— Não se culpe — Pattie corrigiu-o. — Joan sempre me desprezou. Isto ia acontecer, mais cedo ou mais tarde. O fato de ela estar furiosa porque estamos juntos só apressou as coisas.

— Vou ligar para Peyt.

Spence apanhou o telefone, mas Pattie segurou-lhe a mão.

— Se formos aos tribunais, será um escândalo. Certamente, Whitlock vai citar o fato de que tive uma filha ilegítima, meu estilo de vida pouco ortodoxo, todas as festas e namorados e também, a verdade sobre Allie. E não vai perder a chance de alegar que estamos tendo um caso.

Spence lançou um olhar para Allie, que sorriu.

— Não sou boba. Sei muito bem que vocês estão dormindo juntos.

— Ora, se vão se casar, que diferença faz? — J.J. perguntou. — Allie e eu não nos importamos.

— J.J. está certo. Por que eu deveria me incomodar com o fato de meu pai e minha mãe dormirem juntos?

— Ligue para Peyton — Pattie pediu a Spence. — Diga a ele que a custódia de J.J. é um assunto de família e que estamos todos juntos nisso.

Spence discou o número da residência do irmão e deixou um recado na secretária eletrônica, se alguém podia proteger os direitos de Pattie e J.J., era Peyton. Afinal, como J.J. dissera, ele era o melhor advogado no Estado de Tennessee.

Como Pattie havia previsto. Ralph Whitlock não perdeu tempo com rodeios. Era óbvio que Joan o instaurou a atacar direto no ponto mais fraco. Ele descreveu Pattie como uma mulher fatal, que abandonara a escola, engravidara ainda adolescente, que freqüentara festas duvidosas e tivera uma série interminável de namorados. Whitlock ainda sugeriu que Pattie ficara noiva de Fred Cárter somente por suas posses: a bela casa, a loja de móveis, sua gorda conta bancária e a apólice do seu seguro de vida.

Spencer sentia-se grato pela audiência ser informal e acontecer no gabinete do juiz. Do contrário, a cidade inteira lotaria o tribunal.

— Creio que todos concordamos que Pattie não e uma santa, que cometeu seus erros, assim como todos nós — Peyton Rand falou, lançando um olhar significativo para Joan Stephenson. — Mas ela não é a pecadora que o sr. Whitlock quer nos fazer acreditar. — Fazendo uma pausa de efeito, Peyton concentrou-se na cliente. — Pattie Cornell, juiz Proctor, e uma mulher caridosa, de bom coração, que já provou ser uma mãe exemplar para J.J. Carter.

— Excelência — Ralph Whitlock interrompeu-o —, não creio que as palavras "mãe exemplar” possam ser usadas para descrever Pattie Cornell. Ela possui uma reputação duvidosa na cidade, há muito tempo, se Fred Carter não estivesse tão cego por sua beleza e apelo sexual, jamais deixaria a guarda do filho em suas mãos.

Peyton soltou a sua risada profunda, que as mulheres costumavam achar tão atraente e os homens, intimidativa.

— Juiz, tal afirmação e risível. E evidente que Fred considerava Pattie atraente, assim como Ralph, Spencer, eu... e até o senhor, achamos.

Os murmúrios irritados de Joan Stephenson criaram uma leve

perturbação, que seu advogado tratou de abafar depressa. Peyton sorriu.

— Escute, Peyton — disse o juiz Proctor. — Conheço todos vocês desde crianças. Você, Spencer e Ralph, assim como Joan e Pattie. Acho este assunto extremamente desagradável, mas Joan vem nos pressionando desde a leitura do testamento de Fred. Tenho a obrigação de ouvir as duas partes. Mas, quero deixar claro que esta audiência informal tem o objetivo de resolvermos o assunto fora do tribunal. Não quero esta questão ventilando por aí!

— O assunto só será resolvido fora do tribunal, se Pattie atender às minhas exigências! — Joan levantou com gestos afetados. — Esta mulher não está capacitada a educar uma criança. Passou de um namorado para outro, desde a adolescência e, agora, está tendo um caso, enquanto duas crianças inocentes vivem em sua casa. Minha querida amiga Valerie Rand ficaria arrasada se soubesse que o irmão praticamente entregou sua filha a um tipo como Pattie Cornell. Afinal, ela era filha da empregada dos Rand.

— Sente-se. Joan — O juiz Proctor ordenou. — Spencer: está vivendo com Pattie?

— Não... excelência.

Spence rezou para que Clayburn Proctor não lhe perguntasse se estava tendo um caso com Pattie. Seria inútil mentir, uma vez que metade da cidade sabia, mas ele morreria se levasse Pattie a perder a custódia de J.J.

— Bem, que história é essa sobre a filha de Valerie estar morando com Pattie? — o juiz inquiriu, lançando um olhar pensativo a Spence.

Spence olhou para Peyton, que balançou a cabeça.

— Excelência, é verdade que Allison Wilson está vivendo com Pattie Cornell — Peyton falou. — Há uma explicação lógica para isso, mas... bem, trata-se de uma questão delicada, que não deve ser discutida diante da sra. Stephenson e seu advogado.

— Protesto — Ralph Whitlock manifestou-se. — O sr. Rand é conhecido por suas táticas pouco ortodoxas nos tribunais. Se pensa que...

— Ora, cale-se, Ralph — Proctor interrompeu-o. — Faremos um intervalo de dez minutos, enquanto o sr. Rand vai me explicar a tal situação delicada. Enquanto isso, peço às duas senhoritas que pensem num meio de entrarmos num acordo.

Spence acompanhou Pattie ao corredor, onde J.J. e Allie

aguardavam.

— E então, o que aconteceu? — J.J. perguntou ansioso. — Pensei que fossem me chamar e me perguntar com quem quero viver.

— Ainda não terminou — Spence explicou, mantendo o braço em tomo dos ombros de Pattie. — O juiz fez um intervalo de dez minutos.

— Por quê? — Allie perguntou.

— Seu tio Peyton vai explicar ao juiz os motivos pelos quais você está morando com Pattie.

Spence não sabia qual seria a reação de Allie e surpreendeu-se ao vê-la rir.

— Só isso? Por que precisou de intervalo? — J.J. inquiriu.

— Porque... bem, se Joan descobrisse a verdade, contaria à cidade inteira — Pattie falou.

J.J. pegou a mão de Allie.

— Ora, Allie não se importa que os outros saibam. Aliás, planejou contar às amigas, quando voltar à escola, depois do Natal.

— E verdade? — Spence fitou-a com atenção.

— Já contei a Leigh e à mãe dela. — Allie apertou a mão de J.J. — J.J. e eu estivemos conversamos e decidimos que queremos depor em favor de Pattie. Queremos dizer ao juiz que Pattie é a melhor mãe do mundo.

Os olhos de Pattie encheram-se de lágrimas e ela abraçou os dois.

— Não vou perder nenhum de vocês. Não importa o que eu tenha de fazer para isso.

Spence abriu a porta do gabinete do juiz.

— Com licença. E melhor suspendermos o recesso. Pattie e eu queremos fazer uma declaração.

Peyton observou o irmão por um momento, então sorriu e virou-se para o juiz:

— Excelência?

— Faça com que todos voltem para dentro, inclusive as duas crianças. Assim que todos se sentaram no gabinete, Peyton virou-se para Spence:

— Meu irmão tem algo a dizer, que deve esclarecer de uma vez por todas o mal entendido sobre a presente residência de Allison Wilson.

Spence levantou-se.

— Pattie Cornell e eu fomos adolescentes rebeldes, mas... ela não teve uma porção de namorados. Só eu. Ficamos noivos. Deixei a cidade sem saber que ela esperava um filho meu. Isso foi há catorze anos.

— Todos sabem da história — Whitlock interrompeu-o. — O que o fato de Pattie ter dado à luz um filho seu, que morreu, tem a ver com este caso?

— Nossa filha não morreu.

O silêncio tomou conta da sala. Todos os olhos encontravam-se fixos em Spence.

— Minha irmã Valerie estava grávida de seis meses. Seu bebê nasceu morto, no mesmo dia em que Pattie deu à luz uma menina forte e saudável. Meu pai, em sua maneira deturpada e tirânica, fez o papel de Deus. Trocou os bebês. Allison Wilson não e filha de Valerie e Edward Wilson. E minha e de Pattie.

— Mas, isso e uma mentira horrenda! — Joan gritou. — Spencer Rand, como pode dizer coisas tão horríveis sobre seu pai e sua irmã, que estão mortos e não podem se defender?

— Receio que Spencer esteja dizendo a verdade — Peyton interferiu. — Tenho em minha pasta uma cópia do testamento de Valerie e Edward, assim como a carta que Valerie escreveu a Spence, contando o que nosso pai fez.

— Não acredito em uma palavra! — Joan pôs-se de pé.

— Pelo amor de Deus, Joan, sente-se e fique quieta! — Whitlock ordenou.

Peyton dirigiu-se ao juiz:

— Podemos deixar de considerar a questão sobre Allison Wilson como sendo alheia a este caso, excelência?

— Claro que sim. Prossiga.

— Excelência, não creio que o sr. Whitlock tenha qualquer evidência que prove que minha cliente não está capacitada para ser mãe — disse Peyton. — Mas acredito que a srta. Stephenson provou não ser nada exemplar como mãe em potencial, não concorda?

— Pattie Cornell enfeitiçou os irmãos Rand! — Joan gritou. — Provavelmente, está dormindo com os dois.

Cerrando os punhos, Spence deu um passo à frente. Jamais em sua vida agredira uma mulher, mas sentia-se fortemente tentado a fazê-lo agora. Foi Pattie quem o segurou.

J.J. aproximou-se de Joan, bloqueando o caminho de Spence e Pattie.

— Eu prefiro morrer a viver com você. Joan. Pattie é dez vezes melhor do que você. Ela me ama de verdade. E Pattie não dorme com todo mundo. Ela amava meu pai e ama Spencer Rand.

— Vamos manter a ordem aqui dentro — Proctor recomendou.

Peyton e Ralph separam as facções em guerra. Então, viraram-se para o juiz., a espera de uma conclusão. Proctor coçou o queixo pensativo.

— Joan Stephenson, devo adverti-la de que não deve mais insistir neste caso. Pode criar um escândalo na cidade, mas não conseguirá nada no tribunal. Fui claro?

— Eu não... — Joan começou a falar.

— Ela compreendeu, excelência — Whitlock interferiu.

— Quanto a você. Pattie Cornell, eu diria que terá muito o que fazer, com dois adolescente para criar. Não é a mãe ideal mas, se ficar longe de encrencas, tem boas chances de manter seu filho e sua filha com você, até os dois se tomarem independentes.

— Obrigada excelência.

O juiz apontou um dedo para Spence.

— Spencer Rand, ou se casa com esta mulher, ou desapareça da vida dela. Não fica bem ela educar dois adolescentes e, ao mesmo tempo, manter um relacionamento ilícito. Estamos no Tennessee, não na Califórnia.

Ralph Whitlock levou Joan para fora do gabinete o mais depressa que pôde, esperando com isso evitar novos confrontos. Peyton apertou a mão de Spence, deu um beijo no tosto de Pattie e virou-se para o juiz.

— Que tal jantarmos juntos esta noite. Claybum?

— Vou telefonar para a minha esposa — Proctor respondeu. J.J. passou um braço em tomo dos ombros de Pattie.

— Estou contente que isto esteja terminado. E então? Quando é que você e Spence vão se casar?

O coração de Pattie quase parou de bater.

— Bem... eu... nós...

— Sim, papai, quando você e Pattie vão se casar? — Allie perguntou, atirando-se nos braços de Spence.

Spence abraçou a filha, sentindo-se miserável.

— Sua mãe e eu vamos discutir o assunto e, então, informaremos vocês.

— Quando? — Allie insistiu com um sorriso de pura felicidade.

— Depois do Natal — Spence respondeu.

— Seria bárbaro se vocês se casassem no meu aniversário. Já estamos tão perto. — Segurou a mão de Spence e a de Pattie. — Agora, sim, podemos ser uma família.

Quando Allie sorriu para J.J. e ele lhe retribuiu o sorriso, Spence lançou um olhar desesperado para Pattie. Então, ela soube que ele não mudara de idéia: pretendia partir logo após o aniversário de Allie.

O que mais ela poderia fazer? Spence tinha uma família que precisava dele. Seria possível que ele não se desse conta de que não poderia desapontá-los mais do que partindo agora?

CAPÍTULO X

Spence ajudava Pattie a decorar a sala. A mesa já estava posta, com um enorme bolo de aniversário, sanduíches, poncheiras e salgadinhos.

— Acha que ela vai gostar? — Pattie perguntou. — Quero que este seja o melhor aniversário que Allie já teve.

— E vai ser, meu anjo. Allie encontrou um verdadeiro lar aqui, com você e J.J.

Spence não queria pensar no dia seguinte, em seu retomo à Califórnia e ao estilo de vida que, antes, ele considerava satisfatório. Se Pattie lhe pedisse para ficar, teria coragem de arriscar? Nas últimas semanas, dera-se conta do quanto amava Pattie e Allie. e até mesmo J.J.

— Tudo o que sempre sonhei foi ter meu próprio lar. Uma família. Marido e filhos.

Pattie afastou-se de Spence e dos sentimentos que sua proximidade despertava. Como viveria sem ele? E Allie, como reagiria ao saber que o pai estava de partida?

— Eu gostaria... Bem, sinto muito não ser o homem certo... Não sou um bom candidato a marido.

Spence não foi capaz de encarar Pattie, temendo que ela reconhecesse o desespero em seus olhos. Queria que ela lhe dissesse que não se importava com o que ele fora até então. Queria ouvir que ela o amava o bastante para aceitá-lo como era e arriscar-se a sofrer mais uma vez. Porém, era óbvio que Pattie aceitara sua decisão de deixar Marshallton. Nem por uma vez, nas últimas seis semanas, ela lhe pedira para ficar depois do aniversário de Allie.

— Também lamento que você seja do tipo familiar.

Pattie fizera tudo o que se encontrava ao seu alcance para provar a Spence que ele fazia parte daquela família, que seu lugar era junto dela, de Allie e J.J. Fizera uso de toda a sua força de vontade para não implorar que ficasse, pois não era o que ele queria e só tomaria as coisas mais difíceis na hora da separação.

— Algumas coisas simplesmente não estão predestinadas a acontecer. Acho que é assim — Spence falou, olhando para o chão.

Pattie consultou o relógio.

— Já são quase três horas. Os dois vão chegar da escola a qualquer momento. É melhor você pegar os presentes de Allie no carro.

— Sim, farei isso.

Spence aproveitou a oportunidade para afastar-se de Pattie e da tensão insuportável que se criam entre eles.

Uma vez lá fora, não teve pressa em apanhar os presentes, que ele e Pattie haviam escondido no porta-malas do Grand Am. Haviam escolhido os presentes juntos. Treze aniversários haviam se passado, sem que nenhum dos dois soubesse que tinham uma filha. Seria possível recuperar o tempo perdido? Claro que não. Como Pattie costumava dizer, o passado não podia ser mudado. Tinham de viver o presente. Ele e Pattie sempre haviam vivido o presente, sem nunca olhar para trás... ou para a frente.

Como conseguiria dizer adeus no dia seguinte? E deixar para trás tudo o que possuía algum significado em sua vida? A única mulher que amara, a filha que acabara de encontrar, o garoto que tanto precisava de um pai.

Devia voltar para dentro daquela casa e dizer a Pattie que, quisesse ela ou não, ele não iria embora. Nem agora, nem nunca. Só queria uma chance para provar que a merecia.

Sabia que Pattie o amava. Ela mostrava seu amor cada vez que ele a tocava. Eram como fogo e gasolina, criando explosões instantâneas, sempre que se aproximavam. Mas ele a fizera sofrer demais. Não podia culpá-la, se ela não quisesse arriscar o futuro com ele. O futuro dela e de seus dois filhos.

Apanhou os presentes e fechou o porta-malas. Quando entrou na casa. Pattie estava na cozinha, colocando gelo em copinhos plásticos. Spence parou na porta e ficou a observá-la, memorizando cada detalhe de seu rosto, cada curva de seu corpo. Desejou possuir uma foto recente para substituir a outra, tão antiga, que carregava consigo há anos. Tentara esquecer Pattie, afastando-a da memória. Mas seu coração não lhe permitira o luxo. Agora, seria ainda mais difícil esquecê-la.

— Onde estão os presentes? — Pattie perguntou ao vê-lo.

— Na mesa, ao lado do bolo.

— Boa idéia. — Ela lhe entregou a bandeja cheia de copos. — Leve isto para a sala e ponha música para tocar, enquanto termino aqui.

Observou-o sair da cozinha, sabendo que no dia seguinte ele lhe daria as costas e sairia de sua vida para sempre. Da primeira vez em que Spence a deixara, catorze anos antes, Pattie pensara que ia morrer. Mas não morrera. Sobrevivera. E sobreviveria desta vez. Afinal, ninguém morria por causa de um coração partido e ela, certamente, não seria a primeira. Se Spencer Rand era covarde a ponto de nem sequer tentar assumir a vida de marido e pai, o que mais ela poderia fazer?

Voltando a consultar o relógio, deu-se conta de que Allie e J.J. deveriam chegar a qualquer momento. Tinha de parar de agir como uma tola apaixonada. As crianças perceberiam que havia algo errado, se ela não se comportasse com a costumeira alegria.

Foi até a sala e observou Spence, que separava alguns discos. Como um homem podia ser tão sexy? Spence era um dos poucos homens que podiam usar os cabelos compridos até os ombros, sem parecer um vagabundo. Ao contrário, ele fazia lembrar um pirata, pronto a saquear a costa e raptar uma virgem.

Ele se virou e encarou-a. Ah, que olhos lindos! Fascinantes em sua mistura de azul e verde.

Por um momento, Pattie perdeu a voz.

— Quando vai dizer a Allie que vai embora? — perguntou.

— Amanhã, de manhã. — Spence tomou-lhe as mãos nas suas. — Sei que estou agindo como um covarde, mas... ela vai me odiar.

— E melhor que ela o odeie agora, do que mais tarde. Não é assim que pensa? — Pattie retirou as mãos das dele. — Já que tem tanta certeza de que, mais cedo ou mais tarde, vai decepcioná-la, por que não acabar de vez com isso? Vá logo, antes que crie qualquer confusão.

Ah, como doía ouvi-la atirar-lhe as próprias palavras de volta! Queria negar com veemência, dizer a ela que já não era o moleque irresponsável que fora um dia. Era um homem pronto a aceitar e assumir suas obrigações para com sua família. Um homem que só desejava dedicar-se aos prazeres do casamento e da paternidade.

— Não quer que eu fique, não é Pattie? — Ela não seria capaz de perceber o que ele estava pedindo. — Espera que eu a magoe de novo, não é? Viveria imaginando que eu a abandonaria de novo...

— Adorei cada momento que passamos juntos, nessas seis semanas, mesmo sabendo que você partiria — ela falou, dando-lhe as costas. — Se ficasse seis meses, um ano, ou a vida inteira, eu adoraria cada momento.

Spence empertigou-se. Teria ouvido direito?

— Pattie?

A campainha tocou. Pattie sobressaltou-se. Spence murmurou um palavrão.

— Vou atender. Pode ser um dos convidados.

Pattie secou as lágrimas com rapidez e discrição e foi abrir a porta. Leigh White entrou com expressão sombria.

— Olá. Pattie.

— Olá, Leigh. Está um pouco adiantada. J.J. ainda não trouxe a aniversariante da escola.

— Eu sei — Leigh comentou. — J.J. está adorando dirigir o Porsche de Spence.

— Faz com que se sinta um grande homem — Pattie falou com um sorriso, mas notou a seriedade de Leigh. — Algo errado?

— Spence está em casa?

— Estou aqui — ele acenou da sala.

— Eu... não sei como contar a vocês... Tentei dissuadi-los, mas...

— Do que está falando? — Pattie perguntou alarmada.

— J.J. e Allie fugiram... para o Alabama... para se casar.

— O quê?! — Pattie e Spence gritaram ao mesmo tempo.

— Allie ouviu vocês dois conversando sobre Spence voltar à Califórnia, depois do aniversário dela.

— Ah, meu Deus! — Pattie cobriu o rosto com as mãos.

— O que tem a minha partida para a Califórnia a ver com o casamento dos dois?

— Eles disseram... bem...

— Disseram o quê?

— Que, se você e Spence não conseguem resolver sua vida e viver como uma família, então eles iam se casar e formar a própria família.

— Vou matar aquele garoto — Spence falou entre dentes. — Allie só tem catorze anos!

— J.J. tem dezesseis — Pattie lembrou-o.

— Certamente, nenhum juiz em sã consciência vai permitir que duas crianças se casem. — Spence passou a mão pelos cabelos.

— Sabe para que cidade do Alabama eles foram?

— Foram para Jonesville, procurar um juiz de paz. Não há necessidade de solicitar a licença com antecedência, no Alabama— Leigh explicou.

— Quando partiram? — Pattie inquiriu.

— Esta manhã. Não foram à escola.

— Isso significa que já podem estar casados, se encontraram um doido capaz de autorizá-los! — Spence segurou Pattie pelos ombros. — E tudo minha culpa. Eu deveria ter conversado com Allie, explicado minhas razões para ir embora. Desta vez, meu erro foi grande demais. Allie e J.J. vão pagar por mim!

Pattie afastou-se de Spence e fitou-o com irritação.

— Pare de sentir pena de si mesmo! Não foi culpa sua, Allie e J.J. planejaram alguma coisa.

— Do que está falando?

— Estão querendo chamar a nossa atenção. Nenhum dos dois tem idade para obter uma licença de casamento. Terão de mostrar os documentos. — Pattie abriu o armário, apanhou dois casacos e atirou um deles para Spence. — Vamos para Jonesville e descobrir o que planejaram, desta vez.

Uma vez em Jonesville, não demoraram dez minutos para localizar a residência de Carl Greene, o juiz de paz. Afinal, Jonesville era uma cidade muito pequena e um casal de adolescentes num Porsche não passaria despercebido.

Spence estacionou o Grand Am em frente á bela casinha de dois andares, com jardim repleto de arbustos bem aparados.

Pattie e Spence atravessaram o gramado correndo e tocaram a campainha. Uma senhora simpática, de meia-idade, abriu a porta.

— Vocês devem ser Spence e Pattie. Sou Norma Greene. Estávamos à sua espera. Entrem. Seus filhos estão lá dentro.

— Nossos filhos...? — Spence repetiu confuso.

— Estava à nossa espera? — Pattie murmurou, tão surpresa quanto ele.

— Já preparamos tudo para a cerimônia. Só precisamos da licença. — Norma deu um passo para o lado e, com um gesto da mão, convidou-os a entrar.

Confusos, porém ansiosos para descobrir o que se passava, Pattie e Spence aceitaram o convite da sra. Greene, que os levou ao escritório. Allie correu para os dois, envolvendo-os num só abraço.

— Pensei que não iam chegar nunca! — Virando-se para a dona da casa, apresentou-os: — Estes são nosso pais, Spencer Rand e Pattie Cornell.

— Seus filhos providenciaram tudo — Norma informou-os. — Carl e eu já arrumamos a sala.

— São estes os noivos? — perguntou um homem alto e magro, que

acabara de entrar.

— Noivos? — Pattie olhou do homem, que devia ser Carl Greene, para Allie. — Allie. o que está acontecendo aqui?

J.J. que até então, ficara quieto, ao lado da lareira, adiantou-se com um sorriso.

— Allie descobriu que Spence, papai, pretendia nos deixar e voltar para a Califórnia. E que Pattie, mamãe, não ia fazer nada para impedi-lo. Então, nós conversamos e decidimos que precisávamos tomar uma atitude desesperada para impedi-los de cometer o maior erro de suas vidas... de novo.

— Está dizendo que nunca pretenderam se casar? — Spence perguntou boquiaberto.

— Pensou mesmo que faríamos uma coisa dessas? — Allie sorriu e piscou para J.J. — Viu? Eu disse que ia dar certo.

— Ora, não vou pedir a Allie que se case comigo, enquanto eu não terminar a faculdade e arranjar um bom emprego — J.J. declarou, olhando diretamente para Spence, como se suas palavras constituíssem uma promessa solene.

— Então, tudo isso não passou de uma armadilha? — Colocando as mãos na cintura, Pattie fitou J.J. — Quero uma explicação, mocinho. E quero agora!

— Não culpe J.J. — Allie intercedeu. — A idéia foi minha. Papai, eu não podia permitir que nos deixasse. Sei que não quer voltar para a Califórnia.

— Allie, querida, precisa compreender o que se passa entre seu pai e eu. — Pattie tomou a mão da filha e apertou-a.

— Seus filhos querem ver os dois casados — Carl Greene anunciou. — Já preparamos tudo. Só precisam fazer o exame de sangue. O dr. MeCorkle, nosso vizinho, está à sua espera. E seu irmão Peyton convenceu o juiz a esperá-los, a fim de dar a licença.

— Acredita nisso? Até Peyt participou do golpe!

Spence perguntou-se quando ia acordar e descobrir que estivera sonhando. Sua filha provara ter herdado os genes dos pais. Aquele golpe fora muito mais ousado do que todos os que ele e Pattie imaginavam, quando jovens.

— Allie, não pode simplesmente arranjar meu casamento com Spence e esperar que levemos isso adiante.

Pattie sentia-se dividida entre o desejo de explodir em lágrimas e de morrer de rir.

— Por que não? Alguém tem de agir como adulto responsável e não me parece que meus pais sejam capazes de tanto. Pattie, você ama Spencer Rand?

— O quê?

— Ama ou não ama meu pai?

— Claro que amo... sempre amei.

Pattie perguntou-se por que se sentia como se fora despida diante do mundo.

— E você, papai, ama Pattie Cornell?

— O quê?

— Ama a minha mãe?

— Sim, eu a amo. Pattie foi a única mulher que amei em minha vida — Spence admitiu.

Allie pegou a mão de Pattie e de Spence.

— Mamãe, quer que papai fique em Marshallton e faça parte da nossa família?

Pattie lançou um olhar a Spence, antes de responder:

— Sim.

— E você, papai? Quer se casar com mamãe e ficar conosco para sempre?

Bem, meu velho, Spence disse a si mesmo, é agora ou nunca.

— Sim, quero me casar com Pattie. Não quero perdê-la de novo. E não quero deixar você e J.J. sem pai.

Pattie não sabia quanto tempo mais conseguiria conter a torrente de lágrimas.

— Muito bem — disse Carl Greene —, acho que está tudo resolvido. Norma, por favor, leve nossos amigos para fazer os testes com o dr. McCorkle e ao fórum, para retirar a licença. Quando voltarem, Allie e J.J. estarão prontos para serem os padrinhos do casamento de seus pais.

Três horas depois, Spencer Rand, vestindo camisa de flanela xadrez, gravata azul e calça jeans, e Pattie Cornell, também de calça jeans e blusão vermelho, fizeram seus votos.

Quando chegou o momento das alianças, Spence ficou perplexo. Então, Allie retirou o anel de diamantes de sua comente e entregou-o ao pai.

Spence colocou-o no dedo de Pattie, então levou sua mão aos lábios e beijou-a com ternura.

Carl Greene declarou-os marido e mulher mas, antes que pudesse falar mais, Spence tomou Pattie nos braços e beijou-a com paixão. Allie

soltou gritinhos de satisfação. J.J. aplaudiu entusiasmado.

Spence fitou Pattie com olhar repleto de amor e confiança.

— Sabe que não está fazendo um bom negócio, meu anjo. Mas prometo que farei o possível para ser bom marido e pai. Vou compensá-la por tudo o que passou.

— Pare de dizer bobagens. Ontem já passou, mas temos o hoje e o amanhã.

— Não está preocupada com o amanhã?

— Escute, sr. Rand, pode achar que não fiz um bom negócio, mas acho você maravilhoso e perfeito para mim. Além do mais, não sou a típica esposa e mãe. Garanto que terá muitas surpresas comigo. E aqueles dois ali vão nos proporcionar muitas noites de insônia. Veja só o que fizeram hoje!

Allie aconchegou-se sob o braço de Spence. Pattie abraçou J.J.

— Ora, não precisam se preocupar comigo e com Allie. Já somos quase adultos. E em nossos irmãozinhos que devem pensar.

Spence e Pattie entreolharam-se. Aquele era o início de sua vida como marido e mulher, e tudo seria possível. Até mesmo a possibilidade de partilharem as alegrias da gravidez, do parto e da infância de seu bebê... todas as coisas que haviam perdido com Allie.

— Eu te amo, sra. Rand — Spence disse à sua esposa. — Você e estes dois capetinhas que arranjou.

— E eu amo você, sr. Rand. Amo todos vocês.

EPÍLOGO

Cornell Rand, de seis anos, carregava a almofadinha com as alianças. Caminhando à sua frente, sua irmã Leah, de quatro anos, espalhava pétalas de rosa pelo corredor da igreja.

Pattie Cornell Rand, mãe da noiva e do noivo, secou as lágrimas de felicidade, observando seus filhos mais novos tomarem seus lugares no altar.

A música do órgão cessou. Os sinos anunciaram que eram sete horas. No momento em que a Marcha Nupcial começou a tocar, Pattie levantou-se e virou para porta da igreja. Todos os convidados fizeram o mesmo.

Spencer Rand guiou a filha pelo corredor. Allison Patrícia Rand usava um vestido de cetim branco, ornado de minúsculas pérolas. O véu de tule branco cobria seus longos cabelos castanhos.

Os olhos de Pattie encheram-se de lágrimas, quando ela fitou o homem que era seu marido há nove anos. Parado em frente ao

reverendo, Spence segurou a mão da filha por alguns instantes, antes de entregá-la a J.J. Então, virou-se e voltou pelo corredor, indo sentar-se ao lado de Pattie e sussurrando-lhe ao ouvido o quanto a amava.

Quando o reverendo deu continuidade à cerimônia, ela secou as lágrimas com seu lencinho de renda branca. Spence tomou-lhe a mão e sorriu. Ela o fitou e também sorriu, deixando que todo o seu amor brilhasse em seus olhos.

Aquele era mesmo um caso de família muito especial na vida do senhor e da sra. Rand e seus quatro filhos.

BEVERLY BARTON é apaixonada por romances, desde que seu avô lhe deu um exemplar ilustrado de A Bela e a Fera. Ainda na infância, tornou-se uma leitora ávida e começou a escrever aos nove anos. Escreveu contos, poesias, peças e romances, durante os anos de colégio e faculdade. Depois do casamento com seu próprio herói e do nascimento do casal de filhos, decidiu ser dona de casa em período integral, mãe, amiga e voluntária. Há sete anos começou a lecionar como professora substituta e voltou a escrever como hobby. O hobby transformou-se em obsessão, à medida que ela passou a dedicar mais e mais tempo ao aperfeiçoamento de suas habilidades como escritora. Agora, o grande sonho de ter seus livros publicados tornou-se realidade.

BEVERLY BARTON é apaixonada por romances, desde que seu avô lhe deu um exemplar ilustrado de A Bela e a Fera. Ainda na infância, tornou-se uma leitora ávida e começou a escrever aos nove anos. Escreveu contos, poesias, peças e romances, durante os anos de colégio e faculdade. Depois do casamento com seu próprio herói e do nascimento do casal de filhos, decidiu ser dona de casa em período integral, mãe, amiga e voluntária. Há sete anos começou a lecionar como professora substituta e voltou a escrever como hobby. O hobby transformou-se em obsessão, à medida que ela passou a dedicar mais e mais tempo ao aperfeiçoamento de suas habilidades como escritora. Agora, o grande sonho de ter seus livros publicados tornou-se realidade.